



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**“Parentes ou Estranhos?”: Um estudo exploratório da
dinâmica das relações em Famílias Reconstituídas com
filhos(as) Adolescentes**

Filipa Dias Pires

Orientação: Prof.^a Doutora Heldemerina Pires

Mestrado em Psicologia

Área de especialização: *Psicologia da Educação*

Dissertação

Évora, 2019



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Escola de Ciências Sociais

“Parentes ou Estranhos?”:

**Um estudo exploratório da dinâmica das relações em
Famílias Reconstituídas com filhos(as) Adolescentes**

Filipa Dias Pires

Orientadora:

Prof.^a Doutora Heldemerina Samutelela Pires

Mestrado em Psicologia

Especialização em Psicologia da Educação

Évora, abril, 2019

Agradecimentos

A entrega e dedicação ao presente estudo surgem por um interesse especial e pessoal. A realização e conclusão deste projeto tornou-se possível não só pelo gosto pessoal, mas sobretudo pelo apoio e por acreditarem sempre em mim. Deste modo, não poderia deixar de fazer os seguintes agradecimentos:

Durante este caminho que se iniciou na Universidade de Évora, o apoio dos meus familiares (em especial os meus pais, tanto pelo apoio e suporte), foi uma condição imensurável para conseguir concretizar este projeto.

Sem pretensão de hierarquizar pela importância do apoio ou dos afetos, afinal esta parte não pode ser, definitivamente, quantificada, começo por agradecer à minha orientadora Professora Doutora Heldemerina Pires sempre uma grande incentivadora, prestativa e apoiante relativamente a relevância deste estudo no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Agradeço também a todos os colegas e amigos do Departamento de Psicologia, que de uma forma direta através de partilhas de reflexão ou indiretamente, com palavras de estímulo, manifestaram o seu apoio.

O meu agradecimento especial à Cátia Coelho pela parte significativa no suporte deste projeto.

Sinto-me profundamente agradecida a todas as famílias reconstituídas que se disponibilizaram para participar nesta investigação. Conhecer estas pessoas e uma parte dos seus sentimentos e histórias foi um verdadeiro marco na minha vida. Todos os testemunhos e partilha de sentimentos durante a recolha dos dados ajudaram-me no meu desenvolvimento como pessoa e enriqueceram o meu conhecimento sobre a vivência deste tipo de famílias.

“Parentes ou Estranhos?”:

Um estudo exploratório da dinâmica das relações em Famílias Reconstituídas com filhos(as) Adolescentes

Resumo

A presente investigação teve como objetivo estudar a dinâmica das relações nas famílias reconstituídas com filho(a)s adolescentes. Participaram no estudo 8 padrastos e 5 madrastas com idades compreendidas entre os 34 e os 58 anos e respetivos enteados e enteadas adolescentes com idades compreendidas entre 13 e 18 anos de idade. Mediante entrevista semiestruturada, procurou-se recolher o entendimento de padrastos, madrastas, enteados e enteadas relativamente - as dinâmicas das relações existentes entre os membros de famílias reconstruídas. As verbalizações dos participantes foram analisadas com recurso à técnica de análise de conteúdo, tendo esta revelado que as dinâmicas das famílias reconstituídas são percebidas como complexas ao longo processo de reconstituição familiar. Embora as dinâmicas deste tipo de família sejam similares às famílias ditas normais, estas exigem um processo de adaptação mais complexo e por vezes mais demorado entre os seus elementos.

**“Relatives or Strangers?”:
An exploratory study of the dynamics of
in Reconstituted Families with Children (adolescent)**

Abstract

The present research aimed to study the dynamics of relationships in families reconstituted with children (adolescents). Participants in the study were 8 stepfathers and 5 stepmothers aged between 34 and 58 years and their respective stepchildren and stepchildren between the ages of 13 and 18 years old. Through a semi-structured interview, an attempt was made to gather the understanding of stepfathers, stepmothers, stepchildren and stepchildren relatively - the dynamics of the relationships existing among the members of reconstructed families. The verbalizations of the participants were analyzed using the technique of content analysis, which revealed that the dynamics of the reconstituted families are perceived as complex throughout the process of family reconstitution. Although the dynamics of this type of family are similar to normal families, they require a more complex and sometimes more time-consuming adaptation process among their families.

Índice Geral

Introdução	11
PARTE I – Enquadramento Teórico	13
Capítulo I – Família e Famílias Reconstituídas	13
1.1. Conceito e definição de Família	13
1.2. Estrutura e funções da família	14
1.3. Famílias em Transformação	15
1.4. Conceito e definição de Famílias Reconstituídas	16
1.4.1. Estrutura e Funções das Famílias Reconstituídas	17
1.4.2. Conjugalidade nas Famílias Reconstituídas	20
1.4.3. Parentalidade e a coparentalidade	22
1.4.4. Dificuldades sentidas pelos elementos das Famílias Reconstituídas	24
1.4.5. Potencialidades das Famílias Reconstituídas	26
Capítulo II – Dinâmica familiar das Famílias Reconstituídas com filho/a(s) adolescentes	28
2.1. Famílias com filho/a(s) adolescentes	28
2.2. Famílias Reconstituídas com filho/a(s) adolescentes e suas dinâmicas	29
2.2.1. Relação pai e/ou mãe e filho/a(s) adolescente(s)	31
2.2.2. Relação Padrasto/Madrasta e enteado/a(s) adolescente	33
2.2.3. Relação entre irmãos, meios-irmãos e co-irmãos	34
2.2.4. Relação de Casal	35
PARTE II – Estudo Empírico	37
Capítulo III – Método	37
3.1. Considerações Metodológicas	37
3.2. Problemática do Estudo	38
3.3. Objetivo do Estudo	39
3.4. Instrumentos	39
3.5. Procedimentos gerais de recolha e tratamento dos dados	40
3.5. Caracterização do/as Participantes	42
Capítulo IV- Apresentação dos Resultados	45
4.1. Apresentação e descrição do sistema de categorias	45
Capítulo V- Análise e discussão dos resultados	75
5. 1. Convivência familiar	75

5.2. Relações na família	78
5.3. Relações no exercício da parentalidade	79
5.4. Sentimentos sobre as vivências da família.....	80
Conclusão	83
Referências Bibliográficas.....	88

Índice de Quadros

Quadro 1: Caracterização sociodemográfica dos/as padrastos e madrastas	42
Quadro 2: Caracterização sociodemográfica dos/as enteados/as	43
Quadro 3: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 1	46
Quadro 4: Categoria 1 - Ambiente Familiar Funcional	47
Quadro 5: Categoria 2 - Ambiente Familiar Disfuncional	49
Quadro 6: Categoria 3 – Dificuldades e problemas no dia-a-dia	51
Quadro 7: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 2	52
Quadro 8: Categoria 1 - Relação Familiar Harmoniosa	52
Quadro 9: Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa	53
Quadro 10: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 3	54
Quadro 11: Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas	55
Quadro 12: Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta)	56
Quadro 13 Apresentação geral do Tema 4 de análise de conteúdo	56
Quadro 14: Categoria 1 – Vivências Negativas	57
Quadro 15: Categoria 1 – Vivências Positivas	58
Quadro 16: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 1- Convivência familiar (enteados e enteadas)	59
Quadro 17: Categoria 1 – Ambiente Familiar Disfuncional (enteados e enteadas)	61
Quadro 18: Subcategoria – Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co- irmão/ã(s)	62
Quadro 19: Categoria 2 – Ambiente Familiar Funcional (enteados e enteadas)	63
Quadro 20: Categoria 4 – Problemas no dia-a-dia (enteados e enteadas)	64
Quadro 21: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 2 - Relações Familiars (enteados e enteadas)	65
Quadro 22: Categoria 1 – Boa Relação Familiar (enteados e enteadas)	66
Quadro 23: Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa (enteados e enteadas)	67
Quadro 24: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 3- Relações no Exercício da Parentalidade (enteados e enteadas)	68

Quadro 25: Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas (enteados e enteadas) ..	69
Quadro 26: Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta) (enteados e enteadas)	70
Quadro 27: Apresentação geral da de análise de conteúdo do Tema 4 - Sentimentos sobre as vivências da família (enteados e enteadas)	71
Quadro 28: Categoria 1 – Vivências Negativas (enteados e enteadas)	72
Quadro 29: Categoria 2 – Vivências Positivas (enteados e enteadas)	73

Índice de Anexos

Anexo I – Guião de Entrevista Grupo 1 – Padrastos/Madrastas.....	96
Anexo II – Guião de Entrevista Grupo 2 – Enteados/Enteadas	99
Anexo III – Consentimento Informado.....	102
Anexo IV – Exemplo de Entrevista	103
Anexo V – Grelha de análise categorial Grupo 1 – Padrastos/Madrastas	107

Introdução

As famílias reconstituídas distinguem-se pelo facto de existirem pessoas que no seu passado, tiveram outras famílias (e.g.: famílias nucleares), que estão reunidas num novo sistema familiar que se designa de famílias reconstituídas (Alarcão, 2002). De um modo geral, na atualidade as famílias reconstituídas surgem, após um divórcio ou no passado na sequência de uma viuvez (Alarcão, 2002).

Qualquer família, seja ela reconstituída ou não, pode ser entendida como a união de pessoas que partilham um projeto de vida comum, que se pretende que seja duradouro e no âmbito do qual se geram sentimentos de pertença ao grupo. Entre os membros da família, existe um compromisso pessoal e estabelecem-se relações de intimidade, reciprocidade e dependência (Gomes, 2010).

De acordo com Gomes (2010) a sociedade espera que as famílias sejam capazes de proteger os seus elementos, promover a sua integração social, preservar o seu equilíbrio e assegurar a sua continuidade através da preservação de identidade. No entanto, as famílias são entidades dinâmicas que por essa razão estão sujeitas a mudanças e fatores imprevisíveis, dos quais podemos destacar as pressões e exigências sociais, que na grande maioria das vezes, levam a que o sistema e dinâmica familiar se modifique ou desagregue, ganhando uma nova dimensão (Gomes, 2010).

Nas famílias reconstituídas existe todo um processo de adaptação e reconstrução de um novo sistema famílias, isto porque existe sempre um luto que tem que ser realizado (pela separação ou pelo desaparecimento de um dos progenitores), uma aceitação (pela entrada de novos elementos na vida de alguns elementos) e por fim tem que haver uma construção, ou seja, uma edificação de um novo sistema familiar (Alarcão, 2002).

De acordo com a designação explicitada pelo documento onde se inscrevem os Censos, nomeadamente os Censos de 2011 da população portuguesa, a família reconstituída incide no “núcleo familiar que consiste num casal “de direito” ou “de facto” com um ou mais filhos naturais ou adotados, sendo, pelo menos, um deles, filho apenas, de um dos membros do casal” (Censos, 2011, p. 552). Em Portugal, o número de famílias reconstituídas tem vindo a aumentar gradualmente, à semelhança do que acontece em vários outros países europeus. Esta afirmação de Lobo (2006) é confirmada pela análise feita a partir dos Censos 2011 onde se regista que esta configuração familiar representa 6,55% do total de núcleos conjugais com filhos, quando em 2001 os valores reportados

para esta situação davam conta da existência de 2,7% de famílias reconstituídas (Censos, 2011).

Embora seja um fenômeno muito atual, ainda não existem muitos estudos sobre o tema, ou seja, sobre as dinâmicas familiares em famílias reconstituídas e tudo o que está envolvido no processo de reconstituição de um novo sistema familiar. Assim, pretende-se com o presente trabalho explorar o contexto das relações familiares neste tipo de famílias.

O trabalho é constituído por duas partes: A primeira parte (Parte I) é referente ao enquadramento teórico que, por sua vez é constituído por dois capítulos – Família e Famílias Reconstituídas e a Dinâmica familiar das Famílias Reconstituídas com filho(a)s adolescentes. O primeiro capítulo faz referência a conceitos, definição, estrutura e funcionamento do sistema familiar, sendo que também inclui e retrata as principais características relativas à estrutura e ao funcionamento das famílias reconstituídas, o seu conceito e definição, assim como as suas áreas de dificuldade, abarcando as estratégias e competências utilizadas pelas mesmas para ultrapassarem as diversas situações de crise e ainda as características das relações entre os diferentes elementos do sistema familiar das famílias reconstituídas. No que concerne ao segundo capítulo, este centra-se na dinâmica das famílias reconstituídas, tendo como enfoque as dimensões desta, bem como as dificuldades associadas e ainda alguns modelos teóricos.

A segunda parte (Parte II) deste trabalho é constituída pela componente empírica e a mesma está dividida em três capítulos: Método, Apresentação dos resultados, Análise e discussão dos resultados.

Quanto aos capítulos desta segunda parte, o terceiro capítulo centrasse no processo metodológico, a identificação da problemática em estudo, bem como os objetivos gerais e específicos, os instrumentos utilizados na recolha da informação e por fim a caracterização dos participantes.

O capítulo quatro, contém a apresentação e descrição dos resultados obtidos no presente trabalho.

O quinto capítulo expõe a análise e a discussão dos resultados tendo como referência a revisão bibliográfica efetuada.

Por fim é apresentada a conclusão do estudo, no qual incorpora as limitações, as implicações práticas e as sugestões para investigações futuras.

PARTE I – Enquadramento Teórico

Na primeira parte deste trabalho evidencia-se uma revisão de literatura sobre a dinâmica das relações familiares nas famílias reconstituídas com filho(a)s adolescentes. Assim, no Capítulo I e considerando autores como Minuchin (1982) e Alarcão (2002), pretende expor-se uma conceitualização do conceito e definição de família fundamentada no estudo sobre a família e na importância que a mesma tem no desenvolvimento das crianças. Com base nos referenciais dos autores anteriormente referidos e dada a importância do papel da família no desenvolvimento da criança e dos jovens, também são consideradas as situações em que o mesmo ocorre num contexto menos benéfico. Este aspeto facilita a compreensão sobre as famílias reconstituídas relativamente algumas das suas características, à sua estrutura e ao seu funcionamento, o que de facto é sustentado por autores como Minuchin (1982), Sampaio & Gameiro (1992), Relvas (2000), Alarcão (2002) e Alarcão e Gaspar (2007). Por fim, o enquadramento teórico ainda inclui a importância da dinâmica familiar de famílias reconstituídas com filho(a)s adolescentes tendo em consideração a relação entre a parentalidade e a conjugalidade e as dificuldades sentidas nesta fase do ciclo vital em famílias reconstituídas.

Capítulo I – Família e Famílias Reconstituídas

“Existem, hoje, muitas definições de família, mas talvez o mais importante seja vê-la como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna uma e única”

(Alarcão, 2002)

1.1. Conceito e definição de Família

Ao longo da revisão bibliográfica encontramos inúmeras definições de família enquanto sistema. Conforme a designação de Minuchin (1982), a família enquanto sistema tem a possibilidade de se adaptar às exigências das diferentes fases de desenvolvimento do ciclo de vida e às mudanças sociais, de forma a assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial dos elementos que a compõem.

A família é um espaço de vivência determinante para o desenvolvimento do ser humano. A perspetiva sistémica conceptualiza a família como *“um sistema, um todo, uma*

globalidade” (Relvas, 1996, p.12) que se constrói progressivamente com o tempo e que supõe um conjunto de mudanças estruturais, funcionais e interativas na sua evolução (Relvas, 1996). Existem algumas funcionalidades do sistema familiar que têm algumas influências no mesmo e como os valores, as regras, as crenças e os ritos familiares que contribuem para uma estabilidade duradoura nos membros do sistema familiar (Alarcão, 2002; Gimeno, 2001; Oliveira, Siqueira, Aglio & Lopes, 2008).

A família é um lugar privilegiado de desenvolvimento da criança, no sentido em que o núcleo familiar é considerado o primeiro mediador de socialização (Silva, 2009). Assim, pode dizer-se que estamos perante um sistema dinâmico submetido a regras, que se opera através de padrões e papéis transacionais que são constantemente ativados e até mesmo modificados ao longo do tempo, ou seja, as chamadas tarefas de desenvolvimento, no sentido da existência de diferentes etapas de desenvolvimento (Relvas, 2000; Alarcão, 2002; Nichols, 2012; Wagner, 2011).

O processo de construção do sistema familiar pode ser considerado longo e complexo, ou seja, pode ser entendido como um processo em constante transformação (Almeida, 2014). É neste processo de mudança constante que ocorre a necessidade de existir uma flexibilidade perante todas as exigências que ocorrem ao longo deste mesmo processo (tanto internas como externas). Neste sentido é importante uma maior plasticidade e flexibilidade para que haja uma capacidade de considerar as novas circunstâncias familiares e resolver as crises que ocorrem sem que a continuidade, a coerência, os valores, a coesão, as funções e a identidade da família sejam colocadas em causa (Minuchin, 1982; Sampaio & Gameiro, 1992; Relvas, 2000; Alarcão, 2002; Alarcão & Gaspar, 2007; Almeida, 2014).

1.2. Estrutura e funções da família

Enquanto sistema, a família é constituída por objetos e respetivos atributos e relações e, inclui subsistemas e que estão inseridos em outros sistemas e suprassistemas. Estes sistemas estão conectados de forma hierárquica e organizada, possuem limites ou fronteiras que os diferenciam do seu meio (Alarcão, 2006). Em resultado disso, a família assume uma estrutura organizada e uma disposição de um conjunto de elementos que se inter-relacionam entre si de uma forma muito específica e continua (Whaley & Wong, 1989; Stanhope, 1999).

A estrutura da família está relacionada com a aquisição de um nível espacial e relacional próprio de cada família, e é através da sua organização sistémica promotora da função de suporte às necessidades funcionais, ou seja, relativamente ao modo como os elementos da família interagem entre si (Schoppe, Mangelsdorf & Frosh, 2001; Silves, 2009).

A família é portadora de diversas funções, tem funções de nível interno como externo (Silves, 2009). As funções de nível interno são funções de proteção dos seus membros, e as funções externas estão relacionadas com dimensões sociais, culturais e económicas do contexto em que se inserem (Silves, 2009).

É fundamental entender e perceber cada sistema familiar com características idiossincráticas e processos distintos que permitem a cada sistema familiar ultrapassar e superar as crises que possam ocorrer ao longo do desenvolvimento do seu ciclo vital (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007).

1.3. Famílias em Transformação

Ao falar de famílias, é importante falar de mudança, transformação e/ou evolução. Isto deve-se à alteração e amplificação do conceito de família ao longo dos anos, pela ocorrência de modificações significativas, quer no âmbito estrutural, quer no âmbito funcional bem como nas relações interpessoais e valores, devido à constante e rápida transformação de carácter social, económico, cultural e religioso nas últimas décadas (Fuster & Ochoa, 2000; Aboim, 2006; Barker, 2000; Gimeno, 2001; Relvas, 1996; Sousa, 2006; Williams, 2010). Neste sentido, as mudanças que ocorrem estão associadas ao aparecimento de novas configurações de família e à necessidade de repensar o conceito da mesma (Aboim, 2006; Barker, 2000; Gimeno, 2001; Relvas, 1996; Sousa, 2006; Williams, 2010).

Estas novas e diferentes configurações estruturais e relacionais dificultam a elaboração de um conceito único que contemple as diferentes realidades (Sacareno & Naldini, 2003). Contudo, ainda que sempre tenham existido, as diferentes formas de família, tendem a assumir uma maior representatividade, (Strecht, 2001). Neste sentido, atualmente, são consideradas, diversas configurações familiares nomeadamente: as famílias nucleares intactas, as famílias monoparentais, famílias homossexuais, as famílias alargadas, as famílias reconstituídas Alarcão, (2002), sendo estas últimas o foco da presente investigação.

1.4. Conceito e definição de Famílias Reconstituídas

A partir do final dos anos sessenta, onde existiu efetivamente um aumento do número de divórcios e separações emergem configurações alternativas de família, como é o caso das chamadas famílias reconstituídas (Almeida, 2014).

De acordo com Alarcão (2002) consideram-se famílias reconstituídas, famílias que abarcam a presença de um pai ou uma mãe, e filhos de cuja união anterior se viu alterada, existindo um novo cônjuge com quem se detém um novo casamento ou coabitação. Para a mesma autora, as famílias reconstituídas, na sua maioria, resultam de processos de separação ou divórcio, o que leva a que esta nova realidade seja bastante mais complexa e controversa. Esta complexidade deve-se ao facto de que nesta família reconstituída existe um luto que tem que ser realizado (e.g. o/a progenitor/a desaparecido), posteriormente uma aceitação que tem que ser realizada (e.g. pelos elementos que entram neste novo sistema familiar) e por fim é realizada uma nova construção relativamente aos padrões transacionais e das regras do novo sistema (Alarcão, 2002). É importante que os pais não se esqueçam do/a(s) seus/suas filho/a(s) e que possibilitem aos mesmos realizar o seu luto pela perda da sua família (passada), porque qualquer situação de afastamento entre mãe/pai – filho/a(s) tanto pela existência de um divórcio como pela morte de um dos progenitores pode causar consequências emocionais negativas aos/às filho/a(s) (Alarcão, 2002). Este processo de luto também tem influência na qualidade das relações que posteriormente irão ser estabelecidas com os elementos do novo sistema familiar.

Esta tipologia de famílias, as famílias reconstituídas, segundo Ferreira (2003) pauta-se por uma abundância de vínculos familiares, pela ambivalência dos papéis e também pela saliência do elemento afetivo. De acordo com Medeiros (2004), estas características revelam a existência de uma realidade relacional relativamente nova para os seus elementos.

Desta forma, as famílias reconstituídas poderão definir-se como famílias que resultam de uma segunda ou terceira união. Embora estas pareçam semelhantes às famílias nucleares, existem algumas diferenças Freijo e Delgado, (2010), tais como: i) as famílias reconstituídas têm uma estrutura mais complexa do que as tradicionais, ou seja, são formadas por um maior número de elementos da família (e.g.: pais biológicos, madrastas, padrastos, irmãos, meios-irmãos) e ainda poderão viver em mais que uma casa; ii) nas famílias reconstituídas a relação entre pais e filhos já existia antes da nova união

familiar, ao contrário das famílias tradicionais em que o casal teve tempo de conhecer-se e adaptar-se antes de terem filhos. Desta forma, as famílias reconstituídas, simultaneamente, terão de construir a relação conjugal e a relação com os seus filhos Freijo e Delgado, (2010); e iii) os papéis, responsabilidades direitos e obrigações parecem estar menos claros neste tipo de família do que numa família nuclear (Fine, Coleman & Ganong, 1988).

Em Portugal, os censos referentes ao ano de 2011 indicam que, efetivamente emergiram nos últimos anos inúmeras alterações na constituição familiar, enfatizando as transformações sociais nas famílias portuguesas, destacando em particular o crescente aumento de casais que vivem em coabitação e em reconstituição familiar. Em 2011 existiam em Portugal 105.763 famílias reconstituídas e entre 2001 e 2011 o número de famílias reconstituídas aumentou duplicando os dados registados anteriormente, com uma variação de 126,1%.

Do ponto de vista do desenvolvimento familiar, é importante ter em consideração dois aspetos: i) a clara coexistência de diferentes etapas do ciclo de vida da família que não devem ser sobrepostas, nem ultrapassadas, mas, consideradas num registo de complementaridade; e ii) a importância da necessidade de criar novas regras e padrões transacionais (Alarcão, 2002).

Por fim, é possível verificar que de acordo com Lemay (2006), que nas famílias reconstituídas podem acontecer diferentes relações de parentesco, sendo quase inevitável a existência de uma madrasta, um padrasto, enteados e meios-irmãos. Observa-se também que existem aspetos que se modificam com a reconstituição e a formação da nova família, por exemplo, a parentalidade, que outrora era gerida pelos pais biológicos e a *conjugalidade*, (o relacionamento que se estabelece entre os membros do casal) e a relação entre estes dois novos subsistemas. Todas estas mudanças, transformações e adaptações ao novo sistema familiar poderão levar a possíveis dificuldades de interação entre os elementos do novo sistema familiar (Costa, 2008).

1.4.1. Estrutura e Funções das Famílias Reconstituídas

Com vista a compreender a estrutura, funções e os papéis inerentes a cada um dos elementos que compõem o agregado familiar, é necessário fazer uma breve abordagem às possíveis mudanças no sistema familiar e, estas podem suceder a três níveis: estrutural; funcional; e interacional (Silves, 2009). As mudanças no sistema familiar podem ter como

origem o próprio sistema familiar. Não sendo estático nem livre de influências externas, a família permanece em desenvolvimento enquanto grupo (família) e enquanto elementos individuais que pertencem a esse mesmo grupo (Relvas, 2000). Neste sentido, a família assume uma estrutura (forma de organização) específica, no sentido em que cada sistema familiar tem uma forma específica e sistémica de se inter-relacionar entre os diversos membros da família (Whaley & Wong, 1989; Stanhope, 1999). Neste contexto, pode verificar-se que a estrutura familiar é composta por um conjunto de indivíduos com situações e posições reconhecidas e aceites, através de interações regulares e recorrentes as quais são socialmente aprovadas (Silves, 2009). Um outro aspeto importante, está relacionado com o enquadramento da família tanto ao nível espacial como relacional a partir do qual cada sistema familiar alcança uma forma própria em função da sua estrutura. Enquanto rede de suporte de necessidades funcionais (e.g. satisfação das necessidades básicas, as funções de proteção e as funções de socialização) organiza o modo como os membros da família interagem (Schoppe, Mangelsdorf & Frosh, 2001; Silves, 2009). Essas funções podem ser de nível interno, respeitando a função protetora dos elementos da família, ou externo, considerando as dimensões sociais, culturais e económicas do meio em que se inserem (Silves, 2009).

É importante realçar que cada sistema familiar deverá ser compreendido e percecionado como uma pequena sociedade, com características idiossincráticas, mecanismos e processos diferenciados que permitem ultrapassar as adversidades que possam surgir ao longo do ciclo de vida da família (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007).

Numa família tradicional, numa primeira fase, o casal constrói exclusivamente a sua conjugalidade, enquanto nas famílias reconstituídas este processo é diferente. Tal facto deve-se a que, além de construir a conjugalidade, em simultâneo, o casal formar-se na presença de um subsistema filial e de um subsistema parental (Alarcão, 2002). Enquanto numa primeira união/casamento, os papéis vão se delineando lentamente e a identidade conjugal evolui de forma progressiva, nas famílias reconstituídas, a estrutura relacional entre os cônjuges e os papéis parentais desempenhados por cada um dos cônjuges acontecem ao mesmo tempo que as restantes formações anteriormente mencionadas. Este processo constitui-se como uma tarefa difícil para as famílias reconstituídas, sendo esta uma das grandes dificuldades encontradas neste tipo de famílias (Visher, Visher & Pasley, 1993; Alarcão, 2002). Porém, nas famílias reconstituídas toda a estrutura e papéis se alteram passando a constar a existência de pais, filhos, enteados, padrastos e madrastas, bem como filhos de anteriores relacionamentos.

A constituição das famílias reconstituídas é um processo desafiante (Costa, 1994). De acordo com Teixeira, (2014) o seu desenvolvimento, passa pelas seguintes 7 fases de um ciclo vital que integra um processo emocional de mudança a nível do casal e podem ser descritas como as principais características de mudança no processo de desenvolvimento das famílias reconstituídas.

A primeira fase é definida por novo começo, nesta fase existe uma identificação de mitos e fantasias, ocorre o divórcio emocional e a coparentalidade entre o pai e a mãe biológicos (Robinson, 1991; Alarcão, 2002), e o reconhecimento da existência de vínculo entre mãe/pai e filho/a(s) antes da reconstituição familiar, ou seja, do recasamento.

A segunda fase é designada de esforço de inclusão, é neste período de tempo e espaço que ocorre o desenvolvimento das relações entre madrasta ou padrasto e enteado/a(s). Nesta fase que surge a angústia, o ciúme e o conflito de lealdade.

Na terceira fase, a fase da consciência, é caracterizada por um período de reformulação de fronteiras geracionais e familiares.

Enquanto a quarta fase é designada pela reestruturação, ou seja, é nesta fase que acontece uma deslocação e atenuação das dificuldades que nas fases anteriores ocorriam de forma mais intensa, em que acontece a aceitação da família reconstituída.

Na quinta fase, a ação, a família começa a experienciar e a vivenciar sentimentos de união e consequentemente a criar novas regras, rituais e limites que são negociados e próprios da nova família, da família reconstituída.

Enquanto na sexta fase, a fase de integração, a família atinge o contacto e a intimidade entre os elementos da nova família, também é nesta fase que o padrasto/madrasta alcança o mesmo papel que o pai/mãe biológico/a na nova família.

Por fim, a sétima fase é a fase da resolução, em que a família reconstituída se torna numa família binuclear, ou seja, numa família desintegrada em que as crianças da família nuclear estão incluídas por vezes em dois sistemas familiares, deixando a perspectiva de viver como uma família nuclear, sendo um período de negociações muito importante relativamente aos rituais e alterações de entrada e custódia (Robinson, 1991; Teixeira, 2014).

Estas fases do ciclo da família reconstituída podem não ocorrer num período de tempo delimitado como normal ou essencial. Cada família é uma família, e neste sentido este processo pode ocorrer ao longo de meses ou anos por depender de vários fatores, (e.g. o género e a idade da/as criança/as) (Alarcão, 2002; Teixeira, 2014). A adaptação dos elementos das famílias reconstituídas, pode levar pelo menos dois anos. Robinson,

(1991), uma vez que todos os elementos têm de lidar em simultâneo com diversas mudanças, com as perdas de referência e a rutura da família de origem (Alarcão, 2002; Teixeira, 2014). Estas famílias ainda têm que aprender a lidar com as mudanças estruturais implícitas e consequentemente desenvolver um novo sistema com tarefas, papéis, relações e fronteiras e responsabilidades específicas do ciclo vital familiar e individual (Costa, 1994; Teixeira, 2014), o que poderá provocar sentimentos intensos de conflito ou a negação dos mesmos (Costa, 1994; Alarcão, 2002; Teixeira, 2014).

As tarefas desempenhadas pelas famílias reconstituídas são semelhantes às tarefas desempenhadas pelas famílias nucleares, mas como foi referido anteriormente existem várias dificuldades sentidas por parte destas famílias, nomeadamente a estabilização do casamento e a preparação para os papéis parentais (Costa, 1994; Teixeira, 2014).

Uma das características do sistema familiar das famílias reconstituídas, é o sentimento de insegurança tanto ao nível relacional como do vínculo estabelecido. Esta insegurança pode derivar do receio de uma nova perda ou insucesso, ou da partilha de investimentos e de determinados componentes mais funcionais, como por exemplo, o dinheiro ou a educação com outro sistema, ou ainda pela recorrente não aprovação do recasamento pela família alargada (Teixeira, 2014). Estas variáveis podem contribuir para a incerteza e insegurança dos elementos da família reconstituída e consequentemente poderá provocar momentos de crise e grande stress (Costa, 1994).

Segundo Scabini e Cigoli (2006), cada mudança familiar implica desde logo uma redefinição das relações, da estrutura e das funções nos papéis, tanto ao nível da conjugalidade assim como da parentalidade em que se identificam diversas dificuldades em todos os tipos de família, mas que por vezes se intensificam nas famílias reconstituídas. A redefinição da estrutura e dos papéis no contexto familiar exige uma grande flexibilidade e uma constante negociação e adaptação de todos os elementos que constituem o sistema familiar.

1.4.2. Conjugalidade nas Famílias Reconstituídas

A conjugalidade refere-se à díade conjugal e constitui um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar, ou seja, é com a formação do casal (uma das etapas do ciclo de vida) que tudo tem início (Sousa, 2006). Assim, quando dois indivíduos se comprometem com uma relação estável e duradoura, complementam-se e adaptam-se reciprocamente de modo a constituir um modelo de funcionamento conjugal. Este modelo

resulta inicialmente da integração do modelo de conjugalidade construído nas famílias de origem (Sousa, 2006). Neste sentido, é nesta etapa que decorre a tarefa primordial de articulação entre a individualidade e a conjugalidade relativamente às heranças das famílias de origem. Sampaio e Gameiro, (1985), e os dois elementos do casal têm que negociar a vivência a dois (Alarcão, 2002; Sousa, 2006).

Na maior parte das vezes a formação do casal é o início da formação de um sistema familiar Alarcão, (2002), implicando determinadas tarefas desenvolvimentais na assunção dos diferentes papéis no sistema familiar (Alarcão, 2002). Na recomposição familiar, o espaço relacional presente no processo da formação do casal tem características distintas do percurso normativo. Uma das suas particularidades é a definição dos modelos de relação feita a partir dos filhos e não do casal. Embora exerçam as mesmas tarefas, a sua organização parte dos elementos filiais da união anterior, característica que as distingue da família tradicional (Leandro, 2001). Enquanto cônjuges, a formação do casal implica a articulação entre a individualidade e a conjugalidade relativamente às heranças das famílias de origem (Sampaio & Gameiro, 1985). É importante que cada elemento do casal se entregue ao relacionamento sem ter a sensação de desistência da sua individualidade ou das suas questões familiares (Minuchin, 1982). A conjugalidade torna-se então num processo de realidade comum, onde cada membro do casal reconstrói a sua realidade individual, partindo de referências comuns e de uma identidade conjugal (Berger & Kellner, 1964; Veiga da Silva, 2001). Neste sentido, uma das funções deste subsistema é o desenvolvimento de limites e/ou fronteiras que protejam o casal da intrusão de outros elementos, constituindo-se uma plataforma de suporte para lidar com o stress intra e extrafamiliar proporcionando a satisfação das suas necessidades físicas e psicológicas (Alarcão, 2002; Sousa, 2006; Pires, 2008)

Num percurso normativo o casal tem uma fase de construção da sua própria conjugalidade, nas famílias recompostas pode dizer-se que, o casal se forma simultaneamente com a sua parentalidade (Alarcão, 2002). A tarefa de formar o casal é uma tarefa árdua. Um dos cônjuges traz consigo uma bagagem relacional anterior, em que os valores familiares da primeira união o acompanham para a futura relação (Visher & Visher, 1993). Um outro aspeto importante, é que o casal se conhece, ao mesmo tempo que se dedica a cuidar do/a(s) filho/a(s), deparando-se com outros desafios, como no apoio ao/à(s) filho/a(s) a adaptarem-se à nova vida familiar (Kunrath, 2006).

Todavia, quando pensamos em famílias reconstituídas o conceito de família altera-se e amplia-se (Brito, 2008). Pensamos em pais, filho/a(s), enteado/a(s), padrastos

e madrastas e a formação da família é construída com filho/a(s) já existentes de outras uniões (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Nas famílias reconstituídas, regista-se a interceção do subsistema conjugal e filial, e por isso as dificuldades que surgem estão relacionadas com a existência e a interação dos diversos subsistemas, tal como refere Gambini (2007) a interceção entre os subsistemas pode comprometer e dificultar tanto a parentalidade, bem como a conjugalidade.

1.4.3. Parentalidade e a coparentalidade

A parentalidade é um processo de desenvolvimento das mães e dos pais, no qual o foco não é apenas um papel ou função, mas sim um processo complexo de amadurecimento psicológico, sendo entendido como uma das funções mais relevantes na sociedade e central da vida dos seres humanos (Valente, 2009; Pereira & Alarcão, 2014).

A parentalidade pode ser entendida como uma tarefa *“complexa, difícil e desafiante, revelando-se como uma das que inspiram maior responsabilidade no ser humano, ao longo da sua vida”* (Almeida, 2015, p. 9).

A transição do ciclo vital da família, em que o casal passa de uma díade para um grupo com mais elementos, envolve mudanças estruturais e funcionais. Enquanto as primeiras, incluem o surgimento de dois novos subsistemas: o parental e o filial; as segundas, englobam o salto geracional de filho/a para pai/mãe, bem como a complexificação e reestruturação de papéis (Canavarro & Pedrosa, 2005; Amazonas & Braga, 2006; Ribeiro, 2007).

Relativamente à parentalidade nas famílias reconstituídas, o novo casal terá de integrar tanto as aprendizagens dos modelos da sua infância, com os modelos que co-construíram na família anterior e a que os seus filhos estão adaptados (Teixeira, 2014). Neste sentido, podem ocorrer alguns obstáculos, por parte do/a(s) filho/a(s) na gestão da parentalidade na família reconstituída (Alarcão, 2002; Teixeira, 2014). Importa salientar a necessidade de compreensão por parte do padrasto ou da madrasta e a necessidade de tempo por parte do/a(s) enteado/a(s) para a aceitação da sua nova realidade e da sua nova família (Teixeira, 2014). Os padrastos e madrastas poderão tornar-se mais ativos em função do tempo, idade e residência principal (Alarcão, 2000).

Nas famílias reconstituídas além das diversas mudanças que ocorrem também existem várias necessidades básicas que os pais têm de assegurar, principalmente no que se refere às crianças mais novas em idade pré-escolar que são, muito afetadas por estas

mudanças, as quais tanto podem ser mudanças psicológicas, quer mudanças físicas (Ricci, 2004). No entanto nas famílias reconstituídas quando o/a(s) filho/a(s) são adolescentes, os mesmos necessitam de outros apoios e ainda de outras dificuldades que podem ocorrer ao nível do relacionamento no sistema familiar (Robinson, 1991).

Sabendo que a conjugalidade está associada à parentalidade, a inconsistência conjugal arrasta a deterioração da função parental tanto a nível da vinculação como da socialização, tendo assim consequências negativas no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes a diferentes níveis (Alarcão, 2006; Linares, 2010; Sousa, 2005; Ribeiro, 2014).

Tal como nas famílias nucleares, também nas famílias reconstituídas tende a existir um apoio e comprometimento mútuo entre pai e mãe no exercício da parentalidade, ou seja, uma relação de coparentalidade, a possibilidade de negociação de papéis, das responsabilidades e contribuições para fazer face às necessidades das crianças e adolescentes (Margolin, Godis & John, 2001; Feinberg, 2003; Frizzo, Krutz, Schmidt, Piccinini & Bosa, 2005; Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2009; Esteves, 2010; Relvas & Alarcão, 2002).

Logo para que haja coparentalidade nas famílias reconstituídas é necessário existir uma capacidade de gestão da coparentalidade com ambas as figuras parentais (mãe e pai), não sendo assim uma tarefa fácil (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2014).

Diversos estudos mostram que a existência da coparentalidade é um fator benéfico para o desenvolvimento da criança e adolescente (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2014). Outros estudos mostram que relativamente à coparentalidade nas famílias reconstituídas, existe maior comunicação e coerência das práticas educativas nos companheiros desta nova relação, ou seja, os companheiros da família reconstituída do que entre o pai/mãe biológicos (Cartwright, 2010; Teixeira, 2014).

Uma das características das famílias reconstituída é a ausência da presença física de um dos pais biológicos (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2014). Devido a esta ausência, exige um esforço acrescido na coparentalidade das famílias reconstituídas, no trabalho em conjunto entre os pais biológicos (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2014). Para que a coparentalidade nas famílias reconstituídas seja saudável e benéfica no desenvolvimento dos filhos é importante existir comunicação, compreensão e tomarem ambos as decisões necessárias (Gasper, Stolberg, Macie, & Williams, 2014).

1.4.4. Dificuldades sentidas pelos elementos das Famílias Reconstituídas

Uma das dificuldades sentidas pelas famílias reconstituídas é quando um dos pais tem um novo companheiro ou quando volta a casar (Ahrons, 2006 citado em Teixeira, 2014, p.16). É assim, o período entre o divórcio e a nova constituição familiar, o período crucial para que a mudança ocorra de forma minimamente positiva, porque é este período de tempo que pode tornar o processo de mudança e de desenvolvimento e construção de uma nova família muito mais difícil (Costa, 1994; Alarcão, 2002; Teixeira, 2014).

As famílias reconstituídas são mais suscetíveis de dificuldades devido às inúmeras reorganizações que tem que realizar no sistema familiar que tem que ser efetuadas (Robinson, 1991; Freijo & Delgado, 2010).

Uma outra dificuldade das famílias reconstituídas é a imagem negativa de complexidade, desordem e caos associadas às mesmas, isto ocorre porque socialmente a família tradicional continua a ser visto como o modelo ideal, enquanto as famílias reconstituídas estejam associadas ainda a estereótipos negativos que poderão influenciar negativamente a forma como os elementos da família irão reagir (Robinson, 1991; Costa, 1994; Teixeira, 2014).

Ainda como dificuldade nas famílias reconstituídas surge a construção de duas etapas do ciclo de vida em simultâneo, ou seja, a construção da conjugalidade e a existência de filhos e sua adaptação a este novo contexto (Teixeira, 2014). Nas famílias reconstruídas, a conjugalidade forma-se na presença de um sub-sistema filial e também de um subsistema parental (Visser & Visser, 1985; Alarcão, 2002). Assim, ocorrem diferentes processos de acordo com esta múltipla construção de etapas nas famílias reconstituídas, tendo que haver um equilíbrio entre a parentalidade biológica, a parentalidade adquirida e compartilhada e a recente conjugalidade, ocorrendo assim neste sistema familiar um enorme desafio de reestruturação (Pinto & Chalhub, 2005).

Neste sentido, o novo subsistema conjugal está em permanente interação com o subsistema parental, e devido a esta interação constante existem algumas dificuldades adicionais (Alarcão, 2002), nomeadamente: i) a idealização da nova situação, na qual podem ocorrer dificuldades em negociar as suas diferenças sob o olhar atento do casal, do/a(s) filho/a(s), das famílias de origem e frequentemente do olhar indireto do/a(s) ex-companheiro/a(s) (Alarcão, 2002), sendo muito importante a confirmação da relação conjugal (e de cada um dos parceiros nessa mesma relação) e a meta comunicação sobre a relação, tanto ao nível das dificuldades sentidas quer ao nível dos aspetos mais positivos

e gratificantes (Alarcão, 2002); ii) a coexistência de várias etapas do ciclo vital com necessidades antagónicas, a etapa da formação do casal que pressupõe um fecho ao exterior concomitante com, por exemplo, a etapa da família com filhos adolescentes que implica a abertura da família; iii) a construção de novos padrões de relação e de novas regras de funcionamento familiar, cada elemento construiu, no sistema anterior códigos comunicacionais que no novo sistema familiar tem que ser renegociados (Alarcão, 2002), ou seja, o estabelecimento e aceitação de uma nova parentalidade, novos padrões de relações e de regras de funcionamento associadas à comparação com a família anterior; e iv) o fantasma da repetição da experiência de separação entre cônjuge e as coligações e alianças entre pai/mãe e filho/a(s) biológico/a(s) (Alarcão, 2002).

As famílias reconstituídas mostram-se fragilizadas relativamente às relações com os sistemas exteriores tal deve-se porque as relações estabelecidas anteriormente e as redes de suporte foram separadas no momento do divórcio ou da separação com o anterior cônjuge o que pode tornar o processo de reestruturação familiar um pouco mais difícil (Hetherington, 1999; Guerreiro, Torres & Lobo, 2007).

Nas famílias reconstituídas também podem existir outras dificuldades, como dificuldades económicas, desorganização familiar, inexistência de suporte e práticas parentais disruptivas (Hetherington & Stanley-Hagan, 2002; Almeida, 2014).

No que concerne à estrutura, funções e papéis desempenhados por cada um dos cônjuges, a dificuldade prende-se com o fato de o casal conhecer-se numa altura em que um ou ambos se dedicam ao cuidado dos filhos e ao mesmo tempo deparam-se com a existência de outras tarefas na educação e desenvolvimento dos seus filhos bem como no auxílio dos filhos na adaptação à nova vida familiar. Apesar de executarem as mesmas tarefas das famílias tradicionais, a sua organização altera-se porque não se pressupõe a conceção tradicional de uma família, ou seja, não existe a estrutura triangular com pai, mãe e os filhos (Leandro, 2001).

Neste sentido, ao nível do/a(s) filho/a(s) também podem ocorrer algumas dificuldades acrescidas, tais como: i) as lealdades divididas dos filhos entre o progenitor presente e o progenitor ausente; ii) a dificuldade da negociação entre os elementos da família, na qual não há facilidade no desenvolvimento de uma comunicação funcional; e iii) a dificuldade em estabelecer as relações adequadas no subsistema fraternal pelas alianças e coligações estabelecidas com os elementos da família biológica (Alarcão, 2002).

1.4.5. Potencialidades das Famílias Reconstituídas

As famílias reconstituídas envolvem muitas mudanças tanto para os adultos como para o/a(s) filho/a(s) como mudanças de casa, a adaptação aos novos elementos da família e o estabelecimento de novas rotinas e atividades (Menaghan, Kowaleski-Jones & Mott, 1997). É importante salientar que as famílias reconstituídas são constituídas por elementos que já pertenceram a outra(s) família(s) (McGoldrick & Carter, 2001; Alarcão, 2002). Nestas famílias, as dificuldades emergem a par da construção de uma nova conjugalidade em simultâneo com a construção de uma nova parentalidade e consequentemente uma nova identidade familiar (Costa & Dias, 2012). A entrada de novo(s) membro(s) na família tanto pode ser vista e entendida com um significado ameaçadora da união familiar e causadora de conflitos, por outro lado pode ser vista como um suporte emocional e melhoria da supervisão parental e das práticas parentais (Kellam, Ensminger & Turner, 1977; Turunen, 2013). A adaptação da nova família às regras, dinâmicas e funcionamento familiar é complexa e necessária que aconteça, implicando tempo e esforço por parte de todos elementos (Andolfi, 2002; McGoldrick & Carter, 2001; Minuchin, 1982). O maior desafio que as famílias reconstituídas passam é o equilíbrio entre a parentalidade biológica, a parentalidade adquirida e a parentalidade compartilhada e a recente conjugalidade (Pinto & Chalhub, 2005).

Desta forma, a família deve criar hábitos, estabelecer rotinas, rituais e limites para criar um sentido de consistência e previsibilidade (Day, 2010).

As famílias reconstituídas, podem oferecer-se como um importante espaço de crescimento individual e familiar (Alarcão, 2002), se se tentar entender a família reconstituída como um sistema que nos remete à compreensão das partes e do todo na premissa das suas interações e relações dinâmicas. Um todo coeso, porém, composto por partes interdependentes que se movem em direções diferentes, mas circulares e dinâmicas, para manter o equilíbrio da unidade familiar, de forma hierárquica e organizada (Costa & Dias, 2012).

Neste sentido, é necessário que a família reconstituída compreende o sistema familiar como uma unidade, na dinamicidade da articulação e da interação dos seus subsistemas entre si e com os outros sistemas (Alarcão, 2002), ou seja, as famílias reconstituídas, apontam para um redimensionamento dos seus limites e para o aparecimento de uma nova dinâmica nos vínculos estabelecidos entre os seus membros (Costa, 2008; Amaral, 2010).

No desenvolvimento desta nova família, as redes de suporte atingem uma importância extrema para a integração e estabilidade familiar e para o ajustamento das crianças e adolescentes (Hetherington, 1999).

Capítulo II – Dinâmica familiar das Famílias Reconstituídas com filho/a(s) adolescentes

“É uma nova realidade sobre a qual temos de pensar, pois não há dúvida de que a família continua a ser a grande base face à qual a criança se referencia”

(Strecht, 2001)

2.1. Famílias com filho/a(s) adolescentes

A adolescência é uma das etapas do desenvolvimento da pessoa e é uma das etapas do ciclo vital da família, i. é. família com filhos adolescentes (Alarcão, 2002). A adolescência é habitualmente vista como uma aventura e como diz Satir (1997, citado em Alarcão, 2002, p. 166) *“toda a família precisa de imagens positivas, mais amor do que temor, para poder equacioná-la com sucesso”*. Neste sentido, a adolescência é caracterizada como uma fase em que o adolescente procura alcançar a sua autonomia e identidade, na qual ocorre a construção de um pensamento próprio complexo, angústias e alterações de humor e sentimentos diversos, ou seja, múltiplas transformações biopsicossociais (Alarcão, 2002).

Esta etapa do ciclo de vida da família é um período de grandes mudanças, a etapa mais longa e difícil do ciclo vital, por exigir um permanente equilíbrio entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada membro da família (Alarcão, 2002).

Os adolescentes necessitam de regras claras, precisas e coerentes, de um sistema executivo forte e em simultâneo flexível, sendo executado por parte do pai e da mãe (Alarcão, 2002). Nesta etapa o maior desafio da parentalidade é conseguir formar um grupo com o/a(s) filho/a(s) e trabalharem juntos e ainda comunicarem de forma clara, para que os adolescentes sintam segurança e afetividade (Alarcão, 2002). É nesta fase também, que os pais passam a ser figuras de vinculação na “retaguarda”, e por isso têm que aprender a ser pais de filhos que estão em mudança, em transformação para a etapa de adultos e deixá-los tornar-se mais autónomos e de forma a alcançar a sua verdadeira identidade (Alarcão, 2002). Realça-se aqui o facto de que os pais influenciam duplamente os filhos, pela herança genética e muito particularmente pela herança comportamental, pela modelagem e pelo seu estilo parental (Olson, 2000).

Apesar da multiplicidade de configurações e de mudanças que a família pode sofrer ao longo do tempo, a estabilidade familiar é um dos grandes fatores de influência no desenvolvimento do adolescente (Almeida, 2014). Como tal, a imprevisibilidade familiar, tanto provocada por mudanças no estado de união do casal como por exposição

a riscos e adversidades, pode comprometer ou provocar dificuldades no desenvolvimento do adolescente e consequentemente no desenvolvimento do sistema familiar (Fomby & Sennott, 2013; Priosle, Cruz & Narciso, 2010). As mudanças na família por fatores internos ou externos, podem levar a alterações tanto na estrutura familiar bem como na dinâmica familiar que implicam a reorganização ou construção de novos papéis e padrões de relacionamento (Williams, 2010; Almeida, 2014).

A fase de desenvolvimento de família com filhos adolescentes obriga a família a rever e reestruturar o que se construiu na infância, ou seja, reestrutura a relação que pais-filhos foram construindo ao longo dos anos através de um equilíbrio complexo entre compreensão e controle, amor e disciplina em permanente busca da sua identidade.

2.2. Famílias Reconstituídas com filho/a(s) adolescentes e suas dinâmicas

Nas famílias reconstituídas os pais devem estar particularmente atentos à fase desenvolvimental do/a(s) adolescente(s) por existirem diversas mudanças complexas e que são difíceis para o/a(s) mesmo/a(s) (Ricci, 2004). Consequentemente é importante que exista alguma congruência entre os pais biológicos de forma a que os conflitos diminuam e aumente a proteção das crianças e adolescentes (Fiese, 2006).

Estas famílias emergem num novo contexto de casamento e neste sentido é importante repensar a dinâmica familiar do novo sistema familiar, que necessita de conciliar as relações potencialmente conflituosas (Fiese, 2006). De um modo geral, a etapa da adolescência é oportuna à tentativa de romper com os limites e regras impostos pelos pais (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Quando ocorre a separação parental no período da adolescência, o adolescente não tem dificuldade em entender os factos (Poussin & Martin-Lebrun, 1999), porém a crise parental quando acontece na fase da adolescência, pode ocorrer por parte do/a(s) filho/a(s) dificuldades em aceitar a nova vida da mãe e do pai, embora possam compreender os fatores da separação (Alarcão, 2002). Como consequência, ao longo do processo do divórcio, surge uma estrutura familiar fragilizada, uma disponibilidade insuficiente e referenciais pouco consistentes ocorrendo assim diversos fatores de risco para o adolescente (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Sendo que neste processo e nesta etapa do ciclo vital da família, exige-se por parte dos progenitores uma maior disponibilidade, flexibilidade, compreensão e uma comunicação de qualidade com o/a(s) filho/a(s) (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

As famílias reconstituídas, passam na maior parte das vezes por um processo complexo e quando as relações e as interações entre todos os elementos dos diversos subsistemas, no qual o adolescente está inserido, são disruptivas e desestabilizadoras podem ter como consequência o aparecimento de perturbações psicológicas após a separação da mãe e do pai (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

A adaptação do adolescente às diferentes transformações e mudanças no seu sistema familiar, ocorre de forma diversa de acordo com a sua idade, ou seja, do estágio de desenvolvimento, mas também de adolescente para adolescente (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Cada adolescente integra intelectualmente e afetivamente a realidade da sua nova situação familiar de forma diferente por os múltiplos fatores (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

No contexto das famílias reconstituídas com filho/a(s) adolescentes podem correr riscos devido a etapa de desenvolvimento do adolescente quando a situação da separação parental e consequente reconstituição familiar não tenha ocorrido da melhor forma (Poussin & Martin-Lebrun, 1999; Sampaio, 2006). Assim, os adolescentes podem desenvolver alguns comportamentos de risco, perturbações psíquicas ou desenvolver alguns sintomas patológicos como: uma atividade sexual precoce, dependências (tabaco, álcool ou drogas), alterações comportamentais (instabilidade, modificações do sono ou alimentares) alterações de humor (vulnerabilidade emocional que pode ser traduzida em choro fácil, irritabilidade), e quebra do rendimento escolar (Sampaio, 2006). O estudo de Poussin e Martin-Lebrun (1999), evidência um maior risco do surgimento de comportamento aditivo quando a separação parental ocorre na fase da adolescência.

É importante a família reconstituída ter em conta os estilos parentais adequados na adolescência de forma a contribuir para um melhor desenvolvimento familiar (Sampaio, 2006). Estes dizem respeito à forma como os pais se relacionam com os filhos, nomeadamente antes, durante e depois do período da adolescência (Sampaio, 2006). Os estilos parentais definem um padrão global de interações das duas gerações na família e são postos em prática por um conjunto de práticas educativas do pai e da mãe (Sampaio, 2006). Os estilos parentais criam um contexto, um determinado clima emocional, no qual se vão inserir determinadas atuações, sendo muito importante nesta fase de mudança e de diversas alterações, embora no período da adolescência as práticas educativas parentais sejam postas à prova de uma forma não comparável a outras épocas de vida (Sampaio, 2006).

Como já referido anteriormente, as famílias reconstituídas envolvem múltiplas mudanças que podem ser difíceis de concretizar, mas, podem ser um espaço importante de crescimento individual e familiar (Menaghan, Kowaleski-Jones & Mott, 1997; Alarcão, 2002). Um dos aspetos primordiais das famílias reconstituídas é, que os elementos do sistema familiar assim como o próprio adolescente saibam que lugar ocupam na nova constelação familiar, perceber a quem cabem as funções de pai e mãe, e qual o papel do padrasto e/ou da madrasta (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

Na abordagem das famílias reconstituídas devem ser considerados os aspetos relacionados com as diversas relações, e a situação do próprio adolescente (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Ainda neste contexto, podem ocorrer diversas situações como: i) as relações do adolescente na família reconstituída; ii) as relações do adolescente com o/a pai ou mãe com quem não vive e iii) todas as relações possíveis existentes no sistema familiar reconstituído.

Existem algumas especificidades das dinâmicas das famílias reconstituídas quando os adolescentes circulam entre dois agregados domésticos, existindo um contacto moderado com o ex-cônjuge existindo fronteiras permeáveis ao contacto entre os seus membros (Costa, 2012). Aqui, a complexidade da dinâmica da família reconstituída poderá estar associada à ausência de normas sociais de referência que regulam as relações entre os seus membros, e a ausência de normas exige dos membros da família uma grande flexibilidade e uma constante negociação, sendo uma adequada delimitação das fronteiras um aspeto importante e determinante da viabilidade da estrutura familiar (Cigoli & Scabini, 2006; Gambini, 2007; Costa, 2012; Minuchin & Fisham, 2003).

Do anteriormente exposto depreende-se que, para o sucesso da reconstituição familiar, a nova família deve construir novas relações, novos padrões de relacionamento e novas regras de funcionamento familiar, embora ocorram frequentes comparações com as anteriores vivências familiares, sendo assim necessário um equilíbrio para que o passado não ameace o presente (Alarcão, 2002).

2.2.1. Relação pai e/ou mãe e filho/a(s) adolescente(s)

Nas famílias reconstituídas, as crianças e o/a(s) adolescentes são considerados elementos cruciais destas configurações familiares e a sua formação é sempre uma etapa de grandes transformações (Alarcão, 2002; Brito, 2008). Quando ocorre a rutura da família biológica, o/a(s) adolescentes passam por um conjunto de situações de risco, como

sentimentos de culpa e medo de perder a ligação com o pai ou a mãe, vergonha e fantasias de reunificação, sentimento de impotência ou ciúme e conflitos de lealdade (Ferraris, 2002; Alarcão, 2002).

A relação entre o pai e a mãe e o/a(s) seus/suas filho/a(s) na nova família, também será influenciada e tenderá a ser renegociada (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Os estudos referem que esta relação se deteriora com a nova reconstituição familiar. É frequente observar-se a existência de um acréscimo de comportamentos negativos e consequentemente, mais punições e menos afeto e menos supervisão parental (Dunn, Deater-Deckard, Pickering & O'Connor, 1999; Vuchinich, Hetherington & Clingempeel, 1991).

A reconstituição familiar pode ter diferentes impactos nos elementos da nova família (Alarcão, 2002; Brito, 2008). Se para alguns adultos, a construção de uma nova relação pode significar uma nova oportunidade e a construção de um projeto familiar, para o/a(s) adolescentes, a reconstrução familiar pode ter um significado muito diferente. Autores como Visser e Visser (1993), referem que para os adolescentes o recasamento de um dos pais pode representar a perda da relação com o outro progenitor. O recasamento de um dos pais poderá ser acompanhado por uma certa ambivalência, vivida com sentimentos negativos e positivos, com determinadas variáveis que poderão ser facilitadoras ou não na adaptação à nova união, nomeadamente: i) o desenvolvimento psicológico, e.g. a capacidade de lidar com mudanças e conflitos, a idade (os mais velhos parecem lidar melhor com esta situação), a ambiguidade do luto realizado pelos pais da anterior relação (revelam a dificuldade da criança para fazer o luto em relação à família inicial e adaptar-se à nova família); ii) forte ligação com um dos pais biológicos (e.g. se no período de parentalidade singular se estabeleceu uma forte ligação com um dos pais biológicos), esta pode dificultar a entrada de um novo elemento no novo sistema (Costa, 1994; Hetherington, 1982; Alarcão, 2002; Costa, 2008; Robertson, 2008).

Segundo Alarcão (2002), a reconstrução familiar é particularmente difícil durante a fase da adolescência. Neste contexto estudos evidenciam baixos níveis de bem-estar em adolescentes de famílias reconstituídas (Carter & McGoldrick, 1995; Bray & Harvey, 1995; Alarcão, 2002; Sampaio, 2006). Este período desenvolvimental é caracterizado por transformações físicas e psicológicas, porém destacam-se as transformações psicológicas e emocionais.

Com a reconstituição familiar também se destacam as dinâmicas relacionais entre pais e filhos, que são vivenciadas em grande stress, por ambos enfrentarem desafios que

não estiveram presentes na construção da primeira família, sendo este risco maior nos dois primeiros anos após o recasamento e durante a adolescência (Sampaio, 2006; Cartwright, 2008). A reconstrução familiar implica a necessidade de manutenção do crescimento individual e familiar, a redefinição do laço parental e filial que é muito importante na família reconstituída, pois é uma das grandes responsabilidades no cuidado por parte do pai e da mãe (Alarcão, 2002).

São evidentes algumas dificuldades do/a(s) filho/a(s) nas famílias reconstituídas, entre as quais podemos destacar os conflitos de lealdade sentidos face aos pais biológicos e pais não biológicos (Alarcão, 2002; Sampaio, 2006; Brito, 2008). Ainda neste processo os filhos correm o risco de ter dificuldades em conceber a sua identidade face ao novo casal, dado o facto de pertencerem a mais do que um grupo familiar, onde coexistem tanto os laços biológicos como os laços afetivos (Van Cutsem, 2001). Sendo muito importante a partilha das dificuldades e dos aspetos positivos da família com o adolescente, deve-se ter a preocupação de envolver o adolescente em atividades e tarefas que envolvam todo o sistema familiar.

2.2.2. Relação Padrasto/Madrasta e enteado/a(s) adolescente

A relação entre padrasto(s)/madrasta(s) e enteado/a(s) geralmente é considerada como *stressante* e problemática (Hetherington & Clingempeel, 1992). No entanto, a investigação refere que os padrastos/madrastas tentam criar uma relação aconchegante e unida com os seus enteados (Ganong, Coleman, Fine & Martin, 1999). Geraci (2008) confirma esta mesma ideia de que a relação entre enteados e padrastos/madrastas pode ser próxima, como também pode haver confiança da parte do/a(s) adolescente(s) para com estes, principalmente as crianças que têm relação com os seus padrastos/madrastas desde pequenos.

Para além disso, na adaptação à reconstituição da nova família, existem diferenças de género, sendo as raparigas a apresentarem maiores dificuldades na interação e mais conflitos com padrasto(s)/madrastas quando comparadas com os rapazes (Vuchinich, Hetherington, & Clingempeel, 1991). Nas famílias em que existe uma madrasta, a(s) filhas(s) podem ter sentimentos de rivalidade e de ciúme pela nova companheira do pai, motivados pela sensação de perda de poder e de privilégios (Di Vita & Salermo, 2005).

O padrasto ou a madrasta terão de ter em conta que as mudanças requerem tempo e este poderá ser um aliado. Terão ainda, de ter em conta que o seu papel será de auxiliar

e que será desenvolvido através do progenitor biológico, no entanto, poderão tornar-se mais ativos em função do tempo, idade e residência principal (Alarcão, 2000). Contudo, ao longo dos anos a situação tenderá a normalizar-se e estas relações tornar-se-ão semelhantes às de famílias nucleares (Freijo & Delgado, 2010). A resistência e a difícil adaptação do/a(s) filho/a(s) à nova situação familiar, pode dever-se ao período que passou entre o divórcio e a nova união (Brito, 2006).

Nesta nova estrutura familiar como já foi referido, é construída um relacionamento, onde já existiam histórias entre pais e filhos, e o novo companheiro/a ainda não está incluído nesta relação. Os novos elementos da família terão de desenvolver um espaço psicológico e físico, para criarem o seu relacionamento e, principalmente para os que ainda não foram pais/mães em relacionamentos anteriores, será uma nova experiência (Robinson, 1991).

2.2.3. Relação entre irmãos, meios-irmãos e co-irmãos

Ao abordar-se o relacionamento fraterno nas famílias reconstituídas, deve-se ter em conta que, este subsistema pode apresentar-se com algumas peculiaridades (Silveira, 2002), como: i) irmãos consanguíneos (de pai e mãe), meios-irmãos (só por parte de pai ou mãe), e co-irmãos (sem laço consanguíneo, filhos do padrasto ou da madrasta com quem coabitam) (Wagner, 2002).

A composição familiar nas famílias reconstituídas, nem sempre fica clara, tanto (e principalmente) para aqueles que procuram compreendê-la, mas o adolescente de famílias reconstituídas integra os novos membros (padrasto, madrasta e filhos destes) à luz da sua perceção de família, ou seja, os adolescentes consideraram da família aqueles membros com os quais coabitam (Wagner, 2002). Uma das características do relacionamento fraterno é a ambivalência de sentimentos, estando associada a afetos, tanto positivos quanto negativos, sendo uma das relações mais intensas e ricas de experiências na aprendizagem de padrões de comportamento.

Ferraris (2002) referiu-se aos problemas que podem aparecer no começo da reorganização familiar nomeadamente: as divisões de espaço e objetos materiais; a mudança no *status* (posição) no interior do grupo fraterno, que pode implicar a perda do seu lugar e papel no subsistema familiar; as alianças ou coligações. E, o seu estudo revela que as crianças e os adolescentes são mais propensas a excluir alguns membros da família, como o meio-irmão especialmente em famílias monoparentais e famílias reconstituídas

do que nas famílias com os seus pais biológicos. No entanto, as crianças e os adolescentes sentem-se à vontade, e mostram e exprimem os laços afetivos que as unem (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

No relacionamento entre os membros da fratria, a medida que o tempo vai passando, as crianças e os adolescentes começam por incluir os meios-irmãos ou meias-irmãs e só posteriormente incluem o/a(s) filho/a(s) do padrasto ou da madrasta (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Podem ocorrer episódios de agressividade, sendo necessário tempo para que as regras de convivência funcionem, e por vezes ainda se torna mais complexo quando umas crianças ou adolescentes vivem na casa do pai/mãe com o padrasto/madrasta e as outras crianças ou adolescentes estarem apenas presentes em determinadas ocasiões e períodos de tempo (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

2.2.4. Relação de Casal

Nas famílias recompostas podemos dizer que o casal se forma em simultâneo com a sua parentalidade, ou seja, o casal conhece-se ao mesmo tempo que se dedica a cuidar dos filhos, deparando-se assim, com outros desafios, tais como, ajudar os filhos a adaptarem-se à nova vida familiar (Alarcão, 2002; Kunrath, 2006). Se por um lado, surge a necessidade de os elementos do casal elaborarem o luto das perdas da primeira união, por outro lado, após a separação e com a nova união é também importante o contacto com os elementos da primeira família e com a sua história. Para além disso, quando ocorre a segunda união, existe uma bagagem relacional da primeira, em que estão também presentes aspetos da família de origem, mas, quando surge uma reconstituição, estão presentes vários aspetos emocionais nomeadamente: da família de origem, do primeiro casamento e da separação, do divórcio, do período entre a primeira e segunda união e ainda as expectativas recíprocas que cada membro do casal transporta consigo para a nova união (Carter & McGoldrick, 1980; Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

A construção do casal implica determinadas tarefas desenvolvimentais assentes numa dimensão ética e afetiva. Esta formação do novo casal envolve o cuidado com o outro reconhecendo a sua especificidade e a sua diferença e a sua história de vida, numa reciprocidade nas várias esferas da vida (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

Neste sentido, verifica-se que a reconstituição familiar é uma tarefa difícil e complexa, na qual o casal e a nova família se deparam com a ambiguidade dos papéis familiares, e a redefinição dos limites familiares, na qual o fator tempo se mostra como

uma dimensão crucial para a harmonia e desenvolvimento familiar (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Na nova família, a integração e a convivência entre os padrastos ou madrastas com os enteados ou enteadas é uma tarefa com algum grau de complexidade. Estas novas relações familiares são construídas ao longo do tempo, no dia-a-dia, na convivência, interagindo, comunicando e partilhando os aspetos mais importantes para a nova família.

PARTE II – Estudo Empírico

“Custa-me aceitar o relacionamento do meu pai com a mulher com quem está (...)”
F1_R. B

Na segunda parte deste trabalho apresenta-se num primeiro momento a metodologia utilizada, apresentando neste ponto a problemática em estudo, os objetivos gerais e específicos, os instrumentos utilizados, os procedimentos adotados na recolha e análise dos dados, bem como a caracterização dos participantes. Num segundo momento, é realizada a apresentação e a análise dos resultados obtidos através da técnica de análise de conteúdo, são discutidos os resultados e, por fim, apresentadas as principais conclusões e limitações do estudo.

Capítulo III – Método

3.1. Considerações Metodológicas

A investigação científica caracteriza-se por um processo sistemático e rigoroso, que permite examinar fenómenos com o objetivo de obter respostas às questões precisas (análise objetiva da realidade) (Estrela, 1994). A investigação requer um método que conduza à aquisição de novos conhecimentos pelo desenvolvimento ou verificação da teoria (Fortin, 1999). Ainda de acordo com Fortin, (1999) é através da metodologia que se estudam, descrevem e clarificam os métodos utilizados ao longo do trabalho de investigação.

A determinação do tipo de estudo a realizar está associada à formulação do problema e/ou questões de investigação. Neste sentido, considerando a contribuição específica da investigação qualitativa no âmbito do estudo das relações sociais, justifica-se no presente estudo, a utilização desta metodologia (Flick, 2005).

Em conformidade com Vilelas (2009), a investigação qualitativa defende a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, neste sentido o ambiente natural é a fonte direta para a recolha dos dados que, por sua vez, devem ser descritivos (Vilelas, 2009). Assim, a investigação qualitativa é uma via de estudo da sociedade que se foca no modo como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo envolvente (Willig, 2001). Os investigadores utilizam-na para explorar o comportamento, as perspetivas e as vivências dos participantes (Holloway,

1999). Corroborando esta perspectiva, McCusker e Gunaydin (2015), defenderam que a investigação qualitativa consiste na abordagem interpretativa da realidade social. A investigação qualitativa detém cinco características principais, sendo elas: i) a possibilidade de investigar o significado que os participantes atribuem à vida num contexto real; ii) a colocação em posição privilegiada a perspectiva do participante; iii) a contemplação do contexto real de vida dos participantes; iv) a procura da explicação do comportamento social humano pela introspeção de conceitos existentes e/ou emergentes; e v) a utilização de fontes de evidência em vez de confiar numa única fonte isolada (Yin, 2011).

Nas investigações qualitativas, para fins de recolha de dados, recorre-se na maior parte das vezes à entrevista semiestruturada que, tal como Flick (2005) explica, integra um guião de entrevista, com perguntas semiabertas elaboradas pelo investigador, às quais se pretende que o entrevistado responda de forma livre. Este método é mais rico porque possibilita o registo das dificuldades e/ou facilidades dos indivíduos entrevistados (Almeida & Freire, 2008).

Os dados recolhidos, são analisados com recurso à análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2009), tem como objetivo a redução da informação recolhida e, regularmente, após a transcrição das entrevistas, engloba os seguintes passos: i) pré-análise, a leitura pormenorizada dos registos; ii) exploração do material, a sinalização e a identificação das unidades de análise, constituídas por verbalizações dos participantes (informações com significado no âmbito das questões em estudo); e iii) tratamento dos resultados, inferências e interpretação, a agregação das unidades de análise relacionadas entre si, resultando estas nas categorias que suportam os temas em análise.

3.2. Problemática do Estudo

O presente estudo pretende investigar a dinâmica das relações familiares em famílias reconstituídas com filhos adolescentes. A literatura caracteriza esta temática como uma dinâmica familiar com uma abundância de vínculos familiares, pela ambivalência dos papéis e dos afetos o que leva a existência de uma realidade relacional nova, que necessita de novas dinâmicas e formas dos elementos se relacionarem, em que a família reconstituída consiga assegurar o desenvolvimento integral do adolescente e o do próprio sistema familiar reconstituído.

3.3. Objetivo do Estudo

Atendendo ao objetivo geral, no qual se pretende compreender a dinâmica das relações em famílias reconstituídas com filho/a(s) adolescentes, foram formulados os seguintes objetivos específicos, com o propósito de orientar a presente investigação:

- 1- Compreender a convivência entre os elementos da família;
- 2- Identificar o tipo de relações entre os elementos da família;
- 3- Identificar o tipo de relação no exercício das funções parentais;
- 4- Identificar os sentimentos relacionados com as vivências na família.

3.4. Instrumentos

Para efeitos de recolha de dados, para posterior análise, procedeu-se à aplicação da entrevista semiestruturada, que incorpora um guião com perguntas semiabertas, às quais se pretende que o entrevistado responda de forma livre (Flick, 2005).

Com a finalidade de adaptar a entrevista ao presente estudo, foi necessária uma preparação prévia e consequentemente a construção do guião de entrevista (Anexo I), para recolher as informações necessárias ao cumprimento dos objetivos anteriormente mencionados e delineados.

A entrevista foi estruturada de acordo com seis temas:

Tema I: Legitimação da entrevista;

Tema II: Caracterização sociodemográfica da/o entrevistada/o;

Tema III: Convivência familiar;

Tema IV: Relações na família;

Tema V: Relações no exercício da parentalidade;

Tema VI: Sentimentos sobre as vivências da família.

O primeiro tema do guião de entrevista tem o intuito de esclarecer os participantes relativamente ao tema abordado, informando-os sobre os objetivos, a metodologia de investigação utilizada e indicando os responsáveis pelo estudo. Visa ainda assegurar a confidencialidade e o anonimato dos dados dos participantes, informando-os da necessidade de registo escrito ou gravação áudio das entrevistas para posterior análise, sendo solicitada a autorização para o mesmo, e pôr à disposição dos participantes os elementos solicitados (e.g. gravação/transcrição da entrevista, resultados da investigação).

O segundo tema da entrevista teve como finalidade a recolha dos dados necessários para a caracterização dos participantes, do ponto de vista sociodemográfico. Para este efeito foram recolhidos dados relativamente ao sexo, idade, estado civil, número de filhos, idade dos filhos, local de residência, habilitações literárias, profissão, situação laboral.

Quanto ao terceiro tema da entrevista, este diz respeito às questões diretamente relacionadas como estudo. Neste tema, as perguntas levantadas apontam para o entendimento da convivência entre os elementos da família, onde se pretende compreender o convívio diário da família, sobretudo as rotinas, regras, divisão de tarefas, tipo de conflitos e soluções para os mesmos.

Relativamente ao quarto tema da entrevista, este pretende compreender as relações no âmbito do exercício da parentalidade, com o objetivo de identificar o modo como os pais exercem a parentalidade.

De seguida, o quinto tema da entrevista remete para a perceção da/o(s) entrevistada/o(s) em relação ao(s) relacionamento(s) na família.

Por fim, o sexto tema da entrevista procura perceber os sentimentos sobre as vivências da família, com o objetivo de identificar os sentimentos dos elementos da família relacionados com as vivências na família.

3.5. Procedimentos gerais de recolha e tratamento dos dados

Com vista à recolha dos dados para a realização do presente estudo, e relativamente aos participantes para a participação na investigação, foram propostos os seguintes critérios de inclusão: i) estar casado/a ou em união de facto há pelo menos 3 anos; ii) ter pelo menos um/a filho/a adolescente do casamento anterior e/ou enteado/a adolescente; e iii) possibilidade de entrevistar o par madrasta/enteado/a e/ou padrasto/enteado/a.

Após o primeiro contato da investigadora com os/as participantes que se mostraram disponíveis para participar no estudo (contactados telefonicamente, e em função da sua disponibilidade) realizou-se o agendamento da entrevista presencial.

O processo de recolha de dados decorreu durante o mês de abril e de setembro, sendo as entrevistas realizadas individualmente num ambiente calmo de uma sala, sem interferências sonoras e de outros indivíduos.

Após a apresentação da entrevistadora, a entrevista iniciou-se com os esclarecimentos sobre os objetivos do estudo e a respetiva solicitação de colaboração. No mesmo sentido, foram dadas as garantias éticas e deontológicas e, nesse sentido, assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados, solicitando-se as autorizações para a gravação áudio da entrevista, para posterior análise dos dados recolhidos. Após a aceitação da participação no estudo, o/as participantes assinaram o consentimento informado (Anexo II) porém, os/as participantes disponibilizaram-se a participar no estudo, solicitando que a recolha de dados fosse efetuada através de registo escrito, sem o registo áudio das entrevistas.

Ao longo da entrevista foi dado espaço aos/às participantes para responderem livremente e sem qualquer tipo de constrangimento a cada questão, e foi-lhes dada a possibilidade de desistirem a qualquer momento, caso não se sentissem confortáveis a responder às questões da entrevista. O tempo de duração das entrevistas variou entre 30 e 45 minutos, de acordo com a disponibilidade de cada participante em comunicar e partilhar as informações relevantes para o/a próprio/a.

Efetuada o registo das entrevistas, elaboraram-se em suporte digital as respetivas verbalizações e foram posteriormente impressas em papel, de forma a facilitar a análise e codificação dos dados. Para garantir o anonimato dos participantes, fez-se corresponder um número entre 1 e 13 precedido da letra “F”, a cada entrevistado/a, o que representa a ordem dos padastos e das madrastras. As entrevistas do/as enteado/as encontram-se codificadas pela letra “F”, consoante seja filho/a do marido/mulher ou companheiro/a.

Após o registo das entrevistas em suporte digital e da leitura pormenorizada do material recolhido, iniciou-se a análise de conteúdo, realizando a redução da informação, com o objetivo de fornecer uma representação simplificada dos dados em categorias e subcategorias (Bardin, 2009).

Por se tratar de um processo indutivo de análise dos dados, foram propostos os temas *à priori* e criadas as categorias *à posteriori* (Moraes, 1999). Por conseguinte, durante o processo de análise de conteúdo foram definidos dois tipos de unidades. O primeiro tipo de unidade é relativo às Unidade de Registo (UR), ou seja, são palavras e expressões-chave (do discurso) referentes aos aspetos individuais da experiência do/as participantes, que permitem organizar as categorias e subcategorias tendo presente um determinado tema em análise. O segundo tipo, refere-se às Unidades de Contagem (UC), que dizem respeito ao número de vezes que cada entrevistado/a faz referência a determinada experiência.

As categorias ora criadas definem o que é essencial em função dos objetivos do estudo. Esta categorização dos conteúdos, acontece ao longo de todo o processo de análise e os títulos destas são estipuladas até ao seu final (Moraes, 1999).

3.5. Caracterização do/as Participantes

Face ao objetivo da investigação, participaram neste estudo vinte e seis participantes, oito padrastos, cinco madrastas, nove enteados e quatro enteadas. Todos os dados dos Quadros 1 e 2, foram obtidos a partir da entrevista e do registo escrito.

Quadro 1: Caracterização sociodemográfica dos/as padrastos e madrastas

Sujeito	Sexo	Idade	Estado Civil	Nº de filhos do casamento anterior	Nº de filhos do casamento e atual	Nº de Enteados	Habilitações académicas	Profissão	Situação laboral
F1	F	43	União Facto	2	0	1	Licenciatura	Gestora	Efetiva
F2	M	58	Casado	2	1	1	12º ano	Gerente de Empresa	Efetivo
F3	M	47	União Facto	0	0	2	Licenciatura	Professor E. Básico	Empregado
F4	M	34	Casado	0	1	1	Licenciatura	Enfermeiro	Efetivo
F5	F	40	Casado	0	0	1	Licenciatura	Assistente Dentária	Efetiva
F6	F	35	União Facto	0	0	1	Licenciatura	Enfermeira	Desempregada
F7	M	44	Casado	0	0	1	12º ano	Funcionário Administrativo	Empregado
F8	F	41	Casada	0	0	2	Licenciatura	Técnica de Farmácia	Empregada
F9	M	51	União Facto	1	0	1	Licenciatura	Engenheiro Civil	Empregado
F10	M	42	Casado	1	0	2	Licenciatura	Bancário	Empregado
F11	F	39	União Facto	0	1	1	12º ano	Técnica de Contabilidade	Empregada
F12	M	48	Casado	1	0	2	12º ano	Funcionário Público	Empregado
F13	M	43	União Facto	0	1	1	12º ano	Gestor de Vendas	Empregado

De acordo com os dados do Quadro 1, foram entrevistados (N=13) participantes (padrastos e madrasta), sendo possível observar uma certa diferença no que diz respeito ao número de participantes em função do género: género feminino (madrastas) ($n=5$) e género masculino ($n=8$).

Quanto às idades do/as participantes, estas variam entre os 34 e os 58 anos.

No que concerne ao estado civil, ($n=6$) participantes vivem em união de facto e os restantes ($n=7$) são casados.

A maioria ($n=8$) não possui nenhum filho/a do casamento anterior nem do casamento/união atual ($n=9$). A maioria dos participantes ($n=9$) tem apenas um/a enteado/a e os restantes têm dois enteados/as.

Relativamente às habilitações académicas, pode observar-se que ($n=5$) possui o 12º ano de escolaridade e ($n=8$) têm licenciatura.

Existem ($n=12$) participantes empregados e apenas ($n=1$) está desempregado.

Todos os participantes estão numa situação familiar em que ocorreu uma segunda união, ou seja, estão numa família reconstituída.

Atesta-se ainda que doze entrevistado/as identificaram a sua condição laboral como estável.

Quadro 2: Caracterização sociodemográfica dos/as enteados/as

Sujeito	Sexo	Idade	Habilitações académicas	Número de irmãos/irmãs	Idade dos irmãos/irmãs	Tipo de tratamento ao padrasto / madrasta
f1	M	17	11º ano	0	0	Pelo nome
f2	F	15	10º ano	1	3 anos	Pelo nome
f3	M	13	8º ano	1	17 anos	Pelo nome
f4	M	16	11º ano	1	8 anos	Pelo nome ou por pai
f5	M	15	10º ano	0	0	Pelo nome
f6	F	18	12º ano	0	0	Pelo nome
f7	M	13	8º ano	0	0	Pelo nome
f8	M	13	8º ano	1	15 anos	Pelo nome
f9	M	14	9º ano	0	0	Pelo nome
f10	F	14	9º ano	1	15 anos	Pelo nome ou por pai
f11	F	15	10º ano	1	3 anos	Pelo nome
f12	M	15	9º ano	1	13 anos	Pelo nome
f13	M	16	10º ano	1	4 anos	Pelo nome

De acordo com o Quadro 2, foram entrevistados (N=13) participantes (enteados/as), existindo algumas diferenças no número de participantes em função do género: género feminino ($n=4$) e género masculino ($n=9$).

Quanto às idades do/as participantes, estas variam entre os 13 e os 18 anos.

Relativamente às habilitações académicas, pode observar-se que ($n=3$) participantes frequentam o 8º ano; ($n=3$) participantes frequentam o 9º ano; ($n=4$) participantes frequentam o 10º ano; ($n=2$) participante frequenta o 11º ano; e apenas ($n=1$) participante frequenta o 12º ano de escolaridade.

Quanto ao tipo de tratamento dirigido aos padrastos e madrastas, a maioria ($n=11$) do/as participantes costumam tratá-los pelo “*nome próprio*”. Os outros participantes ($n=2$) tratam indiferenciadamente “*pelo nome ou por pai ou mãe*”.

Capítulo IV- Apresentação dos Resultados

Neste capítulo proceder-se-á a apresentação dos resultados obtidos das entrevistas realizadas, com recurso à técnica de análise de conteúdo. Os dados tratados resultaram na definição de categorias, subcategorias e sub-subcategorias.

Esta sistematização permite organizar os dados recolhidos procurando responder aos objetivos do estudo.

4.1. Apresentação e descrição do sistema de categorias

No presente estudo, os temas foram previamente definidos e, e por se tratar de um processo indutivo de análise dos dados, a categorização foi criada *à posteriori* com o surgimento de categorias, sub-categorias e sub-subcategorias, apoiadas no enquadramento teórico apresentado na primeira parte desta dissertação.

Conforme referido anteriormente, durante o processo de análise de conteúdo foram definidos dois tipos de unidades: unidades de registo (UR); e as unidades de contagem (UC). As unidades de registo (UR) (palavras e expressões-chaves referentes aos aspetos individuais da experiência do/as participantes), permitiram organizar as categorias e as subcategorias dentro de cada tema em análise (tema esse que foi previamente definido). Quanto ao segundo tipo de unidade, as unidades de contagem (UC), estas referem-se ao número de vezes que cada participante (entrevistado/a) faz referência a determinada experiência.

Consequentemente, as categorias, subcategorias e sub-subcategorias de cada tema em análise vão ser expostas ao longo da apresentação dos resultados, como podemos verificar no Quadro 3, que demonstra uma visão geral dos Temas, Categorias, Subcategorias e Sub-subcategorias. Os dados apresentados são referentes a dois grupos de participantes Grupo 1 - Padrastos/Madrastas, e Grupo 2 - Enteados/Enteadas.

Grupo 1 – Padrastos/Madrastas

Tema 1- Convivência familiar

O primeiro tema, a convivência familiar, compreende 3 categorias: Ambiente Familiar Funcional, Ambiente Familiar Disfuncional e Dificuldades e problemas no dia-a-dia, e 20 subcategorias. O mesmo tem como objetivo identificar e descrever o modo como os padrastos e madrastas entrevistado/as percebem a sua convivência familiar.

Quadro 3: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 1

Tema	Categorias	Subcategorias
1. Convivência familiar	Ambiente Funcional	Aceitação da nova família Convivência positiva Satisfação das necessidades básicas (alimentação) e das necessidades socio-afetivas e educacionais, Partilha das tarefas domésticas Realização de atividades de lazer Realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s) Realização de atividades com o/a companheiro/a Boa comunicação Relação positiva
	Ambiente Disfuncional	Não aceitação da nova família Convivência difícil Dificuldade na relação conjugal Dificuldades em comunicar Tarefas domésticas não partilhadas

	Não realização de atividades de lazer em família
Dificuldade e problemas no dia-a-dia	Stress da vida cotidiana
	Problemas escolares
	Dificuldades associadas à fase de desenvolvimento
	Diferença de opiniões
	Conflitos entre irmãos

Categoria 1 - Ambiente Familiar Funcional

Na Categoria 1 - *Ambiente Familiar Funcional*, aqui é possível identificar um ambiente familiar funcional, devido a ocorrência de diversos fatores que influenciam uma convivência positiva e fácil. Assim, nesta Categoria, emergiram 9 subcategorias: Aceitação da nova família; Convivência positiva; Satisfação das necessidades básicas (alimentação) e das necessidades socio-afetivas e educacionais; Partilha das tarefas domésticas; Realização de atividades de lazer; Realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s); Realização de atividades com o/a companheiro/a; Boa comunicação; e Boa relação familiar.

Quadro 4: Categoria 1 - Ambiente Familiar Funcional

Subcategorias	(UR)	(UC)
Aceitação da nova família	1	2
Convivência positiva	8	12
Satisfação das necessidades (necessidades básicas de alimentação e das necessidades socio-afetivas e educacionais)	4	4
Partilha das tarefas domésticas	8	11
Realização de atividades de lazer	10	28
Realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s)	8	10
Realização de atividades com o/a companheiro/a	4	5

Boa comunicação	3	5
Boa relação familiar.	3	7

Tal como ilustra o Quadro 4, da Categoria 1 - *Ambiente Familiar Funcional*, surgem 9 subcategorias: Aceitação da nova família; Relação positiva entre os elementos da família; Satisfação das necessidades (necessidades básicas de alimentação e das necessidades socio-afetivas e educacionais) Partilha das tarefas domésticas; Realização de atividades de lazer; Realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s); Realização de atividades com o/a companheiro/a; Boa comunicação; e Boa relação familiar.

A subcategoria, Aceitação da nova família foi descrita por 1 entrevistado/a (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) o meu filho mais velho já não vive comigo, mas compreende a situação de ter feito a minha vida (...)” F1.

A subcategoria Relação positiva entre os elementos da família diz respeito a outro fator que contribui para um ambiente familiar funcional evidenciada pelos padrastos e madrastas, foi descrita por 8 entrevistado/as (UC=12), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Diria que temos uma boa convivência (...)” F10.

Relativamente à subcategoria Satisfação das necessidades (necessidades básicas de alimentação e das necessidades socio-afetivas e educacionais) foi descrita por 4 entrevistado/a (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Quando estamos só os três fazemos aquilo que a mulher chama de asneiras (...) não custa nada dar-lhes uns mimos” F4.

A subcategoria Partilha das tarefas domésticas foi descrita por 8 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) cada um de nós tem o seu papel ... cada um arruma o que desarrumou, as refeições são preparadas por mim e pela minha mulher” F3.

Enquanto que a subcategoria Realização de atividades de lazer foi descrita por 10 entrevistado/as (UC=28), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Gostamos de ir à praia, ao shopping ou fazer piqueniques. Não interessa onde vamos, o que interessa é que gostamos de estar juntos” F3.

A subcategoria Realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 8 entrevistado/as (UC=10), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Gosto muito de cozinhar com o P. M. (enteado), vejo que realmente ele está interessado e fala comigo sobre a escola e os amigos (...)” F8.

A subcategoria Realização de atividades com o/a companheiro/a foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=5), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) e tentamos sempre que conseguimos tirar um fim-de-semana para namorar e deixamos os filhos a cargo dos avós” F1.

Relativamente à subcategoria Boa comunicação foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=5), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) falamos dos nossos problemas e alegrias uns com os outros (...)” F2.

Por fim, a subcategoria Boa relação familiar foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=7), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Tenho boa relação (...) com os meus dois enteados (...) vejo os meus enteados como meus filhos, trato-os como tal” F3.

Categoria 2 - Ambiente Familiar Disfuncional

Na Categoria 2 - *Ambiente Familiar Disfuncional*, a convivência familiar, surge como disfuncional, devido à existência de diversos fatores que influenciam uma convivência negativa e difícil. Desta categoria, emergiram 6 subcategorias relativamente ao tema convivência familiar: Não aceitação da nova família; Convivência difícil; Dificuldade na relação conjugal; Dificuldades em comunicar; Tarefas domésticas não partilhadas; e Não realização de atividades de lazer em família.

Quadro 5: Categoria 2 - Ambiente Familiar Disfuncional

Subcategorias	(UR)	(UC)
Não aceitação da nova família	2	6
Convivência difícil	4	11
Dificuldade na relação conjugal	1	2
Dificuldades em comunicar	4	11
Tarefas domésticas não partilhadas	5	10
Não realização de atividades de lazer em família	3	5

Tal como ilustra o Quadro 5, da Categoria 2 - Ambiente Familiar Disfuncional, surgem 6 subcategorias: Não aceitação da nova família; Convivência difícil; Dificuldade na relação conjugal; Dificuldades em comunicar; Tarefas domésticas não partilhadas; e

Não realização de atividades de lazer em família, as quais refletem um ambiente familiar disfuncional.

A subcategoria Não aceitação da nova família foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=6), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A nossa relação é bastante complexa. A minha filha mais nova nunca aceitou a presença do meu enteado, penso que sente ciúmes ou insegurança (...)” F1.

No que diz respeito à subcategoria Convivência difícil foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A convivência é muito difícil (...) muito difícil de lidar com o meu enteado e com as discussões que ele tem comigo e com a minha filha (...)” F1.

Relativamente a subcategoria Dificuldade na relação conjugal foi descrita por 1 entrevistado/a (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Enfim... a P. A. (enteada) acaba por fazer com que eu e o meu companheiro estejamos sempre a discutir (...)” F6.

A subcategoria, Dificuldades em comunicar foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Eu noto que temos dificuldades em comunicar, sendo este o principal problema (...)” F1.

Enquanto a subcategoria Tarefas domésticas não partilhadas foi descrita por 5 entrevistado/as (UC=10), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) então sou eu quem trata de fazer o almoço, o jantar, trato da roupa... eles não me ajudam em nada, fica tudo para mim” F6.

Por último, a subcategoria Não realização de atividades de lazer em família foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=5), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Não temos tempos livres juntos. Nos tempos livres que temos não fazemos nada em conjunto, cada um de nós passa o seu tempo livre como bem entende.” F5.

Categoria 3 – Dificuldades e problemas no dia-a-dia

Na Categoria 3 - Dificuldades e problemas no dia-a-dia, os padrastos e as madrastas consideram algumas dificuldades que ocorreram ou ainda ocorrem na sua família, as dificuldades sentidas são para os elementos da família fatores de stress. Neste sentido, emergiram 5 subcategorias relativamente à convivência familiar: Stress da vida quotidiana; Problemas escolares; Dificuldades associadas à fase de desenvolvimento; Diferença de opiniões; e Conflitos entre irmãos.

Quadro 6: Categoria 3 – Dificuldades e problemas no dia-a-dia

Subcategorias	(UR)	(UC)
Stress da vida quotidiana	5	6
Problemas escolares	3	3
Dificuldades associadas à fase de desenvolvimento	4	4
Diferença de opiniões	4	5
Conflitos entre irmãos	1	1

Tal como ilustra o Quadro 6, da Categoria 3 - *Dificuldades e problemas no dia-a-dia*, desta categoria surgem 5 subcategorias: Stress da vida quotidiana; Problemas escolares; Dificuldades associadas à fase de desenvolvimento; Diferença de opiniões; e Conflitos entre irmãos, os quais refletem as dificuldades e os problemas mencionados pelo/a(s) entrevistado/a(s) que ocorrem num ambiente familiar disfuncional.

A subcategoria Stress da vida quotidiana foi descrita por 5 entrevistado/as (UC=6), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Temos problemas do dia-a-dia (...)” F1.

Na subcategoria Problemas escolares foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=3), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) os miúdos os problemas na escola, com os colegas, professores e testes” F1.

Relativamente à subcategoria Dificuldades associadas à fase de desenvolvimento foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Os que surgem são relacionados com o enteado mais velho que está na adolescência (...)” F4.

No entanto, a subcategoria Diferença de opiniões foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=5), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Comigo os conflitos são porque temos opiniões diferentes” (...) é elas serem todas teimosas e nunca ouvirem o que lhes digo” F7.

Por fim, a subcategoria Conflitos entre irmãos foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) o que acontece mais é a zanga entre os miúdos” F12.

Tema 2 – Relações Familiares

O segundo tema, relações familiares, compreende 3 categorias: Relação Familiar Harmoniosa, Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa e Inexistência de contacto com filho/a(s) que não habitam com a família reconstituída e 8 subcategorias. O tema tem como objetivo identificar e descrever o modo como os padrastos e madrastas entrevistado/as percebem s relações familiares .

Quadro 7: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 2.

Tema	Categorias		Subcategorias
2. Relações familiares	Relação Harmoniosa	Familiar	Boa relação familiar
			Boa comunicação familiar Inexistência de conflitos Respeito Afetividade
	Relação Disfuncional Conflituosa	familiar e/ou	Ocorrência de conflitos com o/a(s) enteado/a(s)
			Ocorrência de conflitos na relação conjugal Dificuldade e/ou Inexistência de uma relação com o/a(s) enteado/a(s)

Categoria 1 - Relação Familiar Harmoniosa

Na Categoria 1 - *Relação Familiar Harmoniosa*, é aquela relação marcada pela existência de aspetos favoráveis e positivos tais como o equilíbrio nas relações, entendimento, conciliação nos objetivos familiares fundamentais à ocorrência de uma boa relação entre todos os elementos do sistema familiar. Neste sentido, desta categoria, emergiram 5 subcategorias: Boa relação familiar, Boa comunicação familiar, Inexistência de conflitos, Respeito e Afetividade.

Quadro 8: Categoria 1 - Relação Familiar Harmoniosa

Subcategorias	(UR)	(UC)
Boa relação familiar	9	19
Boa comunicação familiar	2	2
Inexistência de conflitos	2	2
Respeito	2	2
Afetividade	2	2

Tal como ilustra o Quadro 8, da Categoria 1 - Relação Familiar Harmoniosa surgem 5 subcategorias: Boa relação familiar, Boa comunicação familiar, Inexistência de conflitos, Respeito e Afetividade.

A subcategoria Boa relação familiar foi descrita por 9 entrevistado/as (UC=19), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Tenho uma ótima relação com eles (filho e enteado), estou sempre presente na vida dele (...)” F9.

No que diz respeito à subcategoria Boa comunicação familiar foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Converso muito com as meninas (filha e enteada)” F10.

A subcategoria Inexistência de conflitos foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) raramente há zangas entre nós” F3.

Enquanto na subcategoria Respeito foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Damo-nos todos bem (...) à base do respeito e da confiança (...)” F10.

Por fim a subcategoria Afetividade foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A honestidade e o amor (...) Fazemos todos parte da mesma família, remamos todos no mesmo barco e na mesma direção” F12.

Categoria 2 - Relação familiar Disfuncional e/ou Conflituosa

Na Categoria 2 - Relação familiar Disfuncional e/ou Conflituosa, é caracterizada pela existência de fatores negativos como a existência de conflitos, a não aceitação da família reconstituída, as dificuldades no estabelecimento de relações que contribuem para a ocorrência desse tipo de relação entre os elementos do sistema familiar. Neste sentido, emergiram 3 subcategorias relativamente à relação familiar disfuncional e/ou Conflituosa: Ocorrência de conflitos com o/a(s) enteado/a(s), Ocorrência de conflitos na relação conjugal e Dificuldade e/ou Inexistência de uma relação com o/a(s) enteado/a(s).

Quadro 9: Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa

Subcategorias	(UR)	(UC)
Ocorrência de conflitos com o/a(s) enteado/a(s)	1	1
Ocorrência de conflitos na relação conjugal	1	2
Dificuldade e/ou Inexistência de uma relação com o/a(s) enteado/a(s)	4	11

Tal como ilustra o Quadro 9, da Categoria 2 – Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa surgem 3 subcategorias: Ocorrência de conflitos com o/a(s) enteado/a(s), Ocorrência de conflitos na relação conjugal e Dificuldade e/ou Inexistência de uma relação com o/a(s) enteado/a(s).

A subcategoria Ocorrência de conflitos com o/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) constante implicação que a minha filha tem com o meu companheiro e não me dar bem com o R.B.” F1.

Enquanto a subcategoria Ocorrência de conflitos na relação conjugal foi descrita por 1 entrevistado/a (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Se for comigo o problema discute, ofende-me, diz que eu devia sair de casa...” F5.

Por fim a subcategoria Inexistência de uma relação com o/a(s) enteado/a(s) com o/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Acho que não tenho relação com o meu enteado, logo não nos relacionamos um com o outro.” F5.

Tema 3 – Relações no exercício da parentalidade

O terceiro tema, Relações no exercício da parentalidade, compreende 2 categorias: Funções parentais não partilhadas (entre pai/mãe e padrasto/madrasta) e Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta) e 5 subcategorias. Este tema tem como objetivo identificar e descrever o modo como os padrastos e madrastas entrevistado/as percebem as suas relações no exercício da parentalidade.

Quadro 10: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 3.

Tema	Categorias	Subcategorias
3. Relações no exercício da parentalidade	Funções parentais não partilhadas (entre pai/mãe e padrasto/madrasta)	Dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s)
	Funções parentais partilhadas (entre pai/mãe e padrasto/madrasta)	Apoio na educação do/a(s) enteado/a(s)
		Apoio nas dificuldades /problemas sentidos pelo/a(s) enteado/a(s)
		Proteção e segurança

Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas

Na Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas, (entre pai/mãe e padrasto/madrasta) os padrastos e as madrastas consideram as funções parentais como uma questão da parentalidade, na qual cada elemento do casal assume a responsabilidade e o papel de educador do seu filho/a(s), biológico não existindo uma partilha da parentalidade do/a pai/mãe com o padrasto/madrasta. Neste sentido, emergiu 1 subcategoria relativamente às Funções parentais não partilhadas (entre pai/mãe e padrasto/madrasta): Dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s).

Quadro 11: Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas

Subcategorias	(UR)	(UC)
Dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s)	2	3

Tal como ilustra o Quadro 12, da Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas surge 1 subcategoria: Dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s)

A subcategoria Dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=3), evidenciando-se o seguinte exemplo: “O E.P. (enteado) quando tem algum problema só procura a mãe para ajudá-lo” F9.

Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta)

Na Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta), os padrastos e as madrastas consideram as funções parentais como uma questão da parentalidade, na qual ambos os elementos do casal assumem a responsabilidade e o papel de educador o/a(s) adolescente(s), existindo uma partilha da parentalidade do/a pai/mãe com o padrasto/madrasta. Neste sentido, emergiram 3 subcategorias relativamente às Funções parentais partilhadas: Apoio na educação do/a(s) enteado/a(s), Apoio nas dificuldades /problemas sentidos pelo/a(s) enteado/a(s) e Proteção e segurança

Quadro 12: Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Apoio na educação do/a(s) enteado/a(s)	7	9
Apoio nas dificuldades /problemas sentidas pelo/a(s) enteado/a(s)	11	21
Proteção e segurança	1	1

Tal como ilustra o Quadro 12, da Categoria 2 - Funções parentais não partilhadas surgem 2 subcategorias: Apoio na educação do/a(s) enteado/a(s), Apoio nas dificuldades /problemas sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e Proteção e segurança.

A subcategoria apoio na educação do/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 7 entrevistado/as (UC=9), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Nós educamos os nossos filhos da mesma maneira. Não é por o mais velho não ser meu biológico que eu me recuso a orientá-lo, educar e até castigar, caso seja preciso” F4.

E a subcategoria Apoio nas dificuldades/problemas sentidos pelo/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 11 entrevistado/as (UC=21), evidenciando-se o seguinte exemplo: “De forma geral eles acabam sempre por falar dos seus problemas e quando não falam diretamente eu ou a mãe tentamos sempre perceber o que se passa e vamos tirando deles até eles falarem connosco” F3.

Por fim, a subcategoria Proteção e segurança foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) eu também não gosto que eles estejam muito tempo fora de casa, prefiro que os colegas deles estejam cá em casa, sabe é mais seguro” F2.

Tema 4 – Sentimentos sobre as vivências da família

O quarto tema, Sentimentos sobre as vivências da família, compreende 2 categorias: Vivências Negativas e Vivências Positivas e 9 subcategorias. Este tema tem como objetivo identificar e descrever o modo como os padrastos e madrastas entrevistado/as se sentem relativamente às vivências da sua própria família.

Quadro 13 Apresentação geral do Tema 4 de análise de conteúdo

Tema	Categorias	Subcategorias
------	------------	---------------

3. Sentimentos sobre as vivências da família	Vivências Negativas	Sentimentos de tristeza
		Sentimentos de incompreensão
		Sentimento de inexistência
	Vivências Positivas	Sentimento de Odio por parte do/a(s) enteado/a(s)
		Sentimento de cumplicidade
		Sentimento de realização
		Sentimento de felicidade (felicidade familiar)
		Sentimento de pertença
		Sentimento de confiança

Categoria 1 – Vivências Negativas

Na Categoria 1 - Vivências Negativas, os padrastos e as madrastas consideram os sentimentos sobre as vivências familiares como vivências negativas na qual experienciam sentimentos negativos. Neste sentido, emergiram 4 subcategorias relativamente às Vivências Negativas: Sentimentos de tristeza, Sentimentos de incompreensão, Sentimento de inexistência e Sentimento de Odio por parte do/a(s) enteado/a(s).

Quadro 14: Categoria 1 – Vivências Negativas

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimentos de tristeza	6	12
Sentimentos de incompreensão	1	1
Sentimento de inexistência	1	2
Sentimento de Odio por parte do/a(s) enteado/a(s)	1	1

Tal como ilustra o Quadro 15, da Categoria 1 – Vivências Negativas surgem 4 subcategorias: Sentimentos de tristeza, Sentimentos de incompreensão, Sentimento de inexistência e Sentimento de Odio por parte do/a(s) enteado/a(s).

A subcategoria Sentimentos de tristeza foi descrita por 6 entrevistado/as (UC=12), evidenciando-se o seguinte exemplo: “É triste viver assim (...)” F6.

No que diz respeito à subcategoria Sentimentos de incompreensão foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) incompreendida” F1.

Enquanto a subcategoria Sentimento de inexistência foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...)sinto-me só uma mulher que tem um companheiro, mas mais nada (...)” F6

Por fim, a subcategoria Sentimento de Odio por parte do/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “E o que me incomoda é que sinto que ele me odeia, e não quero que ele sinta isso por mim, porque é o filho do homem que amo” F5.

Categoria 2 – Vivências Positivas

Na Categoria 2 - Vivências Positivas, são considerados os sentimentos positivos tais como a felicidade, a alegria, a confiança resultante das vivências familiares em que estão envolvidos os membros da família. Neste sentido, emergiram 5 subcategorias relativamente às Vivências Positivas: Sentimento de cumplicidade, Sentimento de realização, Sentimento de felicidade (felicidade familiar), Sentimento de pertença e Sentimento de confiança.

Quadro 15: Categoria 1 – Vivências Positivas

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimento de cumplicidade	2	2
Sentimento de realização	6	10
Sentimento de felicidade (felicidade familiar),	8	14
Sentimento de pertença	6	11
Sentimento de confiança	1	1

Tal como ilustra o Quadro 16, da Categoria 2 – Vivências Positivas surgem 5 subcategorias: Sentimento de cumplicidade, Sentimento de realização, Sentimento de felicidade (felicidade familiar), Sentimento de pertença e Sentimento de confiança.

A subcategoria Sentimento de cumplicidade foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A cumplicidade que temos uns com os outros” F1.

No que diz respeito à subcategoria Sentimento de realização foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Sinto-me bem, sinto-me preenchido e completo. Acho que sem eles a minha vida não tinha tanto sentido” F4.

Quanto à subcategoria Sentimento de felicidade (felicidade familiar), foi descrita por 8 entrevistado/as (UC=14), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Sinto-me muito feliz” F2.

No que diz respeito à subcategoria Sentimento de pertença foi descrita por 6 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) entretanto sai do quarto, a chorar ... agarra-se a mim num abraço tão apertado e diz “desculpa pai” ... Bem, aquilo para mim foi o melhor momento da minha vida de casado ... nem sei como explicar o que senti ... enfim: é meu filho!” F4.

Por fim, a subcategoria Sentimento de confiança por parte do/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) é a amizade, que podem contar sempre comigo e isso é sem dúvida muito reconfortante para mim” F10.

Grupo 2 - Enteados/Enteadas

Tema 1- Convivência familiar

O primeiro tema, a convivência familiar, compreende 3 categorias: Ambiente Familiar Funcional, Ambiente Familiar Disfuncional e Problemas no dia-a-dia, e 15 subcategorias e 3 sub-subcategorias. O mesmo tem como objetivo identificar e descrever o modo como os enteados/o(s) entrevistado/as entendem a sua convivência familiar.

Quadro 16: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 1- Convivência familiar (enteados e enteadas)

Tema	Categorias	Subcategorias	Sub-subcategorias
1. Convivência familiar	Ambiente Familiar Disfuncional	Não aceitação do novo relacionamento Convivência difícil Relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai Relação conflituosa com o/a pai/ mãe Tarefas domésticas não partilhadas	

	Relação difícil entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s)	Relação conflituosa
		Relação Neutra
		Relação de Conveniência
Ambiente Familiar Funcional	Aceitação da nova família Convivência fácil Partilha das tarefas domésticas Realização de atividades de lazer Realização de atividades com o/a pai/mãe Realização de atividades específicas com o/a padrasto/madrasta Boa Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s)	
Problemas no dia-a-dia	Comunicação	
	Escola	

Categoria 1 - Ambiente Familiar Disfuncional (enteados e enteadas)

A Categoria 1 - *Ambiente Familiar Disfuncional*, surge devido à existência de diversos fatores que influenciam a presença de um ambiente onde a convivência é identificada por enteados e as enteadas como negativa e difícil. Neste sentido, emergiram 6 subcategorias relativamente à convivência familiar: Não aceitação do novo relacionamento, Convivência difícil, Relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai, Relação conflituosa com o/a pai/ mãe, Problemas e dificuldades e Tarefas domésticas não partilhadas.

Quadro 17: Categoria 1 – Ambiente Familiar Disfuncional (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Não aceitação do novo relacionamento	3	4
Convivência difícil	6	20
Relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai	3	5
Relação conflituosa com o/a pai/ mãe	2	3
Tarefas domésticas não partilhadas	6	8
Relação difícil entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s)	6	13

Tal como ilustra o Quadro 18, da Categoria 1 – Ambiente Familiar Disfuncional surgem 6 subcategorias: Não aceitação do novo relacionamento, Convivência difícil, Relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai, Relação conflituosa com o/a pai/ mãe, Tarefas domésticas não partilhadas e Relação difícil entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s).

A subcategoria Não aceitação do novo relacionamento foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Nunca aceitei bem o relacionamento do meu pai com a mulher com quem está” F1.

Relativamente à subcategoria Convivência difícil foi descrita por 6 entrevistado/as (UC=20), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A convivência é má, pois não gosto de viver com uma mulher que mal conheço e com a qual não me relaciono” F5.

Quanto à subcategoria Relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=5), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Surgem muitos conflitos com a minha madrasta (por não arrumar o quarto, por não falar com ela, por sair sem a avisar), porque eu não gosto dela” F5.

Assim, a subcategoria Relação conflituosa com o/a pai/ mãe foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=3), evidenciando-se o seguinte exemplo: “O meu pai discute comigo por causa dela e acabo por ficar mais irritado com ela” F1.

A subcategoria Tarefas domésticas não partilhadas, foi descrita por 6 entrevistado/as (UC=8), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A D. M (madrasta) faz as tarefas quase sempre sozinha, o meu pai não costuma ajudá-la só lhe diz o que quer para o jantar” F1.

Por fim a Subcategoria – Relação difícil entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s)

Nesta subcategoria - os enteados e enteadas consideram as relações entre irmãos, meio-irmão e co-irmãos uma variável importante para uma sã convivência familiar. Daí, emergiram 3 sub-subcategorias: Relação conflituosa, Relação Neutra e Relação de Conveniência.

Quadro 18: Subcategoria – Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s)

Sub-Subcategorias	(UR)	(UC)
Relação conflituosa	4	11
Relação Neutra	1	1
Relação de Conveniência	1	1

Tal como ilustra o Quadro 19, da Subcategoria – Relação difícil entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s) surgem 3 sub-subcategorias: Relação conflituosa, Relação Neutra e Relação de Conveniência.

A sub-subcategoria Relação conflituosa foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) com a minha meia irmã não me dou” F1. Na sub-subcategoria Relação Neutra foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Ainda não tenho uma grande amizade com a minha irmã (...)" F11.

Relativamente a sub-subcategoria Relação de Conveniência, foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Com os outros dois (co-irmãos) não estou muito com eles porque são mais velhos do que eu e não me ligam muito, só falam o essencial (...) Quando eles vêm a nossa casa é para jantar ou almoçar e vão embora novamente” F2.

Categoria 2 – Ambiente Familiar Funcional (enteados e enteadas)

Na Categoria 2 - Ambiente Familiar Funcional, os enteados e enteadas consideram que o ambiente familiar funcional se caracteriza por todos os fatores que contribuem para um funcionamento normal entre todos os elementos da família. Neste sentido, emergiram 7 subcategorias relativamente ao Ambiente Familiar Funcional: Aceitação da nova família, Convivência fácil, Partilha das tarefas domésticas, Realização de atividades de

lazer, Realização de atividades com o/a pai/mãe, Realização de atividades específicas com o/a padrasto/madrasta e Boa Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s).

Quadro 19: Categoria 2 – Ambiente Familiar Funcional (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Aceitação da nova família	1	4
Convivência fácil	4	9
Partilha das tarefas domésticas	5	11
Realização de atividades de lazer	10	20
Realização de atividades com o/a pai/mãe	2	4
Realização de atividades específicas com o/a padrasto/madrasta.	8	12
Boa Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s)	2	6

Tal como ilustra o Quadro 20, Categoria 2 - Ambiente Familiar Funcional (enteados e enteadas) surgem 7 subcategorias: Aceitação da nova família, Convivência fácil, Partilha das tarefas domésticas, Realização de atividades de lazer, Realização de atividades com o/a pai/mãe e Realização de atividades específicas com o/a padrasto/madrasta e Boa Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s).

A subcategoria Aceitação da nova família foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Eu gosto de pertencer a esta família (...)” F2.

Enquanto na subcategoria Convivência fácil, foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=9), evidenciando-se o seguinte exemplo: "A convivência é boa, damo-nos todos bens. Somos amigos uns dos outros (...) posso dizer que a convivência é boa." F12.

Na subcategoria Partilha das tarefas domésticas, foi descrita por 5 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “A M. P. (madrasta) cozinha para nós (...) Eu ajudo a cozinhar e quando posso arrumo o meu quarto e o meu irmão não ajuda muito, nem o meu pai” F8.

Na subcategoria Realização de atividades de lazer, foi descrita por 10 entrevistado/as (UC=20), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) só no fim-de-semana

é que podemos fazer coisas diferentes como andar de bicicleta, irmos ao cinema, irmos comer pizza, coisas assim” F7.

A subcategoria Realização de atividades com o/a pai/mãe foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: “O meu pai vai levar-me e buscar-me à escola e quando lhe peço ajuda nos trabalhos para casa (tpc)” F1.

Por fim a subcategoria Realização de atividades específicas com o/a padrasto/madrasta foi descrita por 8 entrevistado/as (UC=12), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Passo muito tempo com o meu padrasto, a fazermos coisas os dois juntos” F2.

Por fim a subcategoria Boa Relação entre irmão/ã(s)/ meio(s)-irmão/ã(s)/ co-irmão/ã(s) foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=6), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Com o meu meio-irmão dou-me bem (...) O que mais me agrada no M.H. (meio irmão) é ter com quem falar e ter alguém com quem partilhar brincadeiras” F1.

Categoria 3 – Problemas no dia-a-dia (enteados e enteadas)

Na Categoria 3 – Problemas no dia-a-dia, os enteados e enteadas consideram alguns problemas que ocorrem no dia-a-dia como problemas relacionados com a comunicação e com a escola. Neste sentido, emergiram 2 subcategorias relativamente aos Problemas no dia-a-dia: Problemas relacionados com a comunicação e Problemas relacionados com a escola.

Quadro 20: Categoria 3 – Problemas no dia-a-dia (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Comunicação	2	2
Escola	2	2

Tal como ilustra o Quadro 21, Categoria 3 – Problemas no dia-a-dia surgem 2 subcategorias: Problemas relacionados com a comunicação e Problemas relacionados com a escola.

A subcategoria Comunicação refere os problemas e dificuldades relacionados com a comunicação, foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Os conflitos mais frequentes em casa surgem quando me porto mal ou quando respondo mal à minha mãe” F7.

A subcategoria Escola, diz respeito a problemas relacionados com o contexto escolar e foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Os problemas que há é quando tiro más notas ou quando falto às aulas (...)" F13.

Tema 2- Relações Familiares (enteados e enteadas)

O segundo tema, a relações familiares, compreende 2 categorias: Boa Relação Familiar e Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa e 11 subcategorias. O mesmo tem como objetivo identificar e descrever o modo como os enteados e as enteadas entrevistado/as percebem as relações familiares.

Quadro 21: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 2 - Relações Familiares (enteados e enteadas)

Tema	Categorias		Subcategorias
2. Relações Familiares	Boa Relação Familiar		Boa comunicação familiar Inexistência de conflitos Boa relação com o/a irmão/ã Afetividade
	Relação Disfuncional Conflituosa	Familiar e/ou	Dificuldade/ conflitos na relação com o/a pai/mãe Dificuldade/ conflitos com o/a padrasto/madrasta Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã

Categoria 1 - Boa Relação Familiar (enteados e enteadas)

Na Categoria 1 – Relação Familiar Harmoniosa, os enteados e enteadas consideram uma relação familiar harmoniosa uma relação em que o amor, o afeto, o respeito, a interação e comunicação adequada ocorre entre todos os elementos do sistema familiar. Neste sentido, emergiram 4 subcategorias relativamente à Boa comunicação familiar, Inexistência de conflitos, Boa relação com o/a irmão/ã e Afetividade.

Quadro 22: Categoria 1 – Boa Relação Familiar (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Boa comunicação familiar	2	3
Inexistência de conflitos	2	4
Boa relação com o/a irmão/ã	2	2
Afetividade	1	1

Tal como ilustra o Quadro 23, Categoria 1 – Boa Relação Familiar surgem 4 subcategorias: Boa comunicação familiar, Inexistência de conflitos, Boa relação com o/a irmão/ã e Afetividade.

A subcategoria Boa comunicação familiar foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=3), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Nós falamos muito uns com os outros e é assim que fazemos sempre que temos dificuldades.” F2.

A subcategoria Inexistência de conflitos familiar foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Aqui nunca há discussões entre o H. P. (padrasto) e a minha mãe” F3.

A subcategoria Boa relação com o/a irmão/ã foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Eu gosto muito do meu irmão (A. P.) e da S.M. (co-irmã), porque estamos sempre juntos e damo-nos todos bem.” F2.

A subcategoria Afetividade foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) sinto-me bem, porque eu não me sinto bem enteado sinto-me mais filho dela (madrasta), porque ela dá-me carinho, preocupa-se comigo e brinca comigo (...)” F8.

Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa (enteados e enteadas)

Na Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa, os enteados e enteadas consideram uma relação familiar disfuncional e/ou conflituosa, uma relação em que ocorrem conflitos entre todos os elementos do sistema familiar e também em que as interações e comunicações são praticamente inexistentes. Neste sentido, emergiram 4 subcategorias relativamente as Relação Familiar Harmoniosa Disfuncional e/ou Conflituosa: Dificuldade/conflitos na relação com o/a pai/mãe, Dificuldade/conflitos com o/a padrasto/madrasta, Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta e Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã.

Quadro 23: Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Dificuldade/conflitos na relação com o/a pai/mãe	1	2
Dificuldade/conflitos com o/a padrasto/madrasta	1	2
Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta	4	7
Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã	1	1

Tal como ilustra o Quadro 24, Categoria 2 - Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa surgem 4 subcategorias: Dificuldade/ Conflitos na relação com o/a pai/mãe, Dificuldade/conflitos com o/a padrasto/madrasta, Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta e Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã.

A subcategoria Dificuldade/ Conflitos na relação com o/a pai/mãe foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “O meu pai às vezes discute e põe-me de castigo por causa das notas ou quando eu digo alguma coisa à mulher dele” F5.

A subcategoria Dificuldade/conflitos com o/a padrasto/madrasta na relação com o/a pai/mãe foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “É sempre assim ... outras vezes também lhe dá para gritar parece que está tola, ela às vezes passa-se um bocado e do nada começa aos gritos.... Deve-lhe dar uma coisinha má na cabeça.” F1.

A subcategoria Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=7), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Para mim ela (madrasta) não existe e é assim que vai continuar a ser até eu sair de vez de casa(...)” F6. A subcategoria Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã. foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Não me dou com o co-irmão é muito chato, anda sempre atrás de mim" F9.

Tema 3 - Relações no Exercício da Parentalidade (enteados e enteadas)

O terceiro tema, as Relações no Exercício da Parentalidade, compreende 2 categorias: Funções parentais não partilhadas e Funções parentais partilhadas (por

pai/mãe e padrasto/madrasta) e 10 subcategorias. Este tema, tem como objetivo, identificar e descrever o modo como os enteados e as enteadas entrevistados/as percebem as relações no exercício da parentalidade. Isto é o modo como os pais/padristos/madrastas se coordenam e realizam as suas funções parentais.

Quadro 24: Apresentação geral da análise de conteúdo do Tema 3- Relações no Exercício da Parentalidade (**enteados e enteadas**)

Tema	Categorias	Subcategorias
1. Relações no Exercício da Parentalidade	Funções parentais não partilhadas	Apoio nas atividades escolares Estabelecimento de regras e limites por parte do/a pai/mãe Procura de apoio e Apoio por parte do/ pai/mãe nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) filho/a(s) O padrasto ou a madrastra não tem qualquer responsabilidade parental e de apoio
	Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta)	Padrasto/Madrastra como cuidadores Apoio nas dificuldades sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e ajuda na resolução dos problemas Apoio nas tarefas diárias Proteção e segurança Estabelecimento de regras e limites por parte do/a padrasto/madrastra Apoio nas atividades escolares

Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas (enteados e enteadas)

Na Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas, os enteados e enteadas referem-se à questão da parentalidade, na qual cada elemento do casal assume a responsabilidade e o papel de educador de cada filho/a(s), não existindo uma partilha da parentalidade do/a pai/mãe com o padrasto/madrastra. Neste sentido, emergiram 5 subcategorias relativamente as Funções parentais não partilhadas: Apoio nas atividades escolares, Estabelecimento de regras e limites por parte do/a pai/mãe, Procura de apoio e

Apoio por parte do/ pai/mãe nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) filho/a(s), O padrasto ou a madrasta não tem qualquer responsabilidade parenta e O padrasto ou a madrasta não são procurados para apoiar o/a(s) enteados/a(s).

Quadro 25: Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Apoio nas atividades escolares	1	1
Estabelecimento de regras e limites por parte do/a pai/mãe	3	3
Procura de apoio e disponibilidade de apoio por parte do/ pai/mãe nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) filho/a(s)	7	11
O padrasto ou a madrasta não tem qualquer responsabilidade parental e de apoio.	5	5

Tal como ilustra o Quadro 27, Categoria 1 - Funções parentais não partilhadas surgem 5 subcategorias: Apoio nas atividades escolares, Estabelecimento de regras e limites por parte do/a pai/mãe, Procura de apoio e disponibilidade de apoio por parte do/ pai/mãe nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) filho/a(s), O padrasto ou a madrasta não têm qualquer responsabilidade parental e não são procurados para apoiar o/a(s) enteados/a(s).

A subcategoria Apoio nas atividades escolares foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “O meu pai ajuda-me com os trabalhos para a casa (tpc).” F1.

A subcategoria Estabelecimento de regras e limites por parte do/a pai/mãe foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=3), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Com a minha mãe só tenho problemas quando ela não me faz as vontades (risos), quando ela não me deixa ir nadar porque não fiz os trabalhos de casa ou me portei mal” F3.

Na subcategoria Procura de apoio e disponibilidade de apoio por parte do/ pai/mãe nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) filho/a(s) foi descrita por 7 entrevistado/as (UC=11), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Agora se for um problema difícil vou ter com o meu pai ou com a minha mãe e falo com eles para me ajudarem.” F5.

Enquanto na subcategoria o padrasto ou a madrasta não tem qualquer responsabilidade parental e não são procurados para apoiar o/a(s) entados/a(s) foi descrita por 5 entrevistado/as (UC=5), evidenciando-se os seguintes exemplos: “A l.g. (madrasta) não interfere na minha educação.” F6. “Com a minha madrasta, eu não a procuro, pois não quero contar com ela para nada” F1.

Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta) (enteados e enteadas)

Na Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta), os enteados e enteadas referem-se à questão da parentalidade, na qual o casal assume a responsabilidade e o papel de educador o/a(s) adolescente(s), existindo uma partilha da parentalidade entre o/a pai/mãe com o padrasto/madrasta. Neste sentido, emergiram 6 subcategorias relativamente as Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta): Padrasto/Madrasta como cuidadores, Apoio nas dificuldades sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e ajuda na resolução dos problemas, Apoio nas tarefas diárias, Proteção e segurança, Estabelecimento de regras e limites por parte do/a padrasto/madrasta e Apoio nas atividades escolares.

Quadro 26: Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta) (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Cuidado e proteção	3	6
Apoio nas dificuldades sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e ajuda na resolução dos problemas	6	10
Apoio nas tarefas diárias	1	1
Estabelecimento de regras e limites por parte do/a padrasto/madrasta	4	4
Apoio nas atividades escolares	3	4

Tal como ilustra o Quadro 28, Categoria 2 - Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta) (enteados e enteadas) surgem 5 subcategorias: Cuidado e proteção, Apoio nas dificuldades sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e ajuda na resolução dos

problemas, Apoio nas tarefas diárias, Estabelecimento de regras e limites por parte do/a padrasto/madrasta e Apoio nas atividades escolares.

A subcategoria Cuidado e proteção foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: " Está sempre muito preocupado comigo e diz-me aquilo que se deve e não deve fazer. não me critica, mas explica aquilo que devo fazer... e eu entendo" F3. "(...) o N. G. preocupa-se comigo e é meu amigo." F4.

Enquanto a subcategoria Apoio nas dificuldades sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e ajuda na resolução dos problemas foi descrita por 6 entrevistado/as (UC=10), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Quando eu tenho algum problema a minha mãe ou o meu padrasto conversam comigo para me tentar ajudar" F7.

Na subcategoria Apoio nas tarefas diárias foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: "(...) dão-nos muito atenção e ajudam-nos em tudo o que precisamos, quer seja na escola ou no nosso dia a dia (...)" F1.

A subcategoria Estabelecimento de regras e limites por parte do/a padrasto/madrasta foi descrita por 4 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Muitas das vezes há uma discordância entre mim e o meu padrasto, por não me deixar sair à noite (...)" F2.

Por fim a subcategoria Apoio nas atividades escolares foi descrita por 3 entrevistado/as (UC=4), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Nos trabalhos ajuda mais o M. F. (padrasto) que percebe de matemática" F13.

Tema 4 – Sentimentos sobre as vivências da família (enteados e enteadas)

O quarto tema, Sentimentos sobre as vivências da família, compreende 2 categorias: Vivências Negativas e Vivências Positivas e 9 subcategorias. O mesmo, tem como objetivo, identificar e descrever o modo como os enteados e as enteadas entrevistado/as se sentem relativamente às vivências da sua família.

Quadro 27: Apresentação geral da de análise de conteúdo do Tema 4 - Sentimentos sobre as vivências da família (enteados e enteadas)

Tema	Categorias	Subcategorias
4. Sentimentos sobre as vivências da família	Vivências Negativas	Sentimentos de tristeza

Vivências Positivas	Sentimento de não pertença à família reconstituída
	Sentimento de raiva
	Sentimento de Incomodo
	Sentimento de cumplicidade/ companheirismo
	Sentimento de realização Sentimento de felicidade (felicidade familiar) Sentimento de pertença Sentimento de confiança

Categoria 1 – Vivências Negativas (enteados e enteadas)

Na Categoria 1 - Vivências Negativas: nesta categoria, das verbalizações dos enteados e enteadas sobressaem os sentimentos negativos sobre as vivências familiares experienciadas. Assim, emergiram 4 subcategorias relativamente às Vivências Negativas: Sentimentos de tristeza, Sentimento de não pertença à família reconstituída, Sentimento de raiva e Sentimento de incomodo.

Quadro 28: Categoria 1 – Vivências Negativas (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimentos de tristeza	5	9
Sentimento de não pertença à família reconstituída	1	1
Sentimento de raiva	1	1
Sentimento de Incomodo.	1	1

Tal como ilustra o Quadro 30, da Categoria 1 – Vivências Negativas surgem 4 subcategorias: Sentimentos de tristeza, Sentimentos de incompreensão, Sentimento de inexistência e Sentimento de odio por parte do/a(s) enteado/a(s).

A subcategoria Sentimentos de tristeza foi descrita por 5 entrevistado/as (UC=9), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Sinto-me triste por ter que viver com a A.C. (madrasta), não gosto dela quer saber demais, quer meter-se onde não é chamada (...)" F11.

No que diz respeito à subcategoria Sentimento de não pertença à família reconstituída foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Sinto-me mal, porque não gosto deste relacionamento, esta não é a minha família. A minha família é o meu pai e a minha mãe.” F1.

Enquanto a subcategoria Sentimento de raiva foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) sinto raiva dela (...)” F11.

Por fim, a subcategoria Sentimento de Incomodo por parte do/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Sinto-me incomodado pela presença dela, mas sei que o meu pai gosta dela (...)” F5.

Categoria 2 – Vivências Positivas (enteados e enteadas)

Na Categoria 2 - Vivências Positivas, consideram-se vivências familiares positivas aquelas em que experienciam sentimentos positivos e favoráveis. Nesta categoria emergiram 5 subcategorias: Sentimento de cumplicidade, Sentimento de realização, Sentimento de felicidade (felicidade familiar), Sentimento de pertença e Sentimento de confiança.

Quadro 29: Categoria 2 – Vivências Positivas (enteados e enteadas)

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimento de cumplicidade/ companheirismo	1	1
Sentimento de realização	1	1
Sentimento de felicidade (felicidade familiar),	9	20
Sentimento de pertença	2	2
Sentimento de confiança	2	2

Tal como ilustra o Quadro 31, da Categoria 2 – Vivências Positivas, surgem 5 subcategorias: Sentimento de cumplicidade, Sentimento de realização, Sentimento de felicidade (felicidade familiar), Sentimento de pertença e Sentimento de confiança.

A subcategoria Sentimento de cumplicidade foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Do nosso companheirismo." F13.

No que diz respeito à subcategoria Sentimento de realização foi descrita por 1 entrevistado/as (UC=1), evidenciando-se o seguinte exemplo: “É bom, é fantástico

(sorriu) ganhei novos familiares, e acima de tudo ganhei um irmão, que é muito, muito importante na minha vida.” F2.

Enquanto a subcategoria Sentimento de felicidade (felicidade familiar), foi descrita por 9 entrevistado/as (UC=20), evidenciando-se o seguinte exemplo: "Esta é a minha família, vivemos todos bem e por isso eu sinto-me bem, alegre isso é que importa ..." F10.

No que diz respeito à subcategoria Sentimento de pertença foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “Sinto-me à vontade, sinto-me em casa” F7.

Por fim, a subcategoria Sentimento de confiança por parte do/a(s) enteado/a(s) foi descrita por 2 entrevistado/as (UC=2), evidenciando-se o seguinte exemplo: “O que mais gosto é poder confiar nela (madrasta).” F8.

Após a apresentação dos resultados do estudo será apresentada a análise e discussão sobre os resultados e as conclusões do estudo.

Capítulo V- Análise e discussão dos resultados

Face à apresentação detalhada dos resultados obtidos, realizada no Capítulo IV – Apresentação dos Resultados, procede-se a partir daqui, à sua interpretação e discussão, de acordo com os objetivos do presente estudo. Considerando os dados recolhidos das entrevistas realizadas, os resultados são analisados com base na literatura consultada. Tendo por base outros estudos, relacionados com a temática das dinâmicas das famílias reconstituídas, a análise e discussão dos resultados segue a mesma ordem de apresentação dos objetivos específicos descritos no ponto 3.3.

De acordo com os dados sociodemográficos dos participantes, importa salientar que os resultados obtidos demonstram que todos os padrastos e madrastas (Grupo 1) estão casados ou numa união de facto pela segunda vez e que o novo sistema familiar tem pelo menos um/a enteado/a ou mais e, habitam no mesmo espaço sendo, assim, um dado revelador para se caracterizar como uma família reconstituída (Poussin & Martin-Lebrun, 1997). Relativamente aos adolescentes entrevistado/a(s) todos se inserem na etapa do desenvolvimento da adolescência e, um dado interessante, é que apenas dois participantes do grupo do/a(s) enteado/a(s) (Grupo 2) se refere ao/à padrasto/madrasta como pai ou mãe. Conforme citado por Alarcão (2002), o/a(s) adolescentes que passam pela separação dos seus progenitores têm grande dificuldade em se aproximar e construir uma relação positiva com o “novo” adulto que entra para a família, podendo-se supor que ao utilizar a designação de pai ou mãe, a relação que foi criada entre estes dois elementos é positiva para ambos e que os sentimentos que emergem da relação são sentimentos também estes positivos.

5. 1. Convivência familiar

De acordo com o primeiro objetivo, pretendeu-se compreender a convivência entre os elementos numa família reconstituída na perspetiva dos padrastos e madrastas e dos enteados e enteadas.

De acordo com o primeiro objetivo, a perspetiva do Grupo 1 – Padrastos e Madrastas entrevistado/a(s) a respeito da convivência familiar é por um lado percecionada como funcional e por outro como disfuncional e/ou conflituosa e, ainda, se identificou que ao longo da convivência familiar ocorrem dificuldades e problemas do dia-a-dia. Na primeira perceção, o ambiente familiar funcional exige vários fatores. Na

perspetiva dos participantes, este ambiente favorável ocorre (i) pela aceitação da nova família; (ii) pela convivência positiva entre os elementos da família; (iii) a satisfação das necessidades básicas e das necessidades socio-afetivas e educacionais; (iv) a partilha das tarefas domésticas; (v) a realização de atividades de lazer em família; (vi) a realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s); (vii) a realização de atividades com o/a Companheiro/a; (ix) a ocorrência de uma boa comunicação e ainda de uma relação positiva entre os elementos da família reconstituída. Este mesmo entendimento, é corroborado por Sampaio e Gameiro (1985, p. 11-12) que definem a família como *“um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”* e entendido do mesmo modo por Alarcão (2002) e Teixeira (2014), que referem a família não só como um conjunto de elementos em interação que se influenciam e modificam reciprocamente mas, também, como um sistema em que os diversos subsistemas se desenvolvem: o individual, o conjugal, o parental e o fraternal. Portanto, de acordo com os dados obtidos do Grupo 1 – Padrastos e Madrastras, para estes um ambiente familiar funcional e harmonioso tem que consistir em relações favoráveis entre todos os elementos da família e em que todos os subsistemas desempenham funções e papéis diferentes no sistema familiar e em diversos outros subsistemas, mas que estão relacionados e se influenciam (Alarcão, 2002 & Teixeira, 2014). A mesma perspetiva existe por parte do Grupo 2 – Enteado/a(s). Estes, ainda, percebem um ambiente familiar favorável quando ocorre a aceitação da nova família por parte dos mesmos (adolescentes); a realização de atividades específicas tanto com a mãe e/ou o pai e com o padrasto e/ou a madrastra. Esta ideia, pode ser corroborada por Cruz (2005), em que define que as funções que as figuras vinculares e de referência têm um papel crucial no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, assim como a satisfação tanto das necessidades básicas como a satisfação das necessidades de afeto, confiança e segurança, o que para os adolescentes é percebido como muito importante para um sentimento de pertença e sentimento de confiança no sistema familiar (Cruz, 2005).

Ainda relacionado com o primeiro objetivo, a segunda perspetiva do Grupo 1 – Padrastos e Madrastras entrevistado/a(s) a respeito da convivência familiar disfuncional e/ou conflituosa, ocorre pela não aceitação da nova família; convivência difícil; dificuldades na relação conjugal; má comunicação; tarefas domésticas não partilhadas; não realização de atividades de lazer em família, enquanto, que a perspetiva do Grupo 2

– Entendo/as, a convivência/ambiente familiar disfuncional deve-se à não aceitação do novo relacionamento; à convivência difícil; à relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai; à relação conflituosa com o/a pai/mãe; aos problemas e dificuldades e às tarefas domésticas não partilhadas. Pode entender-se, assim, que a maioria dos fatores mencionados por ambos os grupos coincidem e, podem evidenciar que o entendimento da convivência familiar disfuncional e/ou conflituosa se deve aos mesmos fatores para ambos os grupos.

De acordo com os dados acima mencionados, é importante abordar alguns aspetos que a literatura nos diz que são períodos de grande tensão e mudança, como a reconstituição familiar. Se a separação dos pais pode fazer com que surjam diferentes interpretações por parte do/a(s) filho/a(s), isto, poderá ser visto como um momento indutor de grande stress e tristeza para o desenvolvimento do adolescente (Raposo, Figueiredo, Lamela, Nunes-Costa, Castro & Prego, 2011), para além da etapa difícil pela qual os adolescentes passam, em que as características mais acentuadas são a formação da identidade, a busca da autonomia e a grande proximidade com os pares (Freijo & Delgado, 2010). Importa ainda realçar, a importância do momento da separação e posteriormente de como o processo de reconstituição familiar ocorre, que pode induzir nos pais uma conduta patológica ou pouco saudável, ou seja, disfuncional e conflituosa com o/a(s) filho/a(s) (Poussin & Martin-Lebrun, 1997). Estas situações ocorrem ou por o adulto se focar muito na nova relação conjugal esquecendo-se (não sendo necessariamente intencional), do/a(s) filho/a(s) que colocam os mesmos numa posição de grande insegurança e os colocam, também, numa posição de grande reação face à nova situação e/ou porque, este tipo de situações de divórcio e consequentemente, reconstituição familiar requerem o seu tempo de aceitação e adaptação. Os padrastos e as madrastas bem como os pais e as mães terão de ter em conta que o seu papel será o de auxiliar e que será desenvolvido através do progenitor biológico, no entanto, poderão tornar-se mais ativos em função do tempo, idade e residência principal (Poussin & Martin-Lebrun, 1997; Alarcão, 2000).

Por outro lado, a construção do casal implica determinadas tarefas desenvolvimentais assentes numa dimensão ética e afetiva. A formação do casal implica o cuidado com o outro, reconhecendo a sua especificidade e a sua diferença e a sua história de vida, numa reciprocidade nas várias esferas da vida (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). É importante referir que a reconstituição familiar é uma tarefa difícil e complexa, na qual o casal e a nova família se deparam com a ambiguidade dos papéis familiares,

com a importante e necessária redefinição dos limites familiares, na qual o fator tempo se mostra como uma dimensão crucial para a harmonia e desenvolvimento familiar (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

Por fim, de acordo com os dados evidenciados relativamente aos problemas e dificuldades do dia-a-dia, as famílias reconstituídas, são as mais suscetíveis de dificuldades (Robinson, 1991), devido às inúmeras reorganizações do sistema familiar e das exigências dos diversos subsistemas que têm que ser feitas.

5.2. Relações na família

De acordo com o objetivo número dois, pretendeu-se a identificação do tipo de relações entre os elementos da família, nas famílias reconstituídas, na perspetiva dos padrastos e madrastas e dos enteados e enteadas.

Um outro aspeto crucial evidenciado pelos participantes do Grupo 1 – Padrasto e Madrastas para uma relação familiar harmoniosa é que, é necessário existir uma boa relação familiar entre os diferentes elementos do sistema familiar; boa comunicação; inexistência de conflitos; respeito e afetividade. Enquanto o Grupo 2 – Enteado/a(s) evidenciou que para a existência de uma boa relação familiar é necessário: uma boa comunicação familiar; inexistência de conflitos; boa relação com o/a irmão/ã.

Também neste objetivo, ambos os grupos coincidem com as respostas obtidas. Uma das funções dos adultos cuidadores é a compreensão cognitiva das realidades extrafamiliares dos adolescentes, em que os pais têm a função de mediadores relativamente ao mundo exterior. São eles que, permitem o acesso à sociedade. Outra função é a satisfação das necessidades de afeto, confiança e segurança, referindo-se às relações de vinculação, ou seja, a construção de relações seguras, positivas e adaptativas na trajetória desenvolvimental do adolescente (Cruz, 2005).

Um outro dado evidenciado por ambos os grupos (Grupo 1 e Grupo 2) é relativo às variáveis que contribuem para uma relação familiar disfuncional e/ou conflituosa, que apontam para as dificuldades e conflitos na relação com o pai/mãe; ocorrência de conflitos com o/a padrasto/madrasta. Estes dados, corroboram mais uma vez com Alarcão (2002) e Brito (2008) em que a reconstituição familiar pode ter diferentes impactos nos elementos da nova família, em que para alguns adultos, a construção de uma nova relação pode significar uma nova oportunidade e a construção de um projeto familiar, em que o amor, o afeto, o respeito, a interação e a comunicação adequada ocorre entre todos os elementos do sistema familiar.

Por sua vez, para o/a(s) adolescentes, a reconstrução familiar pode ter um significado muito diferente, tal como também, alguns dados evidenciaram no Grupo 2 – Enteados/a(s) Dificuldade/ Conflitos na relação com o/a pai/mãe; Ocorrência de conflitos com o/a padrasto/madrasta; Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta; e Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã, esta ideia corrobora com Visser e Visser (1993), uma vez que referem que, para os adolescentes o recasamento de um dos pais pode representar a perda da relação com o outro progenitor. Também Alarcão (2002), refere que na fase da adolescência a reconstrução familiar é particularmente difícil e implica a necessidade de manutenção tanto do crescimento individual como do crescimento familiar e a redefinição do laço parental e filial é muito importante na família reconstituída, por ser uma das grandes responsabilidades no cuidado por parte do pai e da mãe é, assim, uma das dificuldades que as famílias reconstituídas sentem, ocorrendo os conflitos tanto com os pais biológicos como com o padrasto ou a madrasta. Assim, considerando tudo o que anteriormente foi exposto e, devido às inúmeras reorganizações que o sistema familiar tem de realizar, as famílias reconstituídas são mais suscetíveis à presença de dificuldades.

5.3. Relações no exercício da parentalidade

O objetivo número três corresponde à identificação das relações existentes no exercício das funções parentais nas famílias reconstituídas. As funções parentais dizem respeito às relações, funções e papéis no exercício da parentalidade.

Os participantes do Grupo 1 – Padrastos e Madrastras evidenciam que as funções parentais não são partilhadas por ambos os elementos do casal por sentirem dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s) e pelas funções parentais serem da responsabilidade dos progenitores (mãe e pai biológicos). Pode, talvez, relacionar-se estes dados com a deterioração da relação entre os elementos do novo sistema familiar, frequentemente, existem mais comportamentos negativos e consequentemente, existem mais punições e existe menos afeto e supervisão parental (Dunn, Deater-Deckard, Pickering & O'Connor, 1999; Vuchinich, Hetherington & Clingempeel, 1991) e também pela dificuldade que os adolescentes sentem face a conseguirem conceber a sua identidade face ao novo casal, dado o facto de pertencerem a mais do que um grupo familiar, onde coexistem tanto os laços biológicos como os laços afetivos (Van Cutsem, 2001). No entanto, e por sua vez, os dados também demonstram que as funções parentais são

partilhadas pelo pai/mãe e padrasto/madrasta quando ocorre apoio na educação do/a(s) enteado/a(s); apoio nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e proteção e segurança. Pode, assim, relacionar-se estes dados pelo facto de a construção da nova família ter sido feita como um processo sólido e com tempo, em que os novos elementos tiveram que desenvolver um espaço psicológico e físico, para criarem o seu relacionamento com os adolescentes, conquistando a sua confiança e demonstrar que eles não têm intenção de os excluir do sistema familiar, mas sim, que os têm em conta para tudo o que implica viver em família (Robinson, 1991).

5.4. Sentimentos sobre as vivências da família

O quarto objetivo visou perceber os sentimentos que são despoletados ao longo da vivência familiar nas famílias reconstituídas.

As vivências dizem respeito ao modo como as mães e os pais vivem, experienciam e se relacionam com os adolescentes e entre si, ao longo do processo de desenvolvimento e do ciclo de vida familiar. Com este tema, as principais vivências referidas focaram-se em sentimentos positivos e sentimentos negativos, por ambos os grupos.

Os sentimentos de tristeza estão relacionados com pensamentos negativos em relação à própria experiência desta etapa do ciclo vital da família – a reconstituição familiar e também o que concerne a acontecimentos ocorridos ao longo de todo o processo de reconstituição familiar. De acordo com os resultados obtidos, foram manifestadas algumas vivências negativas, por diversos motivos nomeadamente: a ocorrência de sentimentos tristeza e de incompreensão, sensação de inexistência e sentimento de ódio por parte do/a(s) enteado/a(s), relativamente à família. Enquanto o Grupo 2 manifestou a existência de sentimentos de tristeza, de não pertença à família reconstituída, de raiva e de incómodo. Os sentimentos de tristeza estão relacionados com a não aceitação da nova família por parte dos participantes do Grupo 2 (enteados e enteadas), enquanto os participantes do Grupo 1 se referem aos sentimentos de tristeza pela não aceitação da união conjugal por parte do/a(s) enteado/a(s).

De acordo com os diversos sentimentos negativos evidenciados pelos participantes, é importante pensar sobre esta questão das vivências destas famílias, os quais lhe atribuem um significado (tristeza, ódio, raiva e incómodo). No entanto, é importante refletir sobre o que causam estes sentimentos negativos e como as mães e os pais lidam e gerem os mesmos sentimentos. Neste sentido, é necessário ter em

consideração que as famílias e os adolescentes em situação de reconstituição familiar podem despoletar diversas alterações e podem estar envolvidos em múltiplas mudanças que podem ser difíceis de concretizar (Menaghan, Kowaleski-Jones & Mott, 1997; Alarcão, 2002). Por outro lado, a adolescência é propícia à tentativa de romper com os limites impostos pelos pais, tornando-se ainda mais difícil a interação e a convivência familiar contribuindo, assim, para a ocorrência de sentimentos negativos por parte dos elementos do sistema familiar. Pode acontecer que o adolescente tente usufruir da falta de coordenação entre os dois lados para conseguir os seus objetivos (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

Ainda sobre o tema da vivência familiar, os participantes (Grupo 1 e Grupo 2) do estudo, também, experienciaram sentimentos positivos ao longo do processo de reconstituição familiar. Estas vivências positivas, dizem respeito a sentimentos de cumplicidade, de realização, de felicidade, pertença e confiança no Grupo 1. O Grupo 2 indicou sentimentos de cumplicidade/companheirismo, de realização, de felicidade, de pertença e de confiança.

Portanto, a reconstituição familiar foi entendida como um processo harmonioso e de acordo com o que foi exposto anteriormente, podem relacionar-se os sentimentos de cumplicidade, de realização, de pertença e confiança com as expetativas que as mães e os pais e madrastas e padrastos criam relativamente ao/a(s) filho/a(s) e enteado/a(s), o que é corroborado por Freire, Silva, Moura, Pontes e Araújo (2014), isto é, a criação de expetativas acerca do desenvolvimento dos filhos pode ocorrer, por parte das mães e dos pais, a diversos níveis: comportamental, cognitivo e emocional, com influência do contexto em que as famílias se inserem. Estes sentimentos, podem traduzir-se pela valorização feita pelos adolescentes para com os seus cuidadores e vice-versa, podendo ser um fator a considerar no envolvimento e práticas parentais, estabelecendo que o comportamento parental pode ser definido pela relação entre mãe/pai-criança ao longo do seu crescimento e desenvolvimento (Kobarg, Sachetti & Vieira, 2006; Guedes, Carvalho, Pires & Canavarro, 2011)

Para terminar, é importante referir que todos os dados obtidos neste estudo sejam vistos em conjunto e não de modo isolado quando se pretender justificar qualquer tipo de afirmação.

Assim, é relevante ter presente as madrastas, os padrastos, a/o(s) adolescentes e os diferentes contextos em que se inserem, bem como as características de todos os

elementos e contextos para entender melhor as influências na prática deste tipo de famílias.

Conclusão

Existem distintos conceitos de família, no entanto, evidencia-se a importância de perceber a família como um todo, ou seja, o aparecimento dos seus elementos, o que a torna particularmente única (Alarcão, 2000). De acordo com Sampaio e Gameiro (1985) a família é definida como *“um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”* (p. 11-12).

Ao longo do desenvolvimento do ser humano, a família assume de facto um papel preponderante no âmbito do seu desenvolvimento, sendo este um sistema que se adapta às diferentes exigências do ciclo de vida e às mudanças sociais e, neste sentido, assegura a continuidade e o crescimento psicossocial dos seus elementos, que compõem o sistema (Minuchin, 1982). A família, representa um grupo social primário que influencia e é influenciado pelos restantes contextos em que os seus elementos se inserem (Alarcão, 2006).

Assim, a família constitui um espaço singular para as crianças e adolescentes, já que o seu núcleo familiar assegura o seu desenvolvimento sendo nele experienciadas as primeiras vivências significativas e experiências de aprendizagem psicossocial (Silva, 2009; Minuchin, 1982). Por sua vez, é no seio do sistema familiar que os indivíduos podem experienciar e se confrontam com diversos problemas e situações de crise, embora cada família seja uma família, ou seja, todas dentro do mesmo conceito, mas todas elas diferentes, com as suas especificidades. Cada sistema familiar resolve, adapta-se e ultrapassa os acontecimentos que vão surgindo da melhor forma que sabem e encontram.

Desta forma, Alarcão (2006) refere que ao longo dos anos, e devido às novas configurações familiares que emergiram, podemos encontrar e ter outras famílias, tais como, as famílias monoparentais, adotivas, homossexuais, comunitárias e reconstituídas, sendo esta última o foco deste estudo.

Tal como fomos referindo ao longo do presente estudo, as famílias reconstituídas, são caracterizadas pelo facto de serem constituídas por pessoas que ao longo do seu desenvolvimento, (i.e.) no seu passado, tiveram outras famílias (e.g.: famílias nucleares), e que estão reunidas num novo sistema familiar que se designa de famílias reconstituídas. Estas podem advir de um divórcio, uma separação ou morte de um dos conjugues.

Como Gomes (2010) refere, as famílias são entidades dinâmicas e em constante transformação que por essa razão, estão sujeitas a modificações e a diversos fatores inesperados, os quais podem levar a que o sistema e a dinâmica familiar se modifiquem ou desagregue, ganhando uma nova dimensão, como no caso, as famílias reconstituídas. Neste tipo de famílias, ocorre uma mudança nas dinâmicas das relações entre os elementos do sistema familiar reconstituído e, com os elementos do antigo sistema família. Sucede que as características das relações entre os diferentes elementos do sistema familiar das famílias reconstituídas e a atividade conjugal e parental das mesmas podem ser as maiores dificuldades na parentalidade com filhos adolescentes.

Em qualquer tipo de família, a sua estrutura é específica, todas elas têm papéis e funções específicas. Porém nas famílias reconstituídas a estrutura é um pouco mais complexa. As famílias podem ser compostas por um maior número de elementos que poderão viver em mais que uma casa, situações em que a relação entre pais e filho/a(s) já existia, antes da reconstituição familiar, tal como refere Freijo e Delgado (2010). Sendo este fator a influenciar e a tornar os processos complexos e difíceis pelos quais as famílias reconstituídas passam, tais como a construção da relação conjugal e a relação com os seus filhos.

Neste sentido, é importante ter em conta na abordagem das famílias reconstituídas as diversas relações, dinâmicas e situações diversas do sistema familiar e nomeadamente dos adolescentes (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

Tendo presente os aspetos relacionados com as dinâmicas das relações em famílias reconstituídas com filhos adolescentes, esta investigação pretendeu perceber a forma como este tipo de famílias percecionam as dinâmicas das relações existentes entre o/a(s) enteado/a(s) e padrastos e madrastas. Deste objetivo geral, derivam alguns objetivos mais específicos, tais como: compreender a convivência entre os elementos da família; identificar o tipo de relações entre os elementos da família; identificar o tipo de relação no exercício das funções parentais; e por fim, identificar os sentimentos relacionados com as vivências na família.

Assim, de modo a responder ao objetivo geral delineado para este estudo, os resultados obtidos mostram que as famílias reconstituídas, embora tenham diversas dificuldades relativamente às relações entre enteado/a(s) e padrastos e madrastas, a perceção que os mesmos têm relativamente à dinâmica das relações entre os elementos acima referidos toca em alguns pontos importantes quando comparados com as dinâmicas de um sistema familiar nuclear.

Através da análise dos resultados obtidos, é possível concluir que os resultados da análise das verbalizações dos participantes, na sua maioria estão de acordo com os verificados na revisão da literatura apresentada. No entanto, é importante referir que os estudos que relacionam a temática das famílias reconstituídas e as suas dinâmicas são escassos. Contudo, a partir destes mesmos elementos podemos evidenciar o impacto desta fase de transição e de mudanças na adaptação dos adolescentes a nova família; a importância da conjugação sensível entre a conjugalidade e a parentalidade nesta condição (de ser família reconstituída) e implicações na vida de todos os elementos do sistema reconstituído.

Os resultados e os conhecimentos que se retiram do estudo não podem ser generalizados a todas as famílias reconstituídas, no entanto, estes possuem validade para a população e contexto em que a mesma se insere, contribuindo para a investigação global sobre a temática.

Após os resultados estarem discutidos e as principais conclusões deste estudo estarem mencionadas, é importante salientar as dificuldades, as limitações, os possíveis contributos do mesmo, as suas implicações práticas e algumas sugestões para futuras investigações.

Na realização deste estudo foram encontradas algumas dificuldades associadas sobretudo ao momento de realização de entrevista. Assim, dada a sensibilidade do tema para os participantes, nomeadamente para os adolescentes que mencionaram uma relação difícil com o/a padrasto/madrasta foi difícil, por vezes, conseguir obter informações relevantes, sentindo uma necessidade de colocar mais questões aos participantes. Assim, uma das grandes dificuldades foi a pouca disponibilidade dos participantes para a concretização da entrevista, devido à sensibilidade do tema.

Quanto às limitações, no estudo podem ser destacadas as seguintes:

- i) o número reduzido de participantes, devido à dificuldade em encontrar participantes disponíveis;
- ii) a veracidade da informação relatada pelos participantes. Algumas informações fazem parte do contexto íntimo das pessoas e, por isso, é algo difícil de se expor, ainda que se tenha referido a confidencialidade dos dados e o sigilo profissional;
- iii) Idade dos jovens (e.g. fase da adolescência), o que torna por um lado, difícil de obter informações ricas e com conteúdo, mas por outro lado pode

ser vantajoso, para encontrar critérios para comparação das as famílias reconstituídas com adolescentes.

- iv) os participantes utilizarem a desejabilidade social, o que limitou por exemplo, a compreensão das dificuldades encontradas nas rotinas nomeadamente, no grupo dos padrastos e madrastas, dado que alguns dos participantes tiveram dificuldades no início das entrevistas ao não assumirem algumas das dificuldades e conflitos.

Tendo em consideração os contributos deste estudo e as suas implicações práticas, a presente investigação pode contribuir para criar uma maior consciência para a perceção, tanto dos adolescentes como dos adultos das famílias reconstituídas, das suas necessidades e, também, das suas dificuldades, tanto na aceitação desta nova realidade, como na utilização da melhor estratégia para a harmonia familiar. E, neste sentido, é essencial não nos focarmos, apenas no estudo dos problemas e dificuldades que, geralmente, caracterizam as famílias reconstituídas, mas sim, identificar e procurar deste modo, demonstrar as dinâmicas, as potencialidades tanto ao nível da parentalidade bem como da conjugalidade nestas famílias, que tal como noutras famílias podem ser alvo de uma intervenção.

Neste sentido, o presente estudo pretende contribuir para uma maior compreensão das dinâmicas das famílias reconstituídas com filhos adolescentes, através do olhar tanto dos padrastos e madrastas como o olhar do/a(s) enteado/a(s) e numa perspetiva da própria família.

Ao longo do presente estudo, sobressaiu a aceitação dos adolescentes a nova família, ao novo elemento (padrasto ou madrastra). Provavelmente, este dado poderá contribuir para direccionar a prática dos psicólogos nessa direção, a construção da nova relação. Ainda na área prática, é importante atenuar as dificuldades sentidas ao nível da mudança, da adaptação e das próprias relações, promovendo em simultâneo a autoestima, positiva, competências sociais, individuais e parentais dos padrastos e das madrastas e outras necessárias ao bom funcionamento familiar.

Ainda relativamente à temática desta investigação, considera-se fundamental a importância da formação de técnicos e profissionais que intervêm com estas e outras famílias, realçando que em qualquer momento do seu ciclo vital, a família pode sentir dificuldades em ultrapassar as ruturas, as reconstituições, as crises ou problemas, necessitando por esses motivos de apoio.

Para estudos futuros, salientam-se as seguintes sugestões:

- i) Estudar as dinâmicas familiares e a sua relação com o desenvolvimento dos adolescentes nas diferentes áreas em famílias reconstituídas;
- ii) Realizar um estudo comparativo entre casais das famílias reconstituídas e das famílias ditas “normais” para compreender a sua percepção acerca da dinâmica familiar, parentalidade e coparentalidade;

Para terminar, importa ainda referir que ao longo da revisão da literatura foi mencionada a importância da família como o primeiro contexto de desenvolvimento e de aprendizagem da criança e do adolescente sendo neste sentido, essencial aprofundar os conhecimentos em relação aos processos e dinâmicas familiares das famílias, em geral e, das famílias reconstituídas em particular.

Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (2006). *Conjugalidades em mudança: percursos, orientações e dinâmicas da vida a dois*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Alarcão, M & Relvas, I. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares (2ª ed)*. Coimbra: Quarteto.
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação (5ª ed.)*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e as suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102.
- Almeida, B. L. (2015). Parentalidade e a sua avaliação: Contributo para a validação do inventário sobre parentalidade de adultos e adolescentes (Versão 2), Para a população portuguesa. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa).
- Almeida, I. (2014). Configuração familiar, perceção de funcionamento familiar e autoconceito adolescente. (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra).
- Amaral, D.H. (2010). Recasamento: perceção e vivências dos filhos do primeiro casamento. (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica, Recife).
- Amazonas, M.C.L.A. & Braga, M.G.R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora*, 9 (2), 177 - 191. DOI: 10.1590/S1516-14982006000200002 .
- Andolfi, M. (2002). *A crise do casal: uma perspectiva sistémico-relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Berger, P. & Kellner, H. (1964). Marriage and the construction of reality. *Diogenes*, 46, 1-24.
- Bray, J.H. & Harvey, D.M. (1995). Adolescents in stepfamilies: developmental family interventions. *Psychotherapy*, 32 (1), 122-130.
- Brito, L. M. T. (2005). Guarda Compartilhada: um passaporte para a convivência familiar. In APASE – Associação de pais e mães separados (Orgs.), *Guarda Compartilhada: aspectos psicológicos e jurídicos* (pp. 53-69). Porto Alegre: Equilíbrio
- Brito, T. (2007). Família pós-divórcio: a visão dos filhos. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, v. 27, n. 1, p. 32-45.

- Canavarro, M. & Pedrosa, A. A. (2005). Transição para a parentalidade segundo diferentes perspectivas teóricas. I. Leal (Coord.), Psicologia da gravidez e da parentalidade. Lisboa: Fim do Século, Lda.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Cartwright, C. (2010). An Exploratory Investigation of Parenting Practices in Stepfamilies. *Journal of Psychology* 39(1), 57-63.
- Costa, P., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Homoparentalidade: o estado da investigação e a procura da normalização. *Psicologia*, 26(1), 55-69.
- Costa, J. & Dias, C. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. Universidade Católica de Pernambuco.
- Costa, J. M. (2008). A arte de recomeçar: uma compreensão sobre a dinâmica das famílias recasadas. (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica, Recife).
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family Identity. Ties, Symbols, and Transitions*. London: Lawrence Erlbaum Associations
- Costa, M. (1994). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Porto: INIC.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Day, A. (2010). *Proposition and Performativity: Relocation belief to the Social*. *Culture and religion* 11 (1) (March): 9-30.
- Di Vita, A. & Salerno, A. (2005). Vissuti e rappresentazioni del figli nelle famiglie ricomposte. In Bianca, C., Malagoli Togliatti, M., & Micci, A. (Eds.). *Interventi di sostegno alla genitorialità nelle famiglie ricomposte*. Giuristi e psicologi a confronto (p. 95-108). Milano: FrancoAngeli.
- Dunn, J., Deater-Deckard, K., Pickering, K., O'Connor, T.G., & Golding, J. (1999). Siblings, parents, and partners: family relationships within a longitudinal community study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 1025-1037
- Esteves, A. (2010). Estilos Parentais e coparentalidade: Um estudo exploratório com casais portugueses (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Lisboa).
- Estrela, A. (1994). Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores. 4ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.
- Ferraris, A. (2002). Filhos de famílias divorciadas e reconstituídas: identidade e história familiar. In Andolfi, M. (2002). *A Crise do casal. Uma perspectiva sistémico-relacional* (p.249-264). Porto Alegre: Artmed.
- Ferreira, P. M. (2003). Tendências e modalidades da conjugalidade. *Sociologia*,

Problemas e Práticas, (43), 67-82.

- Fiese, B. H. (2006). *Family routines and rituals*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Fine, M.A., Coleman, M., & Ganong, L.H. (1988). Consistency in perceptions of the step-parent role among stepparents, parents and stepchildren. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 811-829.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa, Portugal: Monitor.
- Fomby P. & Sennott, C. A. (2013). Family structure instability and mobility: The consequences for adolescents' problem behavior. *Social Science Research*, 42, 186–201.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de Investigação: Da Concepção à Realização*. Loures Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Freijo, E. A., & Delgado, A.O. (2010). *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares*. Pirâmide: Madrid.
- Freire, V., Silva, S., Moura, M., Pontes, F., & Araújo, M. (2014). Metas e expectativas parentais em contexto urbano e ribeirinho da Amazônia. *Revista Interamericana de Psicologia*, 48(1), 53-63.
- Frizzo, G., Krutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C. & Bosa, C. (2005). The concept of co-Parenting: Implication for research and clinical practice. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.
- Fuster, E. G., & Ochoa, G. M. (2000). *Psicología Social de la familia*. Barcelona: Paidós.
- Gambini, P. (2007). *Psicologia della famiglia. La prospettiva sistemico-relazionale*. Milano: FrancoAngeli.
- Ganong, L., Coleman, M., Fine, M., & Martin, P. (1999) Stepparents' Affinity-Seeking and Affinity-Maintaining Strategies with Stepchildren. *Journal of Family Issues*, 20(3), 299-327.
- Gasper, A. F., Stolberg, A. L., Macie, M. K. & Williams, L. J. (2008) Coparenting in Intact and Divorced Families: Its Impact on Young Adult Adjustment, *Journal of Divorce & Remarriage*, 49(34), 272-290. DOI:10.1080/10502550802231924.
- Geraci, D. (2008). Stepparent Roles. *Psi Chi, The National Honor Society in Psychology*, 13(1) 30–37.
- Gimeno, A. (2001). *A Família – O desafio da diversidade*. Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Alfragide: Texto Editores.

- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 4(29), 535-551.
- Guerreiro, M., Torres, A. & Lobo, C. (2007). Portugal no contexto europeu: Quotidiano e Qualidade de vida. Lisboa: Celta Editora.
- Hetherington, E.M. (1982). El divorcio visto por los hijos. *Infancia y Aprendizaje*, 5363.
- Hetherington, E. M. (1999). Coping with divorce, single parenting, and remarriage: a risk and resiliency perspective (1ªed.). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hetherington, E.M., & Clingempeel, W.G. (1992). Coping with marital transitions: A family systems perspective. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 57(2/3), 1-14.
- Hetherington, E. M., & Stanley-Hagan, M. (2002). Parenting in Divorced and Remarried Families, In M., Bornstein (Eds) *Handbook of Parenting* (pp. 287-316) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Holloway, S. L. (1999). Mother and worker? The negotiation of motherhood and paid employment in two urban neighborhoods. *Urban Geography*, 20, 438-460.
- Kellam, S. G., Ensminger, M. E., & Turner, R. J. (1997). Family structure and the mental health of children. *Arch Gen Psychiatry*, 34(9).
- Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2006). Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 96-102.
- Kunrath, L. (2006). Recasamento: novas possibilidades para o espaço conjugal? *Pensando Famílias*, v. 10, n. 1, p. 101-112.
- Lamela, D., Castro, M., Gonçalves, T. & Figueiredo, B. (2009). PApi – “Pais por Inteiro” Programa de intervenção em grupo para o ajustamento pessoal e a promoção da coparentalidade positiva em pais divorciados. *Análise Psicológica*, 27, 4, 493-507.
- Leandro, E. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Lisboa: Universidade Aberta
- Lemay, M. (2006). *Que tem a família para oferecer à criança: crescer e viver*. Lisboa: Climepsi.
- Linares, J. L. (2010). La pareja, en la encrucijada de la conyugalidad y de la parentalidad. In Goldbeter-Merinfeld, E., Linares, J. L., Onnis, L., Romano, E., & Vannotti, M. (Dir.), *Terapia familiar en Europa. Inventos a cinco voces*. Bruselas: De Boeck Superior. Obtido de <http://www.redsistemica.com.ar/linares4.htm>.
- Lobo, C. (2006) *Recomposições Familiares: Dinâmicas de um Processo de Transição*. Tese de Doutoramento, ISCTE.

- Margolin, G., Godis, E. B. & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in twoparent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21.
- McGoldrick, M., & Carter, B. (2001). *As mudanças no ciclo vital da família: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed. McKeown.
- McGoldrick, M. & Carter, B. (1995). Constituindo uma família recasada. In Carter, B., McGoldrick, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Medeiros, M.G. (2004). Conjugalidade e família no Brasil: Analisando as famílias reconstituídas em Natal. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: Coimbra.
- McCusker, K. & Gunaydin, S. (2015). Research using qualitative, quantitative or mixed methods and choice based on the research. *Perfusion*, 30(7), 537-542.
- Menaghan, E.G., Kowaleski-Jones, L., & Mott, F. L. (1997). The Intergenerational Costs of Parental Social Stressors: Academic and Social Difficulties in Early Adolescence for Children of Young Mothers. *Journal of Health & Social Behavior*, 38(1), 72-86.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. Paris: Jean-Pierre Delarge.
- Minuchin S. & Fishman H. C. (2003). *Famílias em: técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*. Porto Alegre, 22 (37), 7-32.
- Nichols, M. P. (2012). *Family therapy: Concepts and methods* (10ªed.). Estados Unidos: Pearson.
- Oliveira, D., Siqueira, A., Aglio, D., & Lopes, R. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento das crianças e adolescentes: Uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia*, 12(1), 87-98.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Pereira, D., & Alarcão, M. (2014). “Parentalidade Minimamente Adequada”: Contributos para a operacionalização do conceito. *Análise Psicológica*, 2(32), 157-171.
- Pinto, W., & Chalhub, A. (2005). *Família e contemporaneidade: o exercício da função parental na família recomposta*.
- Pires, A. S. R. (2008). *Estudo da Conjugalidade e da Parentalidade através da Satisfação Conjugal e da Aliança Parental* (Dissertação de Mestrado, FPCE, Lisboa).
- Poussin, G. & Martin-Lebrun, E. (1997). *Les enfants du divorce*. Dunod: Paris.
- Poussin, G. & Martin-Lebrun, E. (1999). *Os filhos do divórcio*. Terramar: Lisboa.

- Priosle, A., Cruz, D., & Narciso, I. (2010). Circularidade Relacional: padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica*, 52(1), 447-467.
- Raposo, H.S., Figueiredo, B.F.C., Lamela, D.J.P.V, Nunes-Costa, R.A., Castro, M.C., & Prego, J. (2011). Child adjustment to separation or divorce of parents. *Revista Psiquiátrica Clínica*, 38(1), 293-303.
- Relvas, A. P. (2000). O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). (Coords.) *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora
- Ribeiro, M. T. (2007) *Família: Comunidade Educativa – Filhos hoje, Pais amanhã*. Comunicação apresentada no Auditório da Assembleia da República, Lisboa.
- Ribeiro, C. M. (2014). Coparentalidade, parentalidade e sintomas de externalização e internalização em crianças em idade pré-escolar (Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona, Porto).
- Ricci, I. (2004). *Casa da Mãe Casa do Pai – Construir dois lares para os seus filhos – um guia completo para pais separados, divorciados ou que voltam a casar*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Robertson, J. (2008). Stepfathers in families. In Pryor, J. (Eds.), *The International Handbook of Stepfamilies. Policy and Practice in Legal, Research, and Clinical Environments* (p.125-150). EUA: John Wiley & Sons.
- Robinson, M. (1991). *Family transformation through divorce and remarriage: A systematic approach*. Routledge: London and New York.
- Sacareno, C. & Naldini, M. (2003). *Sociologia da família*. Lisboa: editor Estampa.
- Sampaio, D. (2006). *Lavar o Mar – Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Caminho: Lisboa.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1992). *Terapia familiar* (2ªed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Scabini, E., & Cigoli, V. (2006). *Il familiare*. Milão, Itália: Raffaello Cortina Editore.
- Schoppe S., Mangelsdorf S. C., & Frosch C. A. (2001). Coparenting, family process and family structure: implications for preschoolers' externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 15(3), 526-545.
- Silva, C. S. (2009). *Famílias de risco, crianças de risco? Representações das crianças acerca da família e do risco*. (Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança).
- Silveira, L. (2002). *Rivalidade, afeição e hostilidade: Diferentes dimensões do relacionamento fraterno*. Dissertação de Mestrado, PUCRS.

- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas* (1.^a Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Sousa, J. E. (2006). As famílias como projetos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e parentalidade. *Saber (e) Educar*, 11, 41-47.
- Stanhope, M. (1999). Teorias e Desenvolvimento Familiar. In M. Stanhope & J. Lancaster, (Eds.), *Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos* (pp. 492-514). Lisboa: Lusociência.
- Strecht, P. (2001). *Interiores. Uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos*. Lisboa: Assírio Alvim.
- Teixeira, L (2014). *Regras, Rotinas e Rituais em Famílias Reconstituídas*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica, Porto).
- Turunen, J. (2013). Family Structure, Gender, and Adolescent Emotional Well-Being. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(6), 476-504.
- Valente, R. (2009). *Parentalidade em famílias multiproblemáticas: Como os técnicos a avaliam* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Lisboa).
- Van Cutsem, C. (2001). *As famílias recompostas: entre o desafio e a incerteza*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Veiga-da-Silva, C. (2001). *Sem "nós" dois, o que resta sou eu: os caminhos para a separação conjugal*. Tese de Doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Visher, E.B. & Visher, J.S. (1985). Stepfamilies are different. *Journal of Family Therapy*, 7, 9- 18.
- Visher, E.B. & Visher, J.S. (1993). *Stepfamilies. Myths and Realities*. USA: Carol Publishing Group.
- Visher, E. B., Visher, J.S. & Pasley, K. (2003). Remarriage families and stepparenting. In Walsh, F. (Third Edition), *Normal Family Processes* (p.153-175). New York: Guilford Press.
- Vuchinich, S., Hetherington, E.M., Vuchinich, R., & Clingempeel, G. (1991). Parent-child interaction and gender differences in early adolescents' adaptation to stepfamilies. *Developmental Psychology*, 27, 618-627.
- Wagner, A. (2011). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed.
- Wagner, A. (2002). *Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento*.
- Whaley, L. & Wong, D. (1989). *Enfermagem pediátrica*. 2^a edição. Pp. 440- 445. Rio de Janeiro: Guanabara.

Williams, F. (2010). *Repensar as famílias*. Cascais: Principia.

Willig, C. (2001). *Introducing qualitative research in psychology. Adventures in theory and method*. Buckingham: Open University Press.

Yin, R. K. (2011). *Qualitative research from start to finish*. New York: The Guildford Press.

Yunes, M. A. M., Garcia, N. M. & Albuquerque, M. A. (2007). Monoparentalidade, Pobreza e Resiliência: Entre as Crianças dos Profissionais e as Possibilidades da Convivência Familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 444-453.

Anexos

Anexo I – Guia de Entrevista Grupo 1 – Padrastos/Madrastas

Título da Tese: “Parentes ou estranhos?”: Um estudo exploratório da dinâmica das relações em famílias reconstituídas com filhos adolescentes.

Objetivo geral: compreender a dinâmica das relações em famílias reconstituídas.

Entrevistados: 13 famílias.

Temas	Objetivos específicos	Questões
1. Legitimação da entrevista	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Justificar o tema e a entrevista.</p> <p>Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.</p>	<p>Apresentação da entrevistadora.</p> <p>Informar o/a entrevistado/a sobre:</p> <ul style="list-style-type: none">- tema;- objetivos do estudo;- responsáveis,- metodologia- apresentação / divulgação dos dados. <p>Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar.</p> <p>Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista.</p> <p>Assegurar a confidencialidade e o anonimato.</p> <p>Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</p> <p>Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.</p>
2. Caracterização Sociodemográfica do/a entrevistado/a	<p>Identificar o/a entrevistado/a.</p>	<p>Dados do Questionário Sociodemográfico:</p> <p>Caracterização do entrevistado/a:</p> <ul style="list-style-type: none">- sexo;- idade;

		<ul style="list-style-type: none"> - estado civil; - nº de filhos do casamento/união de facto anterior; - idades dos filhos; - nº de filhos do casamento/união de facto atual; - idades dos filhos; - nº de enteados; - idades dos enteados; - tipo de guarda; - tempo efetivo de residência - tipo de tratamento (como o chama ou trata); - residência (meio rural ou urbano); - habilitações académicas; - profissão; - situação laboral.
3. Convivência familiar	Compreender a convivência entre os elementos da família.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atualmente, como é a convivência na vossa família? 2. Como se processa, em regra, o vosso dia-a-dia? 3. Como são divididas as tarefas na vossa família? 4. Que tipo de problemas ou conflitos surgem no dia-a-dia? 5. Como passam vossos tempos livres em família? 6. Há alguma atividade de lazer que goste de partilhar com os vossos filhos(as) e enteados(as)?
4. Relações na família	Identificar o tipo de relação entre os elementos da família	7. Como se relaciona com os seus (suas) filhos/as e enteados/as?

		<p>8. O que mais o/a agrada na vossa relação?</p> <p>9. O que menos o/a agrada na vossa relação?</p>
5. Relações no exercício da parentalidade	Identificar as relações no exercício das funções parentais.	<p>10. Como procedem enquanto casal relativamente aos problemas relacionados com a escola, o dia-a-dia, ou outros dos vossos filhos(as) e enteados(as)?</p> <p>11. Como procede o vosso filho(a) e enteado(a), quando tem algum problema/dificuldade?</p>
6. Sentimentos sobre as vivências da família.	Identificar os sentimentos relacionados com as vivências na família.	<p>12 . Como se sente enquanto padrasto/madrasta nesta família?</p> <p>13 . O que sente em relação às vivências na vossa família?</p> <p>14 . Enquanto padrasto/madrasta, como sente a experiência de viver nesta família?</p>

Anexo II – Guia de Entrevista Grupo 2 – Enteados/Enteadas

Título da Tese: “Parentes ou estranhos?”: Um estudo exploratório da dinâmica das relações em famílias reconstituídas com filhos adolescentes.

Objetivo geral: compreender a dinâmica das relações em famílias reconstituídas com filho/a adolescente.

Entrevistados: 13 famílias

Temas	Objetivos específicos	Questões
1. Legitimação da entrevista	<p>Legitimar a entrevista.</p> <p>Justificar o tema e a entrevista.</p> <p>Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.</p>	<p>Apresentação da entrevistadora.</p> <p>Informar o/a entrevistado/a sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - tema; - objetivos do estudo; - responsáveis, - metodologia - apresentação /divulgação dos dados. <p>Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar.</p> <p>Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista.</p> <p>Assegurar a confidencialidade e o anonimato.</p> <p>Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</p> <p>Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.</p>
2. Caracterização Sociodemográfica do/a entrevistado/a	<p>Identificar o/a entrevistado/a.</p>	<p>Dados do Questionário Sociodemográfico:</p> <p>Caracterização do entrevistado/a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - sexo; - idade;

		<ul style="list-style-type: none"> - residência (meio rural ou urbano); - habilitações acadêmicas; - número de irmãos e irmãs; - idade de irmãos e irmã; - tipo de tratamento (como o chama ou trata o padrasto/madrasta).
3. Convivência familiar	Compreender a convivência entre os elementos da família.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Atualmente, como é a convivência na vossa família? 2. Como se processa, em regra, o vosso dia-a-dia? 3. Como são divididas as tarefas na vossa família? 4. Que tipo de problemas ou conflitos surgem no dia-a-dia? 5. Como passam os vossos tempos livres em família? 6. Há alguma atividade de lazer que goste de partilhar/realizar com o padrasto/ madrastra?
4. Relações na família	Identificar o tipo de relação entre os elementos da família	<ol style="list-style-type: none"> 7. Como se relaciona com o seu(sua) padrasto/ madrastra? 8. O que mais o/a agrada na vossa relação? 9. O que menos o/a agrada na vossa relação? 10. Como se relaciona com o/os seu(sua)/ seus(suas) meio(a)/ meios(as) irmão/irmã/ irmãos/irmãs ou co-irmão/co-irmã/ co-irmãos/co-irmãs?

		<p>11. O que mais o/a agrada na vossa relação?</p> <p>12. O que menos o/a agrada na vossa relação?</p>
5. Relações no exercício da parentalidade	Identificar as relações no exercício das funções parentais.	<p>13. Como procedem os vossos pais relativamente aos problemas relacionados com a escola, o dia-a-dia, ou outros?</p> <p>14. Como procede quando tem algum problema/dificuldade?</p>
6. Sentimentos sobre as vivências da família.	Identificar os sentimentos relacionados com as vivências na família.	<p>15. O que sente em relação às vivências na vossa família?</p> <p>16. Enquanto enteado/enteada como sente a experiência de viver nesta família?</p>

Anexo III – Consentimento Informado

Data: __/__/__

NúmerID: _____

Filipa Dias Pires, Licenciada em Psicologia pela Universidade de Évora, a concluir o Mestrado em Psicologia da Educação, vem por este meio solicitar a participação de vossa excelência, requerendo igualmente que autorize o seu filho/a sua filha a participar num estudo integrado no âmbito da sua dissertação de mestrado.

Este estudo tem como objetivo perceber a dinâmica dos relacionamentos em famílias reconstituídas.

Para tal, será efetuada uma entrevista.

Com o objetivo de uma eficaz recolha de informação, a entrevista será gravada, estando garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos. As informações prestadas são apenas para fins de investigação. Não há respostas incorretas, o importante é a sua opinião.

Os procedimentos desta investigação não resultarão em nenhum dano físico ou psicológico aos participantes, ficando salvaguardada a identidade de todos os participantes.

A importância não implicará nenhum custo financeiro e será voluntária, pelo que poderá proceder à sua interrupção se assim o desejar, em qualquer momento.

Tendo recebido as devidas informações e estando ciente dos objetivos da investigação, participo no estudo anteriormente referido.

Também autorizo o meu filho/ a minha filha _____ a participar no mesmo.

Assinatura do Participante

Assinatura do Investigador

Anexo IV – Exemplo de Entrevista

1. Atualmente, como é a convivência na vossa família?

"Enquanto família, no geral, a convivência entre nós todos é normal. Há alguns atritos com o meu enteado mais velho (M.M.), mas o mais novo (P. M.) é muito carinhoso. O mais velho está mais consciente do que aconteceu com os pais dele, e penso que também sinta revolta para com o pai pelo que aconteceu... depois de um divórcio, restabelecer os laços nem sempre é fácil, temos todos de aprender a lidar com a situação, a superar medos e a confiar de novo uns nos outros e acima de tudo a acreditar no amor. Mas como lhe disse a nossa convivência, não é boa nem má, convivemos como todas as famílias."

2. Como se processa, em regra, o vosso dia-a-dia?

"Diria que é normal, não sei. O meu marido levanta-se muito cedo para ir para o trabalho, e como eu entro mais tarde, acabo por ser eu a tratar das coisas dos rapazes, como o pequeno-almoço e o almoço. O mais novo, o P. M. (enteado), é muito prestável e acorda sempre de bom humor já o mais velho, o M. M. (enteado), de manhã não tem vontade de falar com ninguém. As aulas terminam no início da tarde, pelo que depois eles vão para o centro de estudos até às 17h e eu vou busca-los quando posso, porque trabalho por turnos. Quando eu não os consigo ir buscar à escola ou à explicação (eles não tem explicações todos os dias) o meu marido vai busca-los. À noite jantamos todos juntos, muitas vezes até jantamos na casa da minha sogra, que agora está sozinha, porque o marido faleceu há pouco tempo, por isso vamos muitas vezes fazer-lhe companhia."

3. Como são divididas as tarefas na vossa família?

"Nós temos empregada doméstica, que vem a casa 3 vezes por semana limpar os quartos, a sala e as casas de banho. O resto sou eu que faço e o meu marido trata dos jardins."

4. Que tipo de problemas ou conflitos surgem no dia-a-dia?

Os conflitos que surgem no dia-a-dia são mais entre mim e o meu enteado mais velho porque está a passar por problemas da adolescência, como fumar às escondidas ou porque ele não se dá bem comigo e acabamos por ter muitas discussões.

5. Como passam os vossos tempos livres em família?

“Durante a semana não temos muito tempo livre, apenas ao fim-de-semana.

Com o meu marido e com os meus enteados vamos dar um passeio até ao *shopping* ou a algum lugar que eles gostem de ir, por exemplo lanchar no Macdonald’s ou na Telepizza.”

6. Há alguma atividade de lazer que goste de partilhar com os vossos filhos(as) e enteados(as)?

“Com o P. M. (enteado) gosto de cozinhar, principalmente sobremesas.

Com o M. M. (enteado), não faço nada com ele.”

7. Como se relaciona com os seus (suas) filhos/as enteados/as?

"Com os meus enteados relaciono de formas muito diferentes. Com o M. M. (enteado mais velho) não me relaciono muito bem, mas com o P.M (enteado mais novo) dou-me muito bem, gostamos de estar um com o outro."

8. O que mais o/a agrada na vossa relação?

Co"Com o P.M (enteado) gosto do companheirismo que temos;

Com M. M. (enteado) não tenho nada que goste, não temos relação.”

9. O que menos o/a agrada na relação vossa relação?

"Com o P. M. (enteado) não tenho nada que não me agrade.

Com o M.M. (enteado) é o facto de ele não me dar uma hipótese."

10. Como procedem enquanto casal relativamente aos problemas relacionados com a escola, o dia-a-dia, ou outros dos vossos filhos(as) e enteados(as)?

"Enquanto casal, falamos para chegar a um acordo sobre como resolver as dificuldades dos mais pequenos (enteados) e só depois falamos ou ralhamos com eles (enteados)

Eu nunca tive de castigar ninguém... tento sempre falar, mesmo que não seja ouvida por parte do M.M .(enteado). Para castigos já têm o pai, que é bem severo quando eles fazem alguma coisa de errado."

11. Como procede o vosso filho(a) enteado(a), quando tem algum problema/dificuldade?

"Depende do enteado, lá está. O P. M. (enteado) vem falar comigo, diz-me o que se passa... o M. M. (enteado) não fala com ninguém, nem com o pai nem comigo não partilha nada..."

12. Como se sente enquanto padrasto/madrasta nesta família?

"Sinto-me dividida. Por um lado sinto-me mal porque não consigo ter uma relação uma boa com o meu enteado mais velho e isso deixa-me triste por outro lado o meu enteado mais novo gosta de mim e é meu amigo o que faz-me sentir bem. Por isso diria que me sinto mais ou menos bem, porque existem algumas arestas para limar mas temos que ter calma e paciência."

13. O que sente em relação às vivências na vossa família?

"Sinto-me amada pelo meu marido e sinto-me bem em saber que o meu enteado mais novo gosta de mim e por outro lado sinto-me triste por não me dar com o meu enteado mais velho."

14. Enquanto padrasto/madrasta, como sente a experiência de viver nesta família?

"Sinto-me bem, como já lhe disse na resposta anterior, à exceção do meu enteado mais velho não falar comigo na maioria das vezes. Apesar disso, tem dias que superam tudo e que nos damos muito bem. Acredito que com muita calma e paciência tudo irá ficar bem."

Anexo V – Grelha de análise categorial Grupo 1 – PadrastosMadrastas

TEMA 1 – CONVIVÊNCIA FAMILIAR

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria 1.</u> Ambiente Familiar Funcional (O ambiente familiar funcional caracteriza-se por todos os fatores que contribuem para um funcionamento normal entre todos os elementos da família)	Aceitação da nova família	“(…) o meu filho mais velho já não vive comigo, mas compreende a situação de ter feito a minha vida (...)”	F1_D.M.
		“O meu filho é mais calmo e já compreende melhor a situação (...)”	F1_D.M.
	Convivência positiva	“(…) apoiamo-nos sempre uns nos outros”	F2_R.R.
		“A nossa convivência é muito boa (...)”	F3_H.P
		“(…) funcionamento harmonioso entre todos nós”	F3_H.P
		“(…) o que me leva a crer que eles gostam realmente de mim e me consideram da família”	F3_H.P
		“Acho que temos uma convivência boa, porque nos damos bem uns com os outros e ajudamo-nos”	F4_N.G
		“Eu acho que posso dizer que a nossa família se dá bem e que a convivência é boa (...)... eu acho que sim, que nos damos bem (...) “	F7_J.C.
		“Enquanto família, no geral, a convivência entre nós todos é razoável”	F8_M. P.
		“Mas como lhe disse à nossa convivência, não é boa nem má, convivemos uns com os outros, como todas as famílias”	F8_M. P.
		“Diria que temos uma boa convivência (...)”	F10_A.R.
		“A nossa convivência é muito boa”	F12_J.M.
		“Na minha família todos se dão bem”	F12_J.M.
		“Temos uma boa convivência”	F13_M.F.
	Satisfação das necessidades básicas	“(…) arranjo o pequeno-almoço para mim, para o meu companheiro, para o meu enteado e para as minhas filhas (...)”	F1_D.M.
		“Eu fico encarregue de preparar o pequeno-almoço (...)”	F2_R.R.

	(alimentação) e das necessidades socio-afetivas e educacionais	“Quando estamos só os três fazemos aquilo que a mulher chama de asneiras (...) não custa nada dar-lhes uns mimos”	F4_N.G
		“(...) ajudá-los nos trabalhos de casa”	F10_A.R.
	Partilha das tarefas domésticas	“O meu filho quando está em casa ajuda-me em tudo o que preciso, ajuda-me a cozinhar e a arrumar e às vezes toma conta da irmã”.	F1_D.M.
		“(...) ajuda-me a levantar a mesa, mas contrariada”.	F1_D.M.
		“Eu s fico encarregue de preparar o pequeno-almoço e por levar a enteada e o meu filho à escola, no final do dia vou busca-los, preparamos o jantar todos juntos”	F2_R.R.
		“(...) cada um de nós tem o seu papel ... cada um arruma o que desarrumou, as refeições são preparadas por mim e pela minha mulher”	F3_H.P
		“(...) tomamos o pequeno –almoço, vestimo-nos, enquanto a minha mulher se arranja, eu faço a cama e saímos para o trabalho em carros separados”	F7_J.C.
		“O jantar é feito, quando possível pelos 3. Gostamos de jantar juntos e conviver depois do jantar (...)”	F7_J.C.
		“Eu tento ajudar naquilo que posso, até porque a minha mulher tem um trabalho muito exigente (...) O filho dela ajuda-me sempre a colocar a mesa (...)A mãe faz Questão que ele arrume o seu quarto e que faça a cama todos os dias”	F7_J.C.
		“Tentamos dividir as tarefas por nós os quatro, apesar do A.C. (filho) ter apenas 8 anos (...) O E.P. (enteado) fica encarregue de arrumar o quarto e de ajudar a mãe com as tarefas da cozinha (...)”	F9_J.C.
		“(...) eu cuido dos carros, do jardim e da limpeza dos quartos. A minha mulher fica responsável por lavar a roupa e passar a ferro e a minha filha e a minha enteada entre elas, limpam a sala e fazem cada uma a sua cama”	F10_A.R.

		“(….)de manhã cada um dos miúdos prepara o seu pequeno-almoço enquanto eu preparo o meu almoço e a minha mulher prepara o almoço dela (...) A minha mulher prepara o jantar e eu trato da loiça”	F12_J.M.
		“A M.B. (companheira) cozinha sempre e eu e o J. B. (enteado) lavamos a loiça e a cozinha. No sábado limpamos mais a fundo a casa, mas só eu e a M. B. (companheira). Também partilhamos as tarefas no que diz respeito a tratar do F. F. (filho)”	F13_M.F.
	Realização de atividades de lazer	“No fim do dia estamos todos juntos a conversar ou a fazer coisas como pintar, ver televisão ou jogar a algo”.	F1_D.M.
		“(…) depois senta-se no sofá connosco e fica a ver a novela antes de ir para a cama”	F1_D.M.
		“Os fins-de-semana são diferentes, como temos mais tempo livre já passeamos. Vamos da uma volta pela zona, ou ao shopping”.	F1_D.M.
		“(…) vamos passear à serra ou quando o tempo está mau ficamos no sofá a ver os filmes que não na televisão”	F1_D.M.
		“(…) passear, porque é a única maneira de estarmos todos juntos (...) nas férias gosto de jogar cartas com eles e aproveitar o sol para darmos um mergulho”	F1_D.M.
		“No fim do dia estamos todos juntos à hora de jantar (...)”	F1_D.M.
		“(…) ou a fazer coisas como pintar, ver televisão ou a jogar algo”	F1_D.M.
		“Nos fins-de-semana saímos para passear ou visitar a família ou vamos fazer compras o que uma família normal faz”	F2_R.R.
		“Depois da casa estar arrumada, vamos caminhar e regressamos a casa para fazer o jantar”	F2_R.R.
		“(…) em família, passeamos ou então vamos caminhar ou ficamos em frente à televisão a ver filmes ou fazemos jogos”	F2_R.R.

		“(…) gosto quando estamos todos juntos a jogar ou a fazer desporto”	F2_R.R.
		“A noite é a única altura em que nos sentamos todos no sofá a ver televisão – seja um filme, uma série ou até mesmo um documento, ou conversar”	F3_H.P.
		“Mas ao fim de semana tentamos compensar ao máximo, fazendo coisas que eles gostam. Vamos com o mais novo a piscina e fazemos aulas de natação livre, e vamos ver o mais velho a jogar”	F3_H.P.
		“Gostamos de ir à praia, ao shopping ou fazer piqueniques. Não interessa onde vamos, o que interessa é que gostamos de estar juntos”.	F3_H.P.
		“De inverno ficamos por casa a ver filmes ou a jogar ... �s vezes levo-os ao cinema (...) De v�r�o (...) aproveitamos todos os d�as livres de sol para passear”	F4_N.G.
		“(…) por exemplo, vemos Tv ou jogamos às cartas”	F7_J.C.
		“�s vezes vamos todos passear ou ficamos em casa a ver TV”	F7_J.C.
		“� noite jantamos todos juntos, muitas vezes até jantamos na casa da minha sogra”	F8_M.P.
		“O P. M. (enteado) gosta muito de andar de skate e no final do dia eu ou o meu marido vamos com ele até ao parque (...)No fim de semana vamos todos dar uma volta até ao centro comercial, ou até a uma esplanada.”	F8_M.P.
		“� noite jantamos todos juntos “	F9_J.C.
		“Em família gostamos de passear e pouco mais conseguimos fazer. O passeio é a única atividade com que todos ficam satisfeitos”	F9_J.C.
		“No final do dia estamos todos juntos em casa a conversar sobre como correu o dia (...) “	F10_A.R.
		“O que nós fazemos ao fim de semana ou nos tempos livres é sempre � volta delas (enteada e filha) (...) fazer de maneira que os membros da família estejam todos envolvidos nessa	F10_A.R.

		atividade”	
		“Depois estamos todos juntos a ver televisão ou a conversar”	F12_J.M.
		“ (...) almoçamos todos nos meus pais e de tarde – mais no final do dia – vamos todos à missa. No domingo de manhã também vamos à missa. O resto do tempo eles fazem os trabalhos de casa, e depois vão para casa dos avós”	F12_J.M.
		“Tomamos o pequeno almoço juntos”	F13_M.F.
		“Depois de chegar do trabalho vou com o J. B. (enteado) aos treinos de futebol enquanto a M. B. (companheira) vai buscar o F.F. (filho) ao Infantário. Depois do treino vamos jantar e vemos uma televisão todos juntos”	F13_M.F.
		“Vemos filmes, costumamos ir ao cinema e ver os jogos do J. B. (enteado). Uma vez por mês vamos a terra dos meus pais”	F13_M.F.
	Realização de atividades específicas com o/a(s) enteado/a(s)	“Com o enteado mais novo vamos à piscina e fazemos aulas de natação livre. Com o enteado mais velho vou vê-lo a jogar futebol”	F3_H.P.
		“(…) atividades desportivas em conjunto, como canoagem ah estava-me a esquecer do basquete”	F4_N.G.
		“Gosto quando eu e o meu enteado vemos os jogos de futebol juntos”	F7_J.C.
		“Gosto muito de cozinhar com o P. M. (enteado), vejo que realmente ele está interessado e fala comigo sobre a escola e os amigos (...)”	F8_M.P.
		“(…) para o cativar tentamos fazer em conjunto as atividades que ele gosta (jogar à bola)”	F8_M.P.
		“O E.P. (enteado) convive pouco comigo, normalmente só vemos televisão (...)”	F9_J.C.
		“(…) mas eu sempre que posso e quando o tempo o permite vou com elas (enteadas e filha) à piscina”	F10_A.R.
		“(…) a minha filha prefere ficar por casa com a minha mulher, elas entendem-se bem”	F12_J.M.

		“Andar de bicicleta com os miúdos (R. P. E A. P.)”	F12_J.M.
		“Gosto de acompanhar o J. B. (enteado) no futebol, ainda jogamos as vezes juntos com mais um amigos”	F13_M.F.
	Realização de atividades com o/a companheiro/a	“(…) e tentamos sempre que conseguimos tirar um fim-de-semana para namorar e deixamos os filhos a cargo dos avós”	F1_D.M.
		“Enquanto casal, vamos ao cinema e fazemos desporto juntos”	F3_H.P.
		“Quando saio é com o meu companheiro (…)	F6_
		“Mas com o meu companheiro costumo sair, de vez em quando vamos dar uma voltinha de bicicleta, quando está frio ou chuva ficamos por casa.”	F6_
		“Quando ele não está, eu e a minha mulher aproveitamos para descansar, conviver com amigos, às vezes damos um passeio pelo parque”	F7_J.C.
	Boa comunicação	“(…) todos juntos a conversar (…)	F1_D.M.
		“(…) falamos dos nossos problemas e alegrias uns com os outros (…)	F2_R.R.
		“No fim do dia estamos todos juntos a conversar (…)	F1_D.M.
		“(…) falamos sobre o dia (…)	F2_R.R.
		“(…) de uma forma geral nós falamos e resolvemos as coisas”	F4_N.G.
	Relação positiva	“Eu e o meu companheiro damo-nos bem (…)	F1_D.M.
		“Existem fins-de-semana que vou passear só com o meu companheiro e vamos ao cinema”	F1_D.M.
		“Tenho uma boa relação com a minha mulher”	F3_H.P.
		“Tenho boa relação (…) com os meus dois enteados (…) vejo os meus enteados como meus filhos, trato-os como tal”	F3_H.P.
		“(…) gosto de ir à quinta dos meus pais. Os miúdos gostam deles e tratam-nos como se fossem avós, por isso estão sempre à vontade”	F3_H.P.
		“Mas eu também noto que a minha filha, quando tem algum problema na escola ou com os amigos mais próximos acaba por	F1_D.M.

<u>Categoria 2.</u> Ambiente Familiar Disfuncional		pedir conselhos ao meu enteado, apesar de em casa tentar se afastar o mais possível dele e evitar o contacto (...)”	
		“(…) darem-se todas como irmãs e isso é sem dúvida muito reconfortante para mim e para a minha mulher”	F10_A.R.
	Não aceitação da nova família	“A nossa relação é bastante complexa. A minha filha mais nova nunca aceitou a presença do meu enteado, penso que sente ciúmes ou insegurança (...)”	F1_D.M.
		“A relação é bastante complexa (...)”	F1_D.M.
		“Nem sempre é fácil”	F1_D.M.
		“(…) o meu companheiro se sente triste por ela não o tratar da forma que me trata a mim ou ao pai biológico”.	F1_D.M.
		“O meu enteado tal como a minha filha ainda não vê a nossa relação com bons olhos, acham, e acusam-nos de estragar casamentos”	F1_D.M.
		“Complicada, para não dizer difícil” “Há alguns atritos com o meu enteado mais velho (M.M.), (..)O mais velho está mais consciente do que aconteceu com os pais dele, e penso que também sinta revolta para com o pai pelo que aconteceu...”	F9_J.C. F8_
	Convivência difícil	“A convivência é muito difícil (...) muito difícil de lidar com o meu enteado e com as discussões que ele tem comigo e com a minha filha (...)”	F1_D.M.
		“ (...) cria-se um mau ambiente entre todos porque eu defendo a minha filha e o meu companheiro defende o filho dele”	F1_D.M.
		“Atualmente a convivência na nossa família não está muito bem”	F5_A.R.
		“Não gosto que ele me julgue sem me conhecer. Não gosto que ele não me tenha dado uma hipótese, não gosto quando é agressivo... Não gosto quando o pai fica triste por ele reagir assim comigo.”	F5_A.R.

		“Olhe para lhe ser sincera é má ... mas já foi muito pior. Quando veio viver connosco (enteada) nem sequer olhava para mim, nem me dizia bom dia ou boa tarde.”	F6_
		“(…) Por isso apenas coexistimos, mais nada”	F6_
		“(…) porque de manhã é uma confusão (...) eles não estudam na mesma escola, então o E.P (enteado) zanga-se se não for o primeiro a ser deixado na escola. Parece que tudo é competição (...)” “É raro o meu enteado estar mais tempo à mesa connosco, só fica à mesa no tempo suficiente para fazer a sua refeição e depois sai a correr” “É muito difícil lidar com o meu enteado, e acabamos por discutir imensas vezes. Ele anda muito revoltado (...)” “Com o R.B. não faço nada só quando estão todos juntos é que ele participa” “De manhã ele só se levanta se for o pai a chamá-lo, se for lá eu ignora-me (...)no pequeno almoço mal me dirige a palavra e só o faz quando o pai exige que ele seja bem educado (...)e quando lhe logo ele raramente atende (...)” “Um dia o meu companheiro teve uma discussão tão grande com a P. A.(enteada), que nessa noite ela (enteada) saiu de casa e só a encontrámos no dia a seguir, na casa de uma colega”	F9_J.C. F1_D.M. F5_A.R. F1_D.M. F5_A.R. F6_
	Dificuldades na relação conjugal	“Enfim... a P. A. (enteada) acaba por fazer com que eu e o meu companheiro estejamos sempre a discutir (...)” “Noto que o meu companheiro dá mais atenção à filha do que me dá a mim.”	F6_
			F6_
	Má Comunicação	“Existem dias que é muito difícil (...) até falarmos uns com os outros, porque nem sempre estamos de acordo e depois cria-se um problema”	F1_D.M.
		“Eu noto que temos dificuldades em comunicar, sendo este o principal problema (...)”	F1_D.M.

		“Mas é muito difícil falar com ele, qualquer coisa que eu diga ele ataca logo afirmando que eu não sou mãe dele e por isso não posso dar palpites”	F5_A.R.
		“É muito difícil falar com ele ou tentar que ele me compreenda (...)”	F5_A.R.
		“Eu tento falar, expor o meu ponto de vista, dizer que que acho que pode e deve ser melhorado para que a nossa relação enquanto família comece progressivamente a melhorar, mas sinto que falo para o boneco”	F5_A.R.
		“Ou discutimos ou não nos falamos, basicamente é assim o nosso relacionamento”	F5_A.R.
		“Agora está melhor porque não foge de casa, apesar de mal falar comigo”	F6_
		“Em relação à P. A. (enteada) é essencialmente a não comunicação comigo e as difamações, por vezes”	F6_
		“(…) eu tento solucioná-los a conversar, mas nem sempre consigo”	F6_
		“Não falar comigo é algo que eu detesto. Finge que eu não existo e isso magoa. Ela não me responde quando falo com ela...”	F6_
		“ O E.P. (enteado) discute muito com o meu filho (A.C) (...)” “Temos problemas com os problemas da falta de comunicação entre nós e os miúdos (...)”	F9_J.C. F9_J.C
	Tarefas domésticas não partilhadas	“Com o já lhe disse o meu companheiro não ajuda muito nas tarefas de casa (...) eu faço quase tudo (...)”;	F1_D.M.
		“O nosso principal problema é a falta de colaboração por parte do meu marido e dos meus filhos e dos meus enteados (...)”	F1_D.M.
		“Sabe isso é uma coisa que cá em casa não existe muito. Como eu trabalho por turnos não consigo ajudar a minha mulher tanto quanto gostava (...) então cá em casa é tudo feito pela minha mulher (...)”	F4_N.G.
		“O meu marido participa pouco nas tarefas domésticas, por isso sou eu quem trata das refeições, das limpezas ... “	F5_A.R.

		“Às vezes o meu marido obriga o meu enteado a dividir comigo as tarefas domésticas e nesses dias em que consigo que ele (enteado) me ajude, ele arruma o quarto, o escritório e a sala”	F5_A.R.
		“Sou eu que trato de todas as tarefas domésticas porque de momento estou desempregada, por isso passo muito tempo em casa”	F6_
		“ (...) então sou eu quem trata de fazer o almoço, o jantar, trato da roupa... eles não me ajudam em nada, fica tudo para mim”	F6_
		“O meu marido levanta-se muito cedo para ir para o trabalho, e como eu entro mais tarde, acabo por ser eu a tratar das coisas dos rapazes, como o pequeno-almoço e o almoço”	F8_M.P.
		O meu marido obriga o enteado a ajudar-me, mas ele é igual ou pior, pouco ou nada me ajuda. É raro, muito raro, o meu marido me ajudar em alguma coisa, mas um dia por entre outro lá se lembra e faz uma sobremesa ou o jantar”	F5_A.R.
		Sabe, fico cansada de estar sempre a fazer tudo sozinha e ele e o meu enteado estarem sentados no sofá a ver televisão, porque estão cansados.”	F5_A.R.
	Ausência de atividades de lazer em família	“Não temos tempos livres juntos. Nos tempos livres que temos não fazemos nada em conjunto, cada um de nós passa o seu tempo livre como bem entende.”	F5_A.R.
		“Ao fim de semana temos mais tempos juntos, mas mesmo assim, como lhe disse, a minha enteada evita estar connosco e eu faço o fim de semana basicamente sozinha com o meu companheiro.”	F6_
		“Ela nunca faz nada connosco. Quando saio é com o meu companheiro, porque a P. A. (enteada) nunca sai comigo.”	F6_
		“Com a P. A. (enteada) nunca faço nada”	F6_
		“Após a refeição eu e o meu filho vemos televisão ou fazemos outra coisa qualquer (...)”	F9_J.C.
<u>Categoria 3.</u> Dificuldades e	Stress da vida quotidiana	“Temos problemas do dia-a-dia (...)”	F1_D.M.
		“(...)problemas por causa do stress do dia-a-dia”	F3_H.P.

problemas no dia-a-dia		“Relativamente aos problemas do dia-a-dia, os mesmos são resolvidos numa espécie de reunião, onde nos juntamos todos a falar e a chegar a um acordo sobre qual a melhor maneira de resolver os problemas”	F3_H.P.
		“Os conflitos andam muito à volta do mesmo... o M. M. (enteado) fica muito zangado quando o pai discute com ele e fica dias sem lhe falar.”	F8_M.P.
		“Os problemas de qualquer família, é mais ao nível da gestão do tempo” “É o facto de não ter tempo para estar com eles como gostava, para os apoiar em tudo e para os ver crescer”	F13_M.F. F4_N.G.
	Problemas escolares	“(…) os miúdos os problemas na escola, com os colegas, professores e testes”.	F1_D.M.
		“Na escola os problemas andam muito à volta das notas”	F3_H.P.
		“Os conflitos mais frequentes são com a minha mulher e o meu enteado, acontecem quando ele se porta mal, tira más notas (...)”	F7_J.C.
	Dificuldades associadas à fase de desenvolvimento	“Eu tento compreender que esta é uma idade difícil e que tenho de lhe dar tempo para se adaptar à mudança (...)”	F1_D.M.
		“Não é fácil conviver com dois adolescentes cheios de hormonas a ferver”	F3_H.P.
		“Os que surgem são relacionados com o enteado mais velho que está na adolescência (...)”	F4_N.G.
		“(…) está numa idade difícil (...) e muita das vezes não aceita bem os nossos concelhos e não gosta de ser contrariada ou de ouvir um não”.	F2_R.R.
	Diferença de opiniões	“Há alguns conflitos, mas é pacífico, é mais sobre os nossos pontos de vista que podem não coincidir com os da minha enteada”.	F2_R.R.
		“Com a C.S., nós temos pontos de vista diferentes, porque é próprio da idade, da juventude, do crescimento e das nossas idades.”	F2_R.R.
		“Comigo os conflitos são porque temos opiniões diferentes”	F7_J.C.

		“(…) é elas serem todas teimosas e nunca ouvirem o que lhes digo” “(…) o que me agrada menos é os seus feitios (enteados)” “O que menos me agrada é o facto de ele (enteado) pensar que significa menos para mim que o F. .F. (filho)”	F10_ F4_N.G.
	Conflitos entre irmãos	“(…) o que acontece mais é a zanga entre os miúdos”	F12_J.M.

Tema 2 – Relações Familiares				
Categorias	Subcategorias	Sub-Subcategoria	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria 1. Relação Familiar Harmoniosa</u> (uma relação familiar harmoniosa é uma relação em que o amor, o afeto, o respeito, a interação e comunicação adequada ocorrem entre todos os elementos do sistema familiar)	Boa relação familiar		“Tenho uma boa relação com os meus filhos”	F1_D.M.
			“(…) com o meu filho mais novo existe uma relação afetiva (…)”	F2_R.R.
			“Tenho uma ótima relação com o meu filho, estou sempre presente na vida dele (…)”	F9_J.C.
			“Eu e o meu filho temos uma boa relação.”	F13_M.F.
			“(…) com a enteada damo-nos bem”	F2_R.R.
			“Damo-nos muito bem, eles podem contar comigo para o que for necessário”	F3_H.P.
			“(…) os meus enteados sabem que faço o melhor para eles e que gosto muito deles”	F3_H.P.
			“Relaciono-me bem com os meus enteados (… mas no geral temos uma boa relação”	F4_N.G.

			“A relação, como lhe tinha dito é igual quer se trate dos filhos ou enteado”	F4_N.G.
			““A nossa relação é boa, relaciono-me muito bem, como já disse à senhora passamos muito tempo juntos, eu vou buscá-lo quase todos os dias à escola, jantamos sempre juntos... o ambiente é bom (...) Ele gosta muito de estar connosco, fica mesmo muito feliz quando vem para a nossa casa.”	F7_J.C
			“Quanto à minha relação com eles (enteados) agrada-me saber que eles gostam de mim, saber que confiam em mim e que aceitam na sua vida”	F8_M.P.
			“Eu dou-me bem com os meus enteados, porque considero-os todos meus filhos, não faço distinção no tratamento”	F12_J.M.
			“(…) relaciono -me bem com os dois e estou sempre presente na vida deles”	F8_M.P.
			“O facto de partilhar com o J. B. (enteado) alguns hobbies fez com que nos aproximássemos mais depressa”	F13_M.F.
			“Eu considero-o como um filho (enteado)”	F13_M.F.
			“É raro ter problemas com o meu companheiro”	F1_D.M.
			“E a minha mulher também sabe que gosto muito dela”	F3_H.P.
			“Nem tenho palavras para descrever como me sinto abençoado por ter encontrado uma mulher tão boa e maravilhosa”	F12_J.M.
			“Amo muito os meus filhos (F. F. e o J. B.) e a minha companheira (M. B.)”	F13_M.F.
	Boa comunicação familiar		“O facto de pudermos conversar e estarmos todos juntos (...)”	F2_R.R.
			“Converso muito com as meninas (filha e enteada)”	F10_A.R.
	Inexistência de conflitos		“(…) sem existir conflitos”	F2_R.R.
			“(…) raramente há zangas entre nós”	F3_H.P.
	Respeito		“(…) desenvolveram (...) e respeito para comigo”	F3_H.P.
			“Damo-nos todos bem (...) à base do respeito e da confiança (...)”	F10_A.R.

	Afetividade		“Eles adaptaram-se bem à minha presença e depressa desenvolveram carinho (...) para comigo”	F3_H.P.
			“A honestidade e o amor (...) Fazemos todos parte da mesma família, remamos todos no mesmo barco e na mesma direção”	F12_J.M.
<u>Categoria 2.</u> Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa	Ocorrência de conflitos com o/a(s) enteado/a(s)	“(...) constante implicação que a minha filha tem com o meu companheiro e não me dar bem com o R.B.”		F1_D.M.
	Ocorrência de conflitos na relação conjugal	“Isto é muito difícil ... eu sei que ele não está bem, mas por vezes perco a paciência e discuto com ele (...)”		F5_A.R.
		“Se for comigo o problema discute, ofende-me, diz que eu devia sair de casa...”		F5_A.R.
	Dificuldade e/ou Inexistência de uma relação com o/a(s) enteado/a(s)	“Acho que não tenho relação com o meu enteado, logo não nos relacionamos um com o outro.”		F5_A.R.
		“(…), nós (madrasta e enteado) não temos relação alguma, então não é fácil existir algo que me agrada (...)”		F5_A.R.
		“Não há qualquer tipo de relacionamento, como já referi nas outras questões. Apenas dividimos a mesma casa, e é só.”		F6_
		“(…) eu infelizmente e com muita pena minha não me relaciono com ela (enteada).”		F6_
		“Com o E.P. (enteado) ainda não nos conseguimos dar-nos bem, ainda é um processo de adaptação que irá levar o seu tempo”		F9_J.C.
		“Com o meu enteado, não se quer dar bem comigo” “(…) muitas vezes chega a dizer que não sou mãe dele e que ele já não é nenhum bebé” “Com o R.B. não existe nenhuma relação” “(…) porque eu infelizmente e com muita pena minha não me relaciono com ela (enteada).”		F9_J.C. F1_D.M. F1_D.M. F6_

<u>Categoria 3.</u> Inexistência de contacto com filho/a(s) que não habitam com a família reconstituída	“Não tenho ligação com os meus filhos mais velho (...)”	F2_R.R.
--	---	---------

Tema 3 – Relações no exercício da parentalidade				
Categorias	Subcategorias	Sub-Subcategoria	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria 1.</u> Funções parentais não partilhadas (refere-se à questão da parentalidade, na qual cada elemento do casal assume a responsabilidade e o papel de educador de cada filho/a(s), não existindo uma partilha da parentalidade do/a	Dificuldade no apoio aos problemas existentes com o/a(s) enteado/a(s)		“Com o meu enteado, acaba por ser diferente, porque ele não fala comigo, fecha-se no quarto e só pede para não me meter “	F1_D.M.
			“(…) como ele se fecha muito nele próprio é muito difícil ajudá-lo, porque ele também não fala muito”	F1_D.M.
			“O E.P. (enteado) quando tem algum problema só procura a mãe para ajudá-lo”	F9_J.C.
	Funções parentais são responsabilidade dos progenitores (mãe e pai biológicos)		“Eu como lhe tinha dito como não me meto muito na educação do meu enteado só o meu companheiro é que ralha e castiga-o.”	F1_D.M.
			“(…) não me meto muito na educação do meu enteado, mas tento estar presente para o que ele precisar”	F1_D.M.
			“Com o R.B. é diferente não interfiro”	F1_D.M.
			“(…) mas como não tenho uma relação tão boa com o meu enteado acho que a educação deve ser algo feito pelo pai e pela mãe”	F1_D.M.

pai/mãe com o padrasto/madrasta			“Relativamente à C.S. entendo que cabe à mãe a educação (...) mas a mãe é que tem de resolver os assuntos mais pessoais (como ir à escola)”	F2_R.R.
			“Eu nada participo na educação dele, pelo menos é assim que me sinto: colocada de parte. Quem toma as decisões é o meu marido, muitas vezes influenciado pelo filho.”	F5_A.R.
			“Sabe quem dita sempre as regras acaba por ser o meu marido, eu não tenho de dar opinião”	F5_A.R.
			“Eu não interfiro na educação da P. A. (enteada) só o pai o faz. Aliás normalmente, o pai fala com a mãe dela quando as coisas não estão bem. Eu tenho um papel neutro.”	F6_
			“Com o meu filho procedo de determinada forma e com o E.P. de outra forma como deve imaginar”	F9_J.C
			“Com o A.C. (filho) a minha companheira não interfere, apenas eu é que repreendo quando se porta mal, chamo-o a atenção (...)” Com o E.P. (enteado) tento intervir apenas quando a minha companheira não está. É a minha companheira que castiga o filho”.	F9_J.C
			“Eu como lhe tinha dito como não me meto muito na educação do meu enteado só o meu companheiro é que ralha e castiga-o.”	F1_D.M.
			“Fico preocupada mas não o posso repreender quando chega a casa, senão começa logo a descarregar a fúria em cima de mim”	F5_A.R.
<u>Categoria 2.</u> Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta)	Apoio na educação do/a(s) enteado/a(s)		“(…) e saber que os meus filhos e a enteada podem sempre contar comigo e eu com eles”.	F2_R.R.
			“mas tento sempre falar com a minha mulher antes de falar com eles. Acho que a opinião dela é muito importante, até porque ela é mãe”.	F3_H.P.
			“(…) e de acordo com a asneira que foi feita... ou se castiga ou se ralha”	F4_N.G.
			“Nós educamos os nossos filhos da mesma maneira. Não é por o mais velho não ser meu biológico que eu me recuso a orientá-lo, educar e até castigar, caso seja preciso”	F4_N.G.

			“Eu não acho correto um pai ou mãe não dar educação em conjunto, os dois tem de estar de acordo e não se contrariar”	F4_N.G.
			“No dia-a-dia eu participo quando é necessário... por exemplo, às vezes ele esquece-se de arrumar alguma coisa e eu aviso-o das tarefas que tem de fazer, mas só o faço se a mãe não estiver em casa”	F7_J.C.
			“Enquanto casal, como lhe disse, (...) quando vamos para a cama eu conto-lhe aquilo que me vou apercebendo (...) para chegarmos a um acordo sobre como resolver as dificuldades dos mais pequenos (enteados)”	F8_M.P.
			“Há sempre dialogo acerca da escola (...)”	FR10_A.R.
			“A M. B. (companheira) é que tem mais tempo para ir às reuniões da escola. Mas considero que o estou sempre próximo deles (J. B. e F. F.) para qualquer situação”	F13_M.F.
	Apoio nas dificuldades /problemas sentidas pelo/a(s) enteado/a(s)		“(...) eu ajudo sempre no que é preciso (...)”	F2_R.R.
			“Como casal falamos e tentamos ajudá-lo”	F7_J.C.
			“Eu tento sempre perceber como correu o dia, com o P. M. (enteado) é mais fácil porque ele sente-se à vontade para falar comigo (...)o P. M. (enteado) vem-me contar porque fica preocupado e não quer chatear o pai”	F8_M.P.
			“A C.S. procura sempre o pai, quando o pai não está fala comigo”	F2_R.R.
			“Fazemos como todos os casais fazem ou acho que fazem, falamos com eles e tentamos ajudar a resolver os problemas”	F4_N.G.
			“Depende do enteado, lá está. O P. M. (enteado) vem falar comigo, diz-me o que se passou (...)”	F8_M.p.
			“Quando existem problemas com as minhas enteadas e a minha filha tentamos falar para perceber qual a situação e qual o comportamento que elas (enteadas e filha) adotaram”	F10_A.R.
			“(...) tentamos estar presentes nos momentos importantes delas”	F10_A.R.
			“Eu ajudo-a a resolver”	F2_R.R.
			“De forma geral eles acabam sempre por falar dos seus problemas e quando não falam diretamente eu ou a mãe tentamos sempre perceber o que se passa e vamos tirando deles até eles falarem connosco”	F3_H.P.
			“Quando ocorrem problemas na escola, eu e a minha mulher tentamos falar sempre com eles”	F3_H.P. F4_N.G.

			“(…) quando surgem problemas nós falamos com eles para os ajudar, se eles não quiserem falar, ou comigo ou com a minha mulher, é porque não precisam de ajuda ou porque não confiam o suficiente em nós”	
			“Eu e a minha mulher tomamos as decisões em conjunto acerca da educação dos miúdos”	F12_J.M.
			<p>“Falamos um com o outro antes de falarmos com eles”</p> <p>“O mais velho abre-se mais connosco, principalmente comigo, talvez por sermos homens (...)”</p> <p>“(…) que me pedem ajuda quando precisam (...)”</p> <p>“Os meus enteados às vezes falam comigo e outras vezes não”</p> <p>“A minha filha fala com a F. B., e pede conselhos... os rapazes vêm ter comigo mas nunca dizem que estão com problemas”</p> <p>“Ele (enteado) pode não me ver como um pai mas tem respeito e confiança em mim e por isso quando é algo mais bicudo, sabe mais complicado, ele fala comigo sem receio”</p> <p>“Se os meus filhos têm problemas com os amigos ou com os colegas vem ter comigo e pedem-me ajuda e eu tento acalmá-la e dar-lhe bons conselhos (...)”</p> <p>“O A.C. (filho) (...) é preciso esperar umas horas até vir ter comigo e falar”</p>	<p>F12_J.M.</p> <p>F3_H.P.</p> <p>F3_H.P.</p> <p>F4_N.G.</p> <p>F12_J.M</p> <p>F13_M.F.</p> <p>F1_D.M.</p> <p>F9_J.C.</p>
	Proteção e segurança		“(…) eu também não gosto que eles estejam muito tempo fora de casa, prefiro que os colegas deles estejam ca em casa, sabe é mais seguro”	F2_R.R.

Tema 4 – Sentimentos sobre as vivências da família

Categorias	Subcategorias	Sub-Subcategoria	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria</u> 1. Vivências Negativas	Sentimento de tristeza		“(…) sinto-me mal”	F1_D.M.
			“Sinto-me infeliz (...)”	F1_D.M.
			“Neste momento posso dizer que me sinto triste (...)”	F1_D.M.
			“Sinto-me um pouco infeliz por causa do R.B. e a minha filha não se darem bem e não aceitarem a nova família”	F1_D.M.
			“Não me dar bem com os meus folho mais velhos”	F2_R.R.
			“É muito difícil, sinto-me triste”	F5_A.R.
			“Não me sinto bem, não gosto, de ser madrastra”	F5_A.R.
			“Não tenho uma opinião formada, porque eu amo o meu marido, e gosto do meu enteado, mas não me sinto totalmente feliz.	F5_A.R.
			“É triste viver assim (...)”	F6_
			“Por um lado sinto-me mal porque não consigo ter uma relação boa com o meu enteado mais velho e isso deixa-me triste (...)”	F8_M.P.
			“(…) sinto-me mal por ainda não conseguir ter uma boa relação e lidar com o E.P. (enteado)”	F9_J.C.
			“Sei lá sinto-me triste, não me sinto realizado, porque gostava que ele me respeitasse mais e gostasse mais de mim, coisa que não acontece”	F9_J.C.
	Sentimento de incompreensão		“(…) incompreendida”	F1_D.M.
	Sentimento de inexistência		“Sinto-me invisível, inexistente”	F6_
			“(…)sinto-me só uma mulher que tem um companheiro, mas mais nada (...)”	F6_
	Sentimento de Odio por parte		“E o que me incomoda é que sinto que ele me odeia, e não quero que ele sinta isso por mim, porque é o filho do homem que amo”	F5_A.R.

	do/a(s) enteado/a(s)			
Categoria 2. Vivências Positivas	Sentimento de cumplicidade		“Na minha relação com os meus filhos o que me agrada mais é a nossa cumplicidade”	F1_D.M.
			“A cumplicidade que temos uns com os outros”	F4_N.G.
	Sentimento de realização		“Sinto-me realizado ... tento ser bom pai e amigo para a C.S.”	F2_R.R.
			“Sinto-me (...) realizado porque a minha enteada é uma miúda extraordinária e tive mais um filho”	F2_R.R.
			“(…) sinto-me um homem realizado enquanto figura parental e marido”	F3_H.P.
			“Sinto-me, como já lhe disse, realizado. Tanto como marido como padrasto”	F3_H.P.
			“Sinto-me bem, sinto-me preenchido e completo. Acho que sem eles a minha vida não tinha tanto sentido”	F4_N.G.
			“Amo a minha família, eles são a minha maior realização”	F4_N.G.
			“Sinto-me (...) realizado (...)”	F4_N.G.
			“Sinto-me um homem realizado”	F10_A.R.
			“Eu sinto-me bem e realizado enquanto padrasto, os meus enteados gostam de mim e tratam-me como um pai”	F12_J.M.
			“Sinto-me realizado. Adoro a minha família”	F13_M.F.
	Sentimento de felicidade (felicidade familiar)		“Sinto-me muito feliz”	F2_R.R.
			“Sinto-me muito bem (...)”	F3_H.P.
			“Sinto que estou a fazer um ótimo trabalho enquanto padrasto e isso deixa-me feliz”	F3_H.P.
			“Sinto-me um homem feliz”	F3_H.P.
			“Sinto-me (...) e contente de viver nesta família”	F4_N.G.
			“Não me sinto um padrasto, mas sim um pai o que me faz sentir feliz”	F7_J.C.
			“eu também me sinto feliz”	F7_J.C.
			“Pois ... sinto-me feliz Quando estamos os três juntos, sinto-me bem (...)”	F7_J.C.
			“Não me sinto um padrasto, mas sim um pai o que me faz sentir feliz”	F7_J.C.

			“Mas eu relação ao que sinto em viver nesta família... hummm... sinto -me bem (...)”	F8_M.P.
			“como padrasto sinto-me feliz (...) é a minha família”	F10_A.R.
			“Eu sinto-me bem, sinto-me feliz (...) “	F10_A.R.
			“ Não me podia sentir melhor (...) é bom ser padrasto, os sentimentos são semelhantes aos de ser pai”	F12_J.M.
			“Acho que somos felizes”	F13_M.F.
	Sentimento de pertença		“(…) sinto-me integrado (....)”	F2_R.R.
			“Gosto realmente deles, sinto que fazem parte da minha família e sei que isso é recíproco”	F3_H.P.
			“(…) que me tratam como se fosse da família deles e na realidade agora sou [risos]”	F3_H.P.
			“(…) entretanto sai do quarto, a chorar ... agarra-se a mim num abraço tão apertado e diz “desculpa pai” ... Bem, aquilo para mim foi o melhor momento da minha vida de casado ... nem sei como explicar o que senti ... enfim: é meu filho!”	F4_N.G.
			“Sinto-me integrado, gosto da minha família”	F4_N.G.
			“Sinto-me bem, integrado (...)”	F4_N.G.
			“Estou muito contente por fazer parte desta família (...)”	F7_J.C.
			“Eu sinto-me bem e gosto de viver e pertencer a esta família”	F7_J.C.
			“ (…) sinto -me integrada e bem recebida e amada por todos (marido e enteados)”	F8_M.P.
			“Sinto-me completamente integrado” “É uma situação nova ... sinto-me integrado e tudo faço para construir harmonia, felicidade e bem-estar para o nosso lar”	F12_J.M. F2_R.R.
	Sentimento de confiança		“O facto de saber que eles confiam em mim”	F3_H.P.
			“(…) é a amizade, que podem contar sempre comigo e isso é sem dúvida muito reconfortante para mim ...”	F10_A.R.

Categorias residuais

<u>Categoria 1.</u> Adaptação à nova família	“(…) É tudo ainda muito um aprender, ainda neste momento estou a aprender a lidar com, com esta nova situação”.	F1_D.M.
	“De formas muito diferentes. Ao M. M. (enteado) dou-lhe espaço, tento não interferir na relação com o pai, porque sei que ainda é tudo muito recente. Ele precisa de tempo para se ajustar, e precisa de resolver as coisas com ele”	F8_M.P.
	“Com o M. M. (enteado), acho que não aprecio o facto de ele ainda não me ter dado uma oportunidade.”	F8_M.P.

Anexo VI – Grelha de análise categorial Grupo 2 – Enteados/Enteadas

Tema 1 - Convivência familiar			
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevista do/a
Categoria 1. <u>Convivência</u> <u>/ Ambiente</u> <u>familiar</u> <u>Disfuncional</u>	Não aceitação do novo relacionamento	“Custa-me aceitar o relacionamento do meu pai com a mulher com quem está (...)”	F1_R. B.
		“Nunca aceitei bem o relacionamento do meu pai com a mulher com quem está”	F1_R. B.
		“(…) Gostava mais quando eles viviam juntos”	F5_R.V.
		“Não gosto nem aceito”	F6_P.A.
	Convivência difícil	“A convivência é péssima”	F1_R. B.
		“É complicada”	F1_R. B.
		“A convivência é má, pois não gosto de viver com uma mulher que mal conheço e com a qual não me relaciono”	F5_R.V.
		“A convivência é má (...) Não falo com a L. G. (madrasta), a mulher que está com o meu pai.”	F6_P.A.
		“A convivência é má (...) e há mau ambiente cá em casa.”	F9_E.P.
		“É má... Não me dou muito bem com a C. M. (madrasta)”	F11_C.A.
		“(…) mas é difícil conviver com ela”	F11_C.A.
		“(…) assim a nossa convivência torna-se péssima passamos os dias a discutir uma com a outra (...)”	F11_C.A.
		“(…) nem sempre estamos todos juntos ao jantar”	F4_P.R.
		“Depois de jantar vou para o quarto jogar.”	F5_R.V.
		“Não faço nada com ela (madrasta), só obrigado.”	F1_R. B.
		“Com a minha madrasta evito passar tempo com a minha madrasta, porque não gosto dela.”	F5_R. V.
		“Com a mulher dele não faço nada de especial, não gosto de fazer nada com ela, nem quero (...)”	F5_R. V.
		“Com a minha madrasta não faço nada.”	F6_P.A.
		“Eu não gosto de fazer nada com a L. G. (madrasta) (...)”	F6_P.A.
		“A L. G. (madrasta) fica em casa ou sai com as amigas, mas não vem connosco.”	F6_P.A.

		<p>“Eu não gosto de partilhar nada com a L. G. (madrasta), ela não é da família, por isso não tem de sair comigo e com o meu pai”</p> <p>“Com a C.M. (madrasta) evito estar com ela só se for obrigada a ir a qualquer lado.”</p> <p>"Não faço nenhuma atividade com a C. M. (madrasta)."</p> <p>"Nós não nos damos, não gosto nada nela (madrasta)."</p>	<p>F6_P.A</p> <p>F9_E.P.</p> <p>F11_C.A.</p> <p>F11_C.A.</p> <p>F11_C.A.</p>
	Relação conflituosa com o/a companheiro/a da/o mãe/pai	<p>“(…)não consigo dar-me com ela (madrasta) (…)"</p> <p>“Cá em casa, os problemas que tenho é não conseguir dar-me com a minha madrasta (…)"</p> <p>“Não me dou, só falo com ela quando tenho mesmo de falar."</p> <p>“Surgem muitos conflitos com a minha madrasta (por não arrumar o quarto, por não falar com ela, por sair sem a avisar), porque eu não gosto dela”</p> <p>“O meu único problema é não me dar com ela (madrasta), temos muitas discussões (…)"</p>	<p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F5_R.V.</p> <p>F6_P.A.</p>
	Relação conflituosa com o/a pai/ mãe	<p>“(…)e o meu pai às vezes fica do lado delas e contra mim e torna-se difícil de viver assim”</p> <p>“O meu pai discute comigo por causa dela e acabo por ficar mais irritado com ela”</p> <p>“Á convivência com o meu pai tem dias que me dou muito bem com ele mas tem outros que nem o suporto.”</p>	<p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F5_R.V.</p>
	Problemas e dificuldades	<p>“Agora não gosto de ter de mudar de casa, não gosto de viver em dois sítios diferentes, principalmente com uma mulher que mal conheço.”</p> <p>“(…)porque quando eu saio de casa, ela (madrasta) e o meu pai ficam sempre chateados.” “(…)andamos sempre a discutir “</p> <p>“Os meus problemas são na escola, porque não gosto da escola e dos professores”</p> <p>“(…) às vezes tenho problemas com o filho da minha madrasta, porque quando ele vem cá casa, quer que eu deixe de jogar computador para estar com ele”</p> <p>"Lá em casa os problemas que há é quando eu me chateio com o A. C. (co-irmão) a minha mãe ralha comigo e às vezes coloca-me de castigo”</p> <p>"Os problemas que existem cá em casa, são todos por causa da minha madrasta.”</p>	<p>F5_R.V.</p> <p>F5_R.V.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F9_E.P.</p> <p>F1_C.A.</p>
		<p>“A D. M (madrasta) faz as tarefas quase sempre sozinha, o meu pai não costuma ajudá-la só lhe diz o que quer para o jantar”</p>	<p>F1_R. B.</p> <p>F5_R. V.</p>

	Tarefas domésticas não partilhadas	<p>“ A mulher do meu pai faz todas as coisas lá em casa, limpa, cozinha e arruma”</p> <p>“ A L. G. (madrasta) faz tudo sozinha em casa, também tem tempo não trabalha O meu pai não faz nada (...) “</p> <p>“A minha mãe coitada trabalha muito e ainda tem de a arrumar a casa”</p> <p>“A minha mãe faz a maior parte das tarefas (...) A minha mãe cozinha, limpa, passa a ferro.”</p> <p>“(…) só tem tempo para preparar o jantar. O meu pai está sempre a trabalhar (...)”</p> <p>"Grande parte das tarefas domésticas é a C. M. (madrasta). Eu sou responsável pelo meu quarto e por arrumar aquilo que desarrumo (...)”</p> <p>“É a minha mãe que cozinha e arruma as coisas cá de casa (...)”</p>	<p>F6_P.A.</p> <p>F9_E.P.</p> <p>F9_E.P.</p> <p>F11_C.A.</p> <p>F11_C.A.</p> <p>F12_R.P.</p>
Categoria 2. <u>Relação entre irmão/ã(s)/meio(s)-irmão/ã(s)/co-irmão/ã(s)</u>	Relação conflituosa	“(…)não consigo dar-me (...) nem com a filha dela (F.H.)”	F1_R. B.
		“(…)os problemas que tenho é não conseguir dar-me com (...) a filha dela.	F1_R. B.
		“E com a filha dela está-me sempre a chamar e nunca me deixa fazer nada que vai logo dizer à mãe e está-se sempre a meter se na minha vida, vê o meu telemóvel e ouve as conversas atrás da porta”	F1_R. B.
		“(…) com a minha meia irmã não me dou”	F1_R. B.
	Relação Neutra	"Ainda não tenho uma grande amizade com a minha irmã (...)”	F11_C.A.
	Relação De Conveniência	“Com os outros dois (co- irmãos) não estou muito com eles porque são mais velhos do que eu e não me ligam muito, só falam o essencial (...) Quando eles vem a nossa casa é para jantar ou almoçar e vão embora novamente.	F2_C.S.

	Boa relação	“(…) mas dou-me bem com o filho (M.H.) dela (madrasta).”	F1_R. B.
		“Com o meu meio-irmão dou-me bem (…) O que mais me agrada no M.H. (meio irmão) é ter com quem falar e ter alguém com quem partilhar brincadeiras”	F1_R. B.
		“A minha relação com o meu meio-irmão é boa ele ainda é pequeno (…)”	F2_C.S.
		“(…)ou então passo tempo com o meu pai ou com o filho da madrasta (M.H) e jogamos no computador ou saímos ao fim-de-semana”	F1_R. B.
		“Com o M.H (filho da madrasta) jogamos computador ou andamos de bicicleta “	F1_R. B.
		“(…) tou com o M.H quando ele vem a casa (filho da madrasta) jogamos no computador e aos fins-de-semana saio com ele (M.H. filho da madrasta).”	F1_R. B.
<u>Categoria 3.</u> Ambiente Familiar Funcional (O ambiente familiar funcional caracteriza-se por todos os fatores que contribuem para um funcionamento normal entre todos os elementos da família)	Aceitação da nova família	“Eu gosto de pertencer a esta família (...)”	F2_C.S.
	Convivência fácil	“A convivência é boa “	F3_D.P.
		“É boa. Eu gosto de viver com a minha mãe, o meu irmão e o H. P. (padrasto)”	F3_D.P.
		“Acho que é a convivência é boa, porque nos damos todos bem. Gosto de viver com a minha mãe e com o meu padrasto.”	F3_D.P.
		“É boa pois todos nos damos bem (...) Gostamos de estar juntos”	F7_J.A.
		“Damo—nos todos bem ”.	F7_J.A.
		“A nossa convivência é boa, dou-me bem com todos.”	F8_P. M.
		“(…) eu acho que a nossa convivência é boa, é como em todas as famílias (...)”	F8_P. M.
		"A convivência é boa, damo-nos todos bens. Somos amigos uns dos outros (...) posso dizer que a convivência é boa."	F12_R.P.
		Convivemos todos (padrasto, mãe e irmãos), passamos muito tempo juntos (...) é bom conviver com a família.	F12_R.P.
	Partilha das tarefas domésticas	“A minha mãe arruma a casa e o meu padrasto ajuda quando pode, por exemplo, leva o lixo à rua, lava o pátio e arranja coisas que estão avariadas”	F2_C.S.
		“Eu ajudo a minha mãe a arrumar, principalmente o meu quarto”	F2_C.S.
		“(…) o H. P. (padrasto) prepara o jantar	F3_D.P.
		“Eu tenho de arrumar o meu quarto uma vez por semana”	F3_D.P.
		“O resto (arrumar a casa, passar a ferro, lavar a loiça) faz a minha mãe e o H. P. (padrasto).”	F3_D.P.

		“A minha mãe quer que eu faça a cama todos os dias e no fim de semana tenho de arrumar e limpar o meu quarto (...) Ela arruma a casa, o meu padrasto ajuda na cozinha, mas ela é quem cozinha”	F7_J.A.
		“A M. P. (madrasta) cozinha para nós (...) Eu ajudo a cozinhar e quando posso arrumo o meu quarto e o meu irmão não ajuda muito, nem o meu pai”	F8_P.M.
		“(…) depois vamos para a cozinha e preparamos o nosso pequeno-almoço enquanto vemos televisão”	F10_B.M.
		“(…) depois a minha mãe prepara o jantar e no final o A. R. (padrasto) lava a loiça...”	F10_B.M.
		“(…) o pó... o A. R. (padrasto) trata da cozinha e a minha mãe da roupa. O meu quarto sou eu que arrumo (...)”	F10_B.M.
	Realização de atividades de lazer	“(…) jantamos todos juntos ou estamos sozinhos à noite e jogamos ou passeamos e aos fins-de-semana estamos todos juntos.”	F2_C.S.
		“Ao fim de semana a minha mãe e o meu padrasto tem mais tempo livre e aí vamos passear um bocado”	F2_C.S.
		“Ao fim da tarde, comemos pizza (ao domingo) e jogamos o quem é quem (...)”	F2_C.S.
		“Depois do jantar vemos televisão, todos juntos.”	F3_D.P.
		“Durante a semana não se faz grande coisa apenas estamos juntos a ver televisão ou jogamos. No fim-de-semana vamos passear ou então vamos jantar fora.”	F3_D.P.
		“(…) depois jogamos ou vemos televisão”	F4_P.R.
		“Gostamos de passear, fazer compras, ir até ao parque ou até à praia no verão.”	F4_P.R.
		“Mas gosto de ver filmes, jogar, passear, ir ao cinema e fazer surf no verão.”	F4_P.R.
		“À noite jantamos todos juntos.”	F7_J.A.
		“(…) só no fim-de-semana é que podemos fazer coisas diferentes como andar de bicicleta, irmos ao cinema, irmos comer pizza, coisas assim”	F7_J.A.
		“À noite todos vemos televisão ou jogamos”	F8_P.M.
		“Gosto quando todos vemos filmes em casa ou saímos”	F8_P.M.
		“Vou com a minha família ao shopping fazer compras”	F10_B.M.
		“Depois jantamos todos juntos e depois vamos jogar eu e o meu irmão ou vemos todos juntos televisão.”	F12_R.P.
		“ Às vezes vamos todos jantar aos meus avós ou vamos passear todos juntos.”	F12_R.P.
		“Eu gosto muito de ir para o grande jardim dos pais do J. M. (padrasto) (...)”	F12_R.P.

		<p>“Gosto de ver filmes, jogar computador e passear (...)”</p> <p>“De manhã tomamos o pequeno almoço”</p> <p>“Só estamos juntos à hora de jantar”</p> <p>" Ao fim de semana, às vezes vou sair com o meu pai e com a minha madrasta e com a F.H. (filha da madrasta) (por obrigação) e com o M.H. (filho da madrasta)”</p> <p>"O que fazemos nos tempos livre é passear ou ficar em casa”</p>	<p>F13_J.B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F9_E.P.</p>
	Realização de atividades com o/a pai/mãe	<p>“(…) ou então passo tempo com o meu pai</p> <p>“O meu pai vai levar-me e buscar-me à escola e quando lhe peço ajuda nos t.p.c.s. “</p> <p>“Eu gosto de passar os meus tempos livres a jogar com o meu pai. O meu pai joga futebol aos fins-de-semana e eu gosto de ir com ele assistir aos jogos.</p> <p>“ Saio com o meu pai ou com a minha mãe, eles levam-me aonde eu quero. Mas sempre que podem vamos á praia, ao cinema, ao bowling...”</p>	<p>F1_R. B.</p> <p>F1_R. B.</p> <p>F5_R.V.</p> <p>F5_R.V.</p>
	Realização de atividades específicas com o/a padrasto/madrasta	“Passo muito tempo com o meu padrasto, porque ele faz questão de me levar e buscar à escola”	F2_C.S.
		“Com o H. P. (padrasto) gosto quando vamos jantar fora”	F3_D.P.
		“Com o H. P. (padrasto) gosto de ir para a casa da mãe dele, mas gosto mais de ir passar os cães”	F3_D.P.
		“Surf. Ele é burro não consegue fazer nada daquilo direito e eu ri-me.”	F4_P.R.
		“Jogar no computador.”	F4_P.R.
		“O meu padrasto é simpático, fazemos muitas coisas juntos (jogamos à bola, andamos de bicicleta e vamos ao teatro), é ele que me vai buscar à minha escola”	F7_J. A.
		““De fazer exercício físico com ele (padrasto)”	F7_J. A.
		“Limpar o carro (...) Às vezes, sem a mãe saber, paramos numa pastelaria para lanchar.”	F7_J. A.
		“Com a M. P. (madrasta) jogar a qualquer coisa”	F8_P.M.
		"Com o A. R. (padrasto) é de passear, conhecer novos sítios."	F10_B.M.
		“Gosto muito quando o J. M. (padrasto) vem passear os cães comigo”	F12_R.P.
		"Sim, gosto quando eu e o meu padrasto vamos juntos ver os jogos do Sporting (...)”	F13_J.B.
Categoria 4. Problemas no dia-a-dia	Problemas relacionados com a comunicação	“Os conflitos mais frequentes em casa surgem quando me porto mal ou quando respondo mal à minha mãe”	F7_J.A.
		“Os conflitos lá em casa são quase sempre com o M. M. (irmão). Ele (irmão) fala pouco com a M. P.(madrasta) (...)”	F8_P.M.
		“Os conflitos só acontecem quando me porto mal ou quando tira notas baixas (...)”	F12_R.P.

	Problemas relacionados com a escola	"Os problemas que há é quando tiro más notas ou quando falto às aulas (...)"	F13_J.B.
--	--	--	----------

TEMA 2 – RELAÇÕES FAMILIARES

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria 1.</u> Relação Familiar Harmoniosa (uma relação familiar harmoniosa é uma relação em que o amor, o afeto, o respeito, a interação e comunicação adequada ocorrem entre todos os elementos do sistema familiar)	Boa relação familiar	“(...) todos nos damos bem”	F2_C.S.
		“Já lhe disse que nos damos todos bem e que é melhor estar nesta família, porque gosto deles todos”	F3_D.P.
		“Acho que é boa, porque nos damos bem”	F4_P.R.
		“O meu padrasto gosta de mim e trata-me como filha”	F2_C.S.
		“Bem... Temos uma boa relação (sorriu)...eu gosto muito dele e ele trata-me bem e preocupa-se comigo como se fosse meu pai”	F2_C.S.
		“Ser meu amigo.”	F2_C.S.
		“Relaciono-me bem. Gosto muito dele... ele não nos trata mal, gosta de nós.”	F3_D.P.
		“Bem (...) Acho que até tenho sorte porque ele cuida da mãe quando eu não estou “	F7_J.A.
		“Dou-me bem com ele, mas também há zangas o que é normal mas na maior parte das vezes, somos amigos e da-mo-nos bem.”	F7_J.A.
		“Dou-me muito bem com ela (madrasta)...”	F8_P.M.
		“Relaciono-me bem.... Dou -me Melhor com ele do que com o meu pai (...)”	F10_B.M.
		"Dou-me bem com o meu padrasto, gosto muito dele (...)"	F12_R.P.
		"Temos um bom relacionamento. Como se fosse pai e filho (...)"	F13_J.B.
		“ Dou me bem com o meio-irmão”	F7_J.A.
		"Somos todas muito próximas, as três... (...) damo-nos todas muito bem e temos uma boa relação. Eu posso contar com elas para o que precisar”	F10_B.M.
		"Dou-me bem com o F. F. (meio-irmão)”	F13_J.B.

		"Gosto dele porque ainda é pequeno e não me chateia." "Pelo menos sempre lhe tive o mesmo respeito que ao meu pai."	F13_J.B. F13_J.B.
	Aspetos menos positivos	"Com o meu irmão às vezes chateio-me porque ele não me deixa utilizar as coisas dele, ou não me deixa utilizar o novo computador"	F3_D.P.
	Boa comunicação familiar	"Nós falamos muito uns com os outros e é assim que fazemos sempre que temos dificuldades."	F2_C.S.
		"A maior parte das vezes, conversam e resolvem as coisas"	F2_C.S.
		"A falar, eu e a minha madrastra falamos muito com o meu irmão para o ajudar"	F8_P.M.
	Inexistência de conflitos	"Aqui nunca há discussões entre o H. P. (padrasto) e a minha mãe"	F3_D.P.
		"Conflitos entre a minha mãe e o H. P. (padrasto) não há, nunca discutem"	F3_D.P.
		"Não há conflitos (...) "	F10_B.M.
		"Hoje em dia acho que não há conflitos lá em casa. Pelo menos que eu saiba (...) "	F10_B.M.
	Boa relação com o/a irmão/ã	"Eu e o meu irmão damo-nos bem. Somos os melhores amigos, eu posso contar tudo e ele (irmão) e defende-me sempre."	F8_P.M.
		"Eu gosto muito do meu irmão (A. P.) e da S.M. (co-irmã), porque estamos sempre juntos e damo-nos todos bem."	F12_R.P.
	Afetividade	"(...) sinto-me bem ,porque eu não me sinto bem enteado sinto-me mais filho dela (madrastra) , porque ela dá-me carinho, preocupa-se comigo e brinca comigo (...) "	F8_P.M.
	Aspetos menos positivos da relação entre Padrasto/Madrastra – Enteados/a(s)	"[o que gosto menos] Quando me impõe regras como por exemplo não me deixar sair à noite."	F2_C.S.
		"[o que gosto menos] A maneira de pensar dele em relação a determinadas situações que eu não concordo."	F3_D.P.
<u>Categoria 2.</u> Relação Familiar Disfuncional e/ou Conflituosa	Dificuldade/ Conflitos na relação com o/a pai/mãe	"O meu pai às vezes discute e põe-me de castigo por causa das notas ou quando eu digo alguma coisa à mulher dele"	F5_R.V.
		"Discute comigo quando eu digo alguma coisa à mulher dele e ela não gosta e fica aborrecida"	F5_R.V.
		"É sempre assim ... outras vezes também lhe dá para gritar parece que está tola, ela às vezes passa-se um bocado e do nada começa aos gritos.... Deve-lhe dar uma coisinha má na cabeça."	F1_R. B.

	Ocorrência de conflitos com o/a padrasto/madrasta	“É de termos opiniões diferentes e de não conseguirmos estar juntos.”	F1_R. B.
	Inexistência de uma relação com o/a padrasto/madrasta	“Não me dou (...)	F1_R. B.
		“Não me relaciono, vivo no mesmo teto que ela, mas acho que é só isso.”	F5_R.V.
		“Para mim ela (madrasta) não existe e é assim que vai continuar a ser até eu sair de vez de casa(...)”	F6_P.A.
		"Não nos damos, é ele no canto dele e eu no meu" "Já lhe disse que não gosto dela (madrasta), aliás nós não temos relação" “Já lhe disse que não gosto dela (madrasta), aliás nós nunca tivemos nem temos uma relação” “Nada me agrada! Nós não temos relação. Nem vamos ter”	F9_E.P. F6_P.A. F6_P.A. F6_P.A.
	Relação conflituosa com o/a co-irmão/ã	"Não me dou com o co-irmão é muito chato, anda sempre atrás de mim"	F9_E.P.
<u>Categoria 3.</u> Relação entre os elementos da família que não habitam com a família reconstituída		“(…) mas também gosto do meu pai e gostava de viver com ele”	F3_D.P.
		“(…)a minha mãe não nos liga muito nem nos telefona, só telefona ao pai a perguntar se estamos bem”	F8_P.M.

TEMA 3 – RELAÇÕES NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria 1. Funções parentais não partilhadas</u> (refere-se à questão da parentalidade, na qual cada elemento do casal assume a responsabilidade e o papel de educador de cada filho/a(s), não existindo uma partilha da parentalidade do/a pai/mãe com o padrasto/madrasta)	Apoio nas atividades escolares	“O meu pai ajuda-me com os t.p.c.s.”	F1_R. B.
	Estabelecimento de regras e limites por parte do/a pai/mãe	“Quando me porto mal, o meu pai coloca-me de castigo e por vezes tira-me o telemóvel, o computador ou não me deixa sair com os meus amigos”	F1_R. B.
		“Com a minha mãe só tenho problemas quando ela não me faz as vontades (risos), quando ela não me deixa ir nadar porque não fiz os trabalhos de casa ou me portei mal”	F3_D.P.
		“A minha mãe coloca-me de castigo de se tirar alguma negativa”	F9_E.P.
	Procura de apoio e Apoio por parte do/ pai/mãe nas dificuldades/problemas sentidas pelo/a(s) filho/a(s)	“Quando tenho algum problema, o meu pai vem falar comigo, dá-me conselhos e ajuda-me”	F1_R. B.
		“(…) e se tiver algum problema falo com ele e ele dá-me conselhos e ajuda-me quando tenho algum problema”	F1_R. B.
		“Quando estou em baixo, vou ter com a minha mãe e ela abraça-me”	F3_D.P.
		“Mas quando temos problemas os meus pais tentam conversar para nos ajudar. Falo mais com a minha mãe para ela me ajudar.”	F3_D.P.
		“Agora se for um problema difícil vou ter com o meu pai ou com a minha mãe e falo com eles para me ajudarem.”	F5_R.V.
		“Quando tenho algum problema vou ter com a minha mãe ou às vezes ela percebe-se e vem falar comigo para que eu lhe contar o que se passa”	F9_E.P.
		“O meu pai e a minha mãe falam comigo e tentam ajudar-me, mas se tiver algum problema (...)”	F11_C.A.
		“A minha mãe está mais presente porque é ela que vai as reuniões na escola”	F13_J.B.

		“Quando tenho alguma dificuldade, vou ter com o meu pai para ele me ajudar a decidir o que fazer”	F3_D.P.
		"Quando tenho algum problema vou ter com o meu pai para lhe contar e pedir opinião."	F8_P.M.
		" Procuro mais a minha mãe para me ajudar."	F13_J.B.
	O padrasto ou a madrasta não tem qualquer responsabilidade parental	“A D.M. (madrasta) não se mete na minha vida."	F1_R. B.
		"Quando estou mais em baixo falo com o meu pai ou com a minha mãe"	F11_C.A.
		“A l.g. (madrasta) não interfere na minha educação.”	F6_P.A.
		“A minha madrasta quando eu me porto mal vai fazer queixinhas ao meu pai para ver se ele me coloca de castigo (...)”	F5_R.V.
	O padrasto ou a madrasta não são procurados para apoiar o/a(s) entados/a(s)	“Com a minha madrasta, eu não a procuro, pois não quero contar com ela para nada”	F1_R. B.
		“É fácil, ela nem se chateia com nada”	F1_R. B.
<u>Categoria 2. Funções parentais partilhadas (por pai/mãe e padrasto/madrasta)</u>	Padrasto/Madrasta como cuidadores	“Ele cuida da minha mãe e cuida de nós.”	F3_D.P.
		" Estar sempre muito preocupado comigo e diz-me aquilo que deve e não deve fazer... não me critica, mas explica aquilo que devo fazer... e eu entendo."	F12_R.P.
	Apoio nas dificuldades sentidas pelo/a(s) enteado/a(s) e ajuda na resolução dos problemas	“ Procuro sempre a minha mãe para me ajudar e quando ela não está vou ter com o meu padrasto e desabafo com ele.”	F2_C.S
		“ Quando tenho problemas a minha mãe e o H.P. (padrasto) conversam connosco dizem o que está certo e o que está errado e o que devemos fazer”	F3_D.P.
		“Quando eu tenho algum problema a minha mãe ou o meu padrasto conversam comigo para me tentar ajudar	F7_J.A.
		"Procuro a minha mãe ou o meu padrasto para me ajudar."	F7_J.A
		"Procuro a minha mãe e o meu padrasto quando a minha mãe não está."	F10_B.M.
		"A minha mãe e o meu padrasto ajuda-me em tudo... Dão-me apoio, falam e ajudam quando preciso (...)”	F12_R.P.

		<p>“Se tiver algum problema com amigos tanto a minha mãe e o meu padrasto aconselha-me como fazer.”</p> <p>"Quando estou com algum problema, vou ter com eles (mãe e padrasto) só depois de me acalmar."</p> <p>“Só às vezes é que vou ter com meu padrasto ."</p> <p>“Quando estou triste ou com algum problema procuro a minha mãe ou o meu padrasto para me ajudar.”</p>	<p>F2_C.S</p> <p>F12_R.P.</p> <p>F3_D.P.</p> <p>F4_P.R.</p>
	Apoio nas tarefas diárias	“(…) dão-nos muito atenção e ajudam-nos em tudo o que precisamos , quer seja na escola ou no nosso dia a dia (…)"	F10_B.M.
	Proteção e segurança	“A minha mãe e o meu padrasto preocupam-se muito comigo (…)"	F4_P.R.
		“Todos os dias perguntam-me sobre como correu a escola e o dia”	F4_P.R.
		“(…) o N. G. preocupa-se comigo e é meu amigo.”	F4_P.R.
		“A minha mãe tenta sempre fazer tudo o que pode para estar comigo. Sei que está sempre preocupada comigo, e não quero que ela se preocupe tanto”	F7_J. A.
	Estabelecimento de regras e limites por parte do/a padrasto/madrasta	“Muitas das vezes há uma discordância entre mim e o meu padrasto, por não me deixar sair à noite (…)"	F2_C.S
		“Agora quando me porto mal (tirar más notas ou desleixar-me nos estudos), a minha mãe e o meu padrasto não gosta de ralhar ou fico de castigo."	F3_D.P.
		“Quando as coisas não correm como eles (mãe e padrasto) colocam-me de castigo direto”	F4_P.R.
		“Quando me porto mal, a minha mãe e o meu padrasto conversam comigo e conforme o mal que fiz colocam-me de castigo”	F7_J.A
	Apoio nas atividades escolares	“Enquanto ela faz o jantar eu faço os trabalhos de casa e quando tenho dúvidas quem me ajuda é o meu padrasto”	F7_J.A.
		<p>“Nos trabalhos ajuda mais o M. F. (padrasto) que percebe de matemática”</p> <p>“O meu padrasto ajuda-nos nos trabalhos de casa."</p> <p>“Nos trabalhos ajuda mais o M. F. (padrasto) que percebe de matemática”</p>	<p>F13_J.B.</p> <p>F12_R.P.</p> <p>F13_J.B.</p>

TEMA 4 - SENTIMENTOS SOBRE AS VIVÊNCIAS DA FAMÍLIA

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registro (UR) “Verbalizações”	Entrevistado/a
<u>Categoria 1.</u> Vivências Negativas	Sentimento de tristeza	“(…) mas estar com a D.M (madrasta) e A.H. (filha da madrasta) sinto -me infeliz, é muito complicado, não consigo gostar delas e isso torna-se difícil de viver com elas”	F1_R. B.
		“Sinto me mal, porque não gosto deste relacionamento esta não é a minha família.”	F1_R. B.
		“Sinto-me mal.”	F5_R.v.
		“Nesta “coisa” que você chama família sinto-me infeliz, aqui em casa há mau ambiente e eu não me sinto bem e não sou feliz em viver com a L. G. (madrasta).”	F6_P.A.
		" Sabe, não me sinto bem nesta família. Não gosto do meu padrasto nem de ter de viver com ele."	F9_E.P.
		"Com o meu padrasto às vezes sinto-me mal”	F9_E.P.
		"Sinto-me infeliz, não gosto de viver com o meu pai por causa da A.C. (madrasta) “	F11_C.A.
		"Sinto-me triste por ter que viver com a A.C. (madrasta), não gosto dela quer saber demais, quer meter-se onde não é chamada (...)”	F11_C.A.
		“(…) isso deixa-me infeliz.”	F11_C.A.
	Sentimento de não pertença à família reconstituída	“Sinto me mal, porque não gosto deste relacionamento esta não é a minha família. A minha família é o meu pai e a minha mãe.”	F1_R. B.
		“Sinto me estranho, porque não me sinto em família com esta relação (...)”	F1_R. B.
		“Só o meu pai é minha família.”	F5_R.V.
	Sentimento de raiva	“(…) sinto raiva dela (...)”	F11_C.A.
	Sentimento de Incomodo	“Sinto-me mal, incomodado pela presença dela (...)”	F5_R.V.
		“Sinto-me incomodado pela presença dela, mas sei que o meu pai gosta dela (...)”	F5_R.V.
<u>Categoria 2.</u> Vivências Positivas	Sentimento de cumplicidade/ companheirismo	"Do nosso companheirismo."	F13_J.B.
	Sentimento de realização	“É bom, é fantástico (sorriu) ganhei novos familiares, e acima de tudo ganhei um irmão, que é muito, muito importante na minha vida.”	F2_C.S.
	Sentimento de felicidade	“Sinto-me bem estar com o meu pai e com o M. H. (filho da madrasta) (...)”	F1_R. B.
		“Sinto me muito feliz, é a minha nova família.”	F2_C.S.

	(felicidade familiar)	“Sinto-me feliz por viver nesta família, porque tenho um padrasto que se preocupa comigo e apesar dos castigos (risos) é meu amigo”	F2_C.S.
		“Na minha outra casa não era tão feliz (...)”	F3_D.P.
		“Sinto-me feliz, sinto-me bem viver nesta família...”	F3_D.P.
		“Sinto-me feliz por viver nesta família.”	F3_D.P.
		“Sinto-me feliz porque vejo a minha mãe feliz”	F4_P.R.
		“Sinto-me feliz com a família que tenho.”	F4_P.R.
		“Sinto-me muito bem a viver nesta família, sou muito feliz e gosto de todos (mãe e padrasto)”	F7_J.A.
		““Sinto-me bem, pois estou numa família que gosto e com quem me dou muito bem.”	F7_J.A.
		"Eu sinto-me bem (...) e gostamos de estar todos juntos."	F8_P.M.
		"Sinto-me feliz com a família que tenho"	F8_P.M.
		"Lá em casa estamos felizes..."	F10_B.M.
		“(...) isso deixa-me feliz”	F10_B.M.
		"Esta é a minha família, vivemos todos bem e por isso eu sinto-me bem, alegre isso é que importa ..."	F10_B.M.
		"Sinto-me bem, sinto que o A.R. é o pai que me faltava e que gosta de nós, que se preocupa e que nos ama de verdade somos felizes juntos”	F10_B.M.
		"Sou feliz com a minha família e acho que somos todos felizes."	F12_R.P.
		"Sinto-me muito bem viver nesta família, (...) isso faz-me sentir bem e feliz."	F12_R.P.
		"Sinto-me feliz em viver nesta família. Sinto-me bem em me dar bem com todos e todos juntos formamos uma família feliz."	F13_J.B.
		“Ele (padrasto) é muito porreiro comigo e faz a minha mãe feliz e por isso sinto-me contente em ter esta família.”	F13_J.B.
	Sentimento de pertença	“Eu gosto de pertencer a esta família”	F2_C.S.
		“Sinto-me à vontade, sinto-me em casa”	F7_J.A.
	Sentimento de confiança	“Agora tudo é muito melhor, posso confiar no H. P. (padrasto) e isso deixa-me feliz.”	F3_D.P.
		“O que mais gosto é poder confiar nela (madrasta).”	F8_P.M.

